

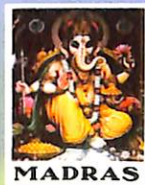
Orixás

Teogonia de Umbanda

Rubens Saraceni



Inspirado por
Pai Benedito de Aruanda



Rubens Saraceni
inspirado por Pai Benedito de Aruanda

Orixás
Teogonia de Umbanda



MADRAS

© 2002, Madras Editora Ltda.

Editor:

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica Madras

Ilustração da Capa:

Claudio Gianfardoni

Revisão:

Adriana Cristina Bairrada

Wilson Ryoji Imoto

Rita Sorrocha

Elaine Garcia

ISBN: 85-7374-573-8



Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem a permissão expressa do editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana

02403-020 — São Paulo — SP

Caixa Postal 12299 — CEP 02013-970 — SP

Tel.: (0__11) 6959.1127 — Fax: (0__11) 6959.3090

www.madras.com.br



Índice

Apresentação	7
Introdução	13
Esclarecimento	17
As Sete Linhas de Umbanda	23
A Evolução da Teogonia de Umbanda	24
A Nomenclatura na Umbanda (1941 a 1997)	24
Os Orixás	27
O Sincretismo na Umbanda através dos Tempos	28
Teogonia de Umbanda	43
Comentários sobre as Divindades da Umbanda	43
Olorum, o Divino Criador	55
Olorum, o Senhor Supremo	55
O Culto Familiar a Olorum	59
Oração a Olorum	60
Olorum, o Criador do Mundo	61
Os Orixás na Umbanda	67
Os Sete Mistérios Originais	68
1ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação da Fé	71
- Oxalá	73
Qualidades	73
Atributos	74
Atribuições	74
As Hierarquias de Oxalá	74
Oferenda	76
Água de Oxalá para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	76
Oyá Tempo	77
Água de Oyá Tempo para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	80
2ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação do Amor	83
Oxum	89
Oferenda	91
Água de Oxum para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	91

Oxumaré	93
Oferenda	102
Água de Oxumaré para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	102
3ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação do Conhecimento	103
— Oxóssi	107
Oferenda	109
Água de Oxóssi para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	109
Obá	111
Oferenda	118
Água de Obá para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	119
4ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação da Justiça Divina	121
Irradiação Bipolarizada pelos Elementos	
Fogo e Ar (Xangô e Xansã)	121
— Xangô	125
Oferenda	128
Água de Xangô para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	128
Iansã	129
Oferenda	132
Água de Iansã para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	132
5ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação da Lei	133
Irradiação Bipolarizada pelos	
Elementos Ar e Fogo (Ogum e Egunitá)	133
Ogum	137
Oferenda	142
Água de Ogum para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	142
Egunitá	143
Oferenda	148
Água de Egunitá para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	149
6ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação da Evolução	151
— Obaluaê	155
Oferenda	157
Água de Obaluaê para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	157
Nanã	159
Oferenda	160
Água de Nanã para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	160
7ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação da Geração Divina	161
Iemanjá	165
Oferenda	166
Água de Iemanjá para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	166
Omolu	167
Oferenda	175
Água de Omolu para Lavagem de Cabeça (<i>Amaci</i>)	175

Apresentação

Irmãos em Oxalá, saudações!

Este nosso livro *Orixás — Teogonia de Umbanda* é parcialmente inédito porque havia sido desmembrado em duas partes, sendo que uma integra o nosso livro *O Código de Umbanda* e outra a *Gênese Divina de Umbanda*.

Aqui ele está na sua íntegra, formando uma teogonia adaptada à religião umbandista e procura explicar o seu universo divino pela identificação dos campos de atuação dos senhores orixás planetários e de suas hierarquias divinas.

Nós sabemos que muitos autores umbandistas contribuíram com seus escritos e muitos têm sido auxiliados nas suas caminhadas religiosas pelo que eles transmitiram.

Também sabemos da existência de uma vasta literatura acerca dos orixás segundo suas concepções africanas, entre os quais citamos Pierre “Fatumbi” Verger, Roger Bastide, Nina Ribeiro, Fernandes Portugal e muitos outros renomados estudiosos dos cultos africanos e afro-brasileiros.

Entre os vários autores umbandistas gostaríamos de citar Oliveira Magno, Byron de Freitas, W. W. da Matta e Silva, Miriam Prestes, De Celso, Lourenço Braga, Antonio de Alva, Antonio Urbano Ferreira, Maria Helena Farelli, João Sebastião das Chagas Varela, José Paiva de Oliveira, Paulo de Deus, Josef Ronton, Babalorixá Omulubá, Emanuel Zespo, José Ribeiro, Clodoaldo Guimarães, Valdeli Carvalho da Costa e muitos outros que esta lista se tornaria infinita de tantos que contribuíram e estão contribuindo com seus escritos e engrandecendo a Umbanda.

Observem que queremos chamar a atenção dos leitores para o fato de que em um século de existência a Umbanda já avançou muito em seus aspectos teóricos e práticos e, no entanto, sempre haverá espaço para novos livros e conceitos, porque ela é uma religião de fato e uma fonte inesgotável de conceitos e informações. Tanto isso é verdade que jamais deixaremos de ter novos livros sobre a religião umbandista, nos quais os autores

estarão reavivando a fé dos leitores, abordando aspectos ritualísticos e conceitos doutrinários, sempre movidos pelo intuito de elucidar, esclarecer e instruir as novas gerações umbandistas.

Sim, as novas gerações são as grandes levas de pessoas possuidoras da mediunidade de incorporação que adentram diariamente os templos de Umbanda, ávidas por informações acerca do universo divino da sua nova religião.

Pai Benedito de Aruanda, M. L., já nos dizia: “Filhos, não temam as críticas cujo único intuito é destruir a Umbanda porque elas não prosperarão, já que a cada novo dia milhares de espíritos reencarnam e muitos deles já trazem abertas as suas faculdades mediúnicas, faculdades essas que os conduzirão ao encontro das religiões espíritas ou mediúnicas, tais como o Espiritismo, a Umbanda e o Candomblé”.

Pai Benedito também dizia: “Filhos, a Umbanda é maior que todos os umbandistas juntos, pois ela é uma religião, e, como tal, sempre abrigará novos fiéis, mostrando a todos que é em si um mistério de Deus, apto a abrigar em seu seio (templos) quantos a procurarem e a adotarem como sua ‘guia terrena’ nos caminhos que nos conduzem a Deus”.

Pai Benedito também nos alertava sempre sobre o fato de que, caso alguém quisesse se arvorar em “papa” da Umbanda ou chamasse para si a posse dela, dos seus conceitos e da sua doutrina, logo se veria tão assoberbado que se calaria e se recolheria ao silêncio sepulcral do seu íntimo, já que a Umbanda não tem um dono ou um papa.

Pai Benedito também nos dizia: “Filhos, a Umbanda é uma religião mediúnica e, como tal, dispensa templos suntuosos, pois onde houver um médium lá estará um dos seus ‘templos vivos’, através do qual a religião fluirá em todo o seu esplendor. Portanto, sejam bons e bem esclarecidos médiuns, porque serão a religião”.

Tantas foram as coisas ditas a nós por Pai Benedito de Aruanda que é impossível recordar todas neste momento em que escrevo a apresentação deste livro.

Mas se de algumas me recordo é para salientar a sapiência desse nosso amado irmão Preto-Velho que sempre nos alertava: “Filhos, Deus é a verdade e é a fonte divina de todos os mistérios. Só Ele realmente sabe! Quanto a todos nós, espíritos mensageiros e médiuns, somos apenas intérpretes d’Ele e dos Seus mistérios, dos quais temos nossas versões e nada mais”. Logo, caso lhes digam: Esta é a verdade final sobre Deus e sobre seus mistérios — fiquem alertas porque ali estará alguém fazendo proselitismo em causa própria ou é um mero especulador.

Se relembro os alertas de Pai Benedito de Aruanda, dados quando ele psicografava através de mim, é porque ele sempre foi um crítico ardente de muitos dos comentários sobre os orixás.

Ele não poupava ninguém quando o assunto era os orixás e até nos dizia: “Filhos, hoje estão surgindo pessoas, cheias de soberbia e sapiência,

arvorando-se em arautos do saber sobre os orixás, tal como faziam os missionários cristãos, que saíam pelo mundo catequizando a torto e a direito pessoas cuja religiosidade simples não resistia diante das suas citações em ‘latim’, feitas muito mais para impressionar as ‘massas ignorantes’ que pelo seu conteúdo”.

“Lembrem-se”, alertava-nos Pai Benedito, “que orixá é mistério de Deus! E, como tal, assume as feições humanas que lhe dermos. Mas lembrem-se também: Existe uma Ciência Divina que explica os mistérios dos orixás de forma científica e, em vez de recorrer aos seus aspectos míticos, os decifra e os ensina através das qualidades divinas que cada um deles é em si mesmo”.

“Na ‘ciência divina’ está a chave para decifrar os mistérios dos orixás, filhos de Umbanda!” — alertava-nos Pai Benedito de Aruanda, M. L. “Na ciência divina existe uma ciência dos entrecruzamentos que nos explica cada orixá cultuado nas religiões africanas puras ou afro-brasileiras.”

Pai Benedito sabia de coisas que nós não conhecíamos, mas que o tempo se encarregou de nos mostrar.

Recentemente (março de 2000) ganhei um livro intitulado *Orixás da Bahia*, de autoria de Elyette Guimarães de Magalhães e, para minha surpresa, encontrei uma descrição sobre o orixá Logum Edé, a qual transcrevo na íntegra:

“Este grande orixá, filho de Ibualama ou Inlé — uma ‘qualidade’ de Oxóssi, como dizem os afro-haitianos — e da Oxum cognominada Yeyê Ponda ou mais simplesmente Oxum Ipondá, participa de modo muito imediato tanto da natureza como da própria condição de seu pai e de sua mãe, cujos caracteres reúne (os mais opostos inclusive) e em cujos domínios alterna. Assim é que de seis em seis meses, conforme os mitos, deixa de ser o másculo caçador habitante dos bosques, onde captura e mata os animais selvagens dos quais se nutre, para mudar-se em bela ninfa vaidosa e cheia de requiebro, senhora das águas doces de cujos peixes ora se alimenta — e vice-versa. Poderíamos mesmo dizer que Logum Edé é, de fato, numa só pessoa e sucessivamente, Ibualama e Oxum”.

Eis aí uma descrição mítica de um orixá conhecido pela ciência divina como o Oxóssi intermediário para os domínios de Oxum.

Na ciência dos entrecruzamentos, discutida parcialmente no nosso livro *O Código de Umbanda*, já vimos surgirem os orixás intermediários a partir dos cruzamentos das irradiações verticais com as correntes horizontais (faixas vibratórias), e ali todos foram identificados por nomes simbolizadores dos seus campos de ação nos domínios divinos.

Deduzimos que Logum Edé é o nosso amado pai Oxóssi do amor, da união e da concepção da vida, ao qual descrevemos assim:

— 2º Oxóssi: é o Oxóssi do amor ou Oxóssi mineral, também denominado Oxóssi do conhecimento genético. Ele surge a partir do 2º pólo magné-

tico, que é formado no entrecruzamento com a corrente eletromagnética mineral, regida pelo orixá Oxum (orixá da concepção e do amor) com a 3ª irradiação vertical, regida por Oxóssi.

É impressionante como a descrição mítica e a científica se encaixam no caso de Logum Edé e do 2º Oxóssi ou “Oxóssi do amor”, e se alguém ainda duvidar de que são uma só divindade, então nada podemos fazer além de recomendar isto: dêem tempo ao tempo para esclarecer o que não nos foi possível.

Observem que, se ressaltai o caso do orixá Logum Edé, já que *O Código de Umbanda* foi escrito em 1994 e só em março de 2000 este livro me chegou às mãos, e o código é obra mediúnica de diversos espíritos (Pai Benedito inclusive), também em maio de 2000, durante uma aula de teologia de Umbanda, mestre Anaanda nos revelou que o orixá Ewá é uma “Iemanjá” intermediária, regente de uma faixa vibratória horizontal em cujas “pontas” estão Iemanjá e Ogum, fato esse que a torna impulsiva como toda Iemanjá e aguerrida como todo Ogum, levando muitos a identificarem-na como uma “Iansã”.

A ciência divina nos ensina que Ewá é uma divindade intermediária de Iemanjá, que atua sob a irradiação de Ogum como geradora de uma vibração, energia e magnetismo criadores do caráter e amoldadora da moral dos seres sob sua influência.

Creemos que esses dois exemplos já são suficientes para que os nossos leitores entendam o objetivo da nossa *Teogonia de Umbanda*.

Mas alertamos: leiam e releiam com atenção toda ela, pois, heresia das heresias, os espíritos mensageiros ousaram o impensável:

— Separaram os mistérios Obaluaê e Omolu, cujos campos muito específicos e bem definidos são reservados a eles.

— Também cometeram outra heresia impensável: separaram Oyá Tempo de Iansã, e Egunitá da segunda.

Nós sabemos que Egunitá é descrita como uma das qualidades de Iansã na mitologia yorubá. Também sabemos que Oyá é a divindade e “Iyá Mesan” é mãe dos nove filhos, etc.

Mas os espíritos mensageiros ousaram desmembrar esse mistério magnífico e nos revelaram três divindades distintas, sendo que “Oyá Tempo” rege sobre a religiosidade, “Iansã” sobre a lei e “Egunitá” sobre a justiça, três campos distintos e complementares entre si.

Aos olhos dos cultos tradicionais isso é heresia pura, mas os espíritos mensageiros ousaram separar e explicaram detalhadamente o elemento, o sentido da vida e o campo nos quais cada um desses mistérios atua e o que realizam, independentemente de querermos ou não, pois, além de divindades dos cultos africanos, são os orixás de Deus, os regentes da evolução dos seres!

Se os espíritos mensageiros cometeram uma heresia tão grande por ousarem separar Obaluaê de Omolu e Oyá Tempo de Iansã e esta de Egunitá,

devem ter se escudado em “algo” anterior e superior às descrições míticas sobre os orixás.

Ou será que foi esse “algo” que os ativou e lhes deu a outorga para ousarem tanto quando a regra até então era a de todos se curvarem e se calarem quando os seus filhos médiuns ouviam relatos confusos sobre os orixás, mas crentes no poder deles, evocarem-nos em seus trabalhos?

O que já se difundiu de confusão sobre os orixás não é pouco. Mas ainda assim eles sempre se manifestaram e auxiliaram a quem os evocou e a eles confiou seus clamores.

Orixá é um termo yorubá que podemos traduzir por “deuses” ou divindades de Deus, e nós bem sabemos que o que definimos por divindade é um conceito humano sobre um mistério de Deus.

Cada divindade é, em si, uma descrição humana sobre algo de difícil definição, porque nós, acostumados a coisas bem definidas, não assimilá-riamos facilmente a descrição de um mistério de Deus tão abstrato e concreto ao mesmo tempo.

Se tomarmos Ogum como exemplo, entre os nigerianos é um Deus do ferro e da agricultura. Já entre os gregos antigos encontramos esse mesmo mistério como o temido Marte, o Deus da guerra. Já entre os umbandistas, Ogum é o senhor das “demandas”. E todos estão certos, pois, de cada ângulo que observarmos o mistério Ogum, veremos uma de suas facetas, já que um mistério se adapta a todas as visões que dele tiver quem evocá-lo e ativá-lo mágica ou religiosamente.

Quanto aos mistérios “separados” pelos espíritos mensageiros, será que eles eram o que descreveram ou narraram o que viram? Será que, num passado remoto, mistérios parecidos não se sobrepueram ou foram sobrepostos para facilitar suas assimilações pelo maior número de pessoas?

Nós já comentamos sobre os orixás Logum Edé e Ewá e de como a ciência dos orixás os explica cientificamente, pois eles ocupam casas bem definidas nas hierarquias celestes. Isso não diminui os seus aspectos divinos e não desvaloriza os conceitos humanos sobre eles, já que, ao explicá-los e defini-los claramente, os enaltece e os enobrece ainda mais aos olhos dos umbandistas, que antes não tinham explicação alguma sobre esses orixás cultuados no Candomblé, mas não na Umbanda.

O bom senso nos diz que se a Umbanda herdou suas divindades dos cultos de nação, todas estão nela, ainda que não sejam facilmente definidas, pois, na Umbanda, todas as divindades intermediárias são definidas por nomes simbólicos e não por seus nomes yorubás, como daomeanos, bantus, etc. Abrimos a ciência dos orixás, criamos a tela plana todos se acomodam perfeitamente e, heresia das heresias, revelamos o mistério dos orixás: os seus fatores!

Sim. Os fatores de Deus.

Por meio dos fatores de Deus os umbandistas têm a chave mestra que tanto explica os orixás quanto suas lendas, seus arquétipos míticos e suas funções na criação.

Mas, hereges como somos, não paramos nos fatores e abrimos a chave dos magnetismos dos orixás e de suas telas vivas e divinas que interpenetram toda a criação de Deus.

Na *Gênese Divina de Umbanda*, os fatores de Deus explicam os orixás, e no livro *A Androgenesia de Umbanda*, eles explicam nossa filiação divina e o motivo de todos terem um orixá em sua ancestralidade, não importando sua raça ou religião.

Mas isso é coisa de herege, certo?

Então, que nos critique quem achar que deve e que nos condene quem não encontrar sentido em nossa obra. Mas que todos saibam de antemão que não primamos pelo lugar-comum ou pelo “amém” aos dogmas e às tradições já estabelecidas em nome dos orixás, pois somos inovadores, pioneiros e... hereges.

A história tem sido generosa para com quem é assim, pois o tempo só confirmou que os inovadores, os pioneiros e os hereges estavam certos. Quanto aos acomodados, aos conservadores e aos dogmáticos, esses cuidavam de seus feudos... e nada mais.

Em nome dos mestres da luz!

Rubens Saraceni, um herege num campo onde todos querem ser “Pai” de Santo em vez de se contentarem em ser filhos dele.

Introdução

Irmãos em oxalá, a hora da uniformização doutrinária umbandista está chegando.

É crucial à preservação da Umbanda e à sua perpetuação no tempo, na mente, na consciência e no coração das pessoas que nos unamos numa só direção.

É do conhecimento de todos os umbandistas o descaso dado a nós em eventos públicos nos quais só nos convidam a participar porque somos muito numerosos.

O descaso com que somos tratados se deve ao fato de a Umbanda não ter uma doutrina religiosa uniforme e totalmente fundamentada em ritos, liturgia, cosmogonia, teogonia, androgenesia, ética e dialética genuinamente umbandistas e uniformes.

A Umbanda é uma colcha de retalhos doutrinários, com pedaços recolhidos nas outras religiões e adaptados à nossa religiosidade e às nossas práticas.

Cada um que assumiu uma liderança relativa no decorrer do tempo adaptou ao seu rebanho os conceitos que achou mais apropriados e deu início à compartimentação da religião, tornando difícil uma uniformização dos fundamentos umbandistas.

Temos várias correntes doutrinárias e cada uma delas se apresenta como a detentora da “verdade” e trata as outras como formadas por meros especuladores.

Mas se inquirirmos seus líderes maiores, descobriremos que não têm nada mais que um belo discurso e um imenso vazio doutrinário, pois suas cosmogonias são parciais ou infundadas e falta-lhes uma visão realmente umbandista do universo divino cultuado dentro da nossa religião.

Uns misturaram conceitos teosóficos, ocultistas, herméticos, cristãos, judaicos, etc., e desse amálgama disforme criaram uma Umbanda diferenciada ou iniciática, fundamentada nos conceitos acima citados.

Outros misturaram cristianismo, pajelança e culto aos orixás e criaram uma Umbanda “popular”.

Outros ainda misturaram kardecismo, cristianismo e alguns conceitos magísticos e indigenistas e criaram uma Umbanda “branca”.

Outros fundiram espiritismo e pajelança e criaram a Umbanda de “Caboclos”.

Outros umbandistas que se transferiram para o Candomblé ou foram até ele para “fazer a cabeça” criaram a antiga Umbanda “cruzada”, que atualmente descambou para o nefasto “umbandomblé”.

E por aí afora o universo umbandista se mostra como uma colcha de retalhos, isso sem contar com a pressão de “evangélicos e católicos” a nos fustigar continuamente com críticas vilipendiantes, e ainda com o “povo do santo” (o Candomblé) à espreita do rebanho umbandista, ávido de “convertê-lo” para um culto no qual, nele sim, terão “força e poder”! Estes últimos são lobos vigiando um rebanho de frágeis ovelhas e sempre que podem saqueiam a Umbanda, arrastando para seus domínios os umbandistas despreparados para a nobre função a que se propuseram realizar como sacerdotes ou médiuns; já os bem preparados não abandonam sua religião.

Aqui, neste nosso livro inspirado pelos espíritos mentores do Ritual de Umbanda Sagrada, concretizada no plano físico da criação como a religião de Umbanda, você, amigo leitor, encontrará uma Teogonia de Umbanda fundamentada nas divindades cultuadas pelos umbandistas: os orixás!

Na Umbanda não se cultuam “Inkices” porque são divindades do culto angolano; não se cultuam “Voduns” porque são do culto tambor de minas; não se cultuam “santos” católicos porque são ícones da Igreja Católica Apostólica Romana; não se cultuam “profetas” pois são luminares do judaísmo; não se cultuam “devas” hindus porque são divindades do hinduísmo. Na Umbanda todos cantam para orixás, que são os senhores concretizadores da criação divina e regentes da evolução dos seres, das criaturas e das espécies cujos fatores divinos estão na origem de tudo o que o divino Olorum criou.

Todos os terreiros de Umbanda cultuam os “orixás” e é neles que fundamentamos a Teogonia de Umbanda, apresentada a todos agora, quase um século após o marco fundamental dela, lançado pelo senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas através do seu médium Zélio Fernandino de Morais.

Se todos os umbandistas cultuam Olorum, Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Iemanjá, Oxum, Nanã, Obaluaê, Omolu, Oxumaré, Exu, etc., então temos uma teogonia fundamental derivada dos povos “nagôs”, só que adaptados à nossa visão e entendimento, à nossa religião e modo de cultuá-los.

Para cultuarmos os orixás não precisamos pedir licença a ninguém, muito menos aos nossos irmãos cultuadores deles no Candomblé.

— Os primeiros cristãos não pediram licença aos sábios do templo de Jerusalém para iniciar o cristianismo, fundamentado no velho testamento e na renovadora mensagem de Jesus Cristo.

— Os primeiros budistas não pediram licença aos seus pares orientais para iniciar sua religião.

— O profeta Maomé não foi a Jerusalém pedir licença para iniciar o islamismo, fundamentado no velho testamento e na mensagem recebida por ele do arcanjo que o incumbiu de fundar uma nova religião.

— A igreja ortodoxa grega não pediu licença a Roma para seguir seu próprio caminho. Apenas se separou dela, e pronto.

— Os primeiros protestantes da Europa não fundaram o protestantismo (e seus vários segmentos) com o aval da igreja de Roma, mas como uma dissidência a ela e um contraponto ao seu dogmatismo interesseiro e opressor do livre-arbítrio dos seus fiéis. Assim tem sido com todas as religiões no decorrer dos tempos e não seria diferente com a Umbanda, pois foi um Caboclo, expulso de uma “casa kardecista” e tachado de “Egum” no Candomblé, que sem pedir licença a qualquer religião e sacerdote disse que ali se iniciara uma nova religião, a Umbanda, e ponto final.

Que nos critique e vilipendie quem quiser, mas um dia todos serão “Eguns” e só encontrarão o vazio dos vazios ao desencarnarem, porque das coisas divinas só Olorum é Senhor.

Quanto a nós, espíritos encarnados ou desencarnados, somos seus beneficiários, e nós, os umbandistas, temos a nossa interpretação deles e a forma de cultuá-Lo que, se é diferente do Candomblé, é a nossa interpretação e forma.

Respeite-as quem quiser e aceite-as como válidas também quem for sábio.

Quanto aos que não respeitam nossas interpretações e não aceitam nossa forma de cultuá-Lo, que cuidem dos seus rebanhos porque do rebanho umbandista cuidamos nós, os sacerdotes umbandistas.

Não nos imiscuímos nas searas espírita, católica, evangélica ou dos cultos de nação, e não admitimos ingerência em nossa religião, religiosidade e assuntos de quem não é umbandista.

Não ditamos normas, procedimentos e formas de culto ao Candomblé e não aceitamos que nos critiquem ou nos diminuam porque não rezamos pelas mesmas cartilhas adotadas por seus segmentos: Angola, Mina, Keto, etc.

Os mistérios divinos (os orixás) estão para todos e desde que criamos nos seus poderes divinos, os cultuemos com fé, amor, respeito e reverência com certeza receberemos deles todo o amparo de que precisamos para exercitar nossa crença e evoluir sob suas guias divinas.

Irmãos umbandistas, aqui, neste livro *Orixás — Teogonia de Umbanda*, colocamos à apreciação uma interpretação e uma ordenação do nosso universo divino, enaltecendo e divinizando ainda mais os nossos genitores divinos, elevando-os ao alto do Altíssimo e separando-os dos procedimentos tipicamente humanos dados a eles nos seus mitos e lendas, muitas bastante parecidas com as lendas gregas, que antropomorfizaram

os mistérios divinos, dando-lhes feições tão humanas e terrenas que não resistiram aos propagadores do cristianismo, que acabaram com o culto aos deuses gregos no curto espaço de dois séculos.

O mesmo fizeram os cristãos com as divindades muito “humanas” de várias outras religiões e povos.

Se cultuamos os orixás, os elevemos ao alto do Altíssimo, enalteçamos seus mistérios e devolvamos a eles suas feições divinas, pois só assim nossa religião, a Umbanda, se fundamentará tão solidamente que deixará de ser um celeiro de talentosos médiuns deixados à própria sorte e ao sabor das várias correntes doutrinárias, todas frágeis e incapazes de pensar a religião como um todo composto por muitas partes, mas com um só objetivo: a evolução espiritual dos seus adeptos!

Para a apreciação dos umbandistas de fato e de direito, eis a obra *Orixás — Teogonia de Umbanda!*

Esclarecimento

Aqui, neste livro, usamos os nomes Oyá Tempo, Egunitá e Iansã com significados distintos, ainda que saibamos por vários autores (Pierre Verger, Juana Elbein dos Santos, Fernandez Portugal, Roger Bastide, Volney J. Berkenbrock, Artur Ramos e outros autores renomados aqui não citados) que: **“Oyá Tempo é o orixá do Rio Níger; seu nome deriva de Aberi Amesan; Oyá Tempo chama-se Iyá Abesan perto do palácio Akron em porto novo... a identidade de Avesan e Oyá Tempo me foi confirmada pelos sacerdotes deste templo. Eles declaram que essa divindade foi trazida de uma região situada além do território de lagos havia muito tempo, antes da chegada dos Gun. Permaneceu durante certo tempo na região de Ipokia, na Nigéria, de onde foi trazida para Akron pelo Oba (rei) Oganju... seu nome deriva de Aberi Amesan (com nove cabeças)... Existia outrora no bairro de Akron ou Okoro um monstro com nove cabeças, cujo nome era Abori Messan Adjaja ou Vessan”**. Essas informações foram colhidas do livro *Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns*, de Pierre Verger, pág. 388.

Já no livro do professor Fernandez Portugal (*Curso de Cultura Afro-brasileira*), no capítulo reservado a Oyá Tempo, temos: **“O culto a Oyá Tempo está ligado aos ancestrais. Ele é o único orixá que pode virar no Axexe.**

Epare-eparrei, no Brasil — é a louvação a um dos raios de Oyá Tempo.

Iyásan — nome pelo qual Oyá Tempo é conhecida no Brasil, Iyá (mãe) san (trovejante, retumbante) ou senhora da tarde.

Epare Iyá Mesan Orun — a mãe dos nove Orun, e o último deles foi Egun.

Gbale — em yorubá quer dizer governadora, governanta. Oyá Tempo foi governanta de uma província na cidade de Abeokuta com o nome de Oyá-Gbale, e Oyá Tempo é a detentora, chefe matriarcal da sociedade secreta de Egun. As Oyá-Gbale são Oyá-Funán e Oyá-Fure, as demais não têm todo o poder sobre Egun (morte)”.

A seguir o Prof. Fernandez Portugal enumera o que ele denomina “Qualidade de Oyá Tempo”:

“Egun Okuta (Egunitá) — fundamento com Ogum Wari e Ode

**Oyá Binká
Oyá Seno
Oyá Abomi
Oyá Gunám
Oyá Bagám
Oyá Onirá
Oyá Kodum
Oyá Magambeile
Oyá Yapopo
Oyá Onisoni
Oyá Bagdure
Oyá Tope
Oyá Filiabá
Oyá Semi
Oyá Sinsirá
Oyá Sire”.**

Ele enumera também as qualidades de Oyá-gbale:

**“Oyá Funam
Oyá Fure
Oyá Gere
Oyá Toningbe
Oyá Fakarebo
Oyá De
Oyá Mim
Oyá Lario
Oyá Adagangbará”.**

Quem quiser saber mais estude nos livros aqui citados por nós e em muitos outros de ótimos autores “afro-brasileiros”.

Mas se aqui citamos alguma coisa sobre Oyá Tempo e Iansã foi para que saibam que conhecemos o que é corrente nos cultos afro-brasileiros sobre esses dois orixás.

O mesmo se aplica ao binômio Obaluaê e Omolu (o novo e o velho) e sobre Oxalufã e Oxaguiã (Oxalá velho e Oxalá novo).

E se conhecemos e ainda assim separamos Obaluaê de Omolu, e não diferenciamos Oxalá em velho e novo, mas os englobamos num só mistério, é porque alguns mistérios nós os separamos ainda que isso seja uma here-sia aos olhos dos tradicionalistas, temos nossas razões para fazê-lo e a autorização superior dos espíritos mentores da Umbanda Sagrada.

O mesmo fizemos com Oyá Tempo, Iansã e “Egunitá”:

— Oyá Tempo ficou sendo o “tempo eterno” ou Oyá Tempo. Ela polariza com Oxalá e rege sobre a religiosidade dos seres.

— Iansã ficou sendo a senhora da lei, direcionadora dos seres e no elemento eólico puro realiza a ordenação com Ogum, formando a 5ª irradiação divina.

— Egunitá ficou sendo o nome do orixá feminino do fogo e no elemento ígneo puro aplica a justiça divina com Xangô na vida dos seres.

Nas linhas de elementos, temos esta classificação:

Irradiação Pura da Justiça Divina (Ígnea)	{	Xangô Egunitá
Irradiação Pura da Lei (Eólica)	{	Ogum Iansã
4ª Linha de Umbanda Bipolarizada por Elementos Complementares (Cruzada)	{	Xangô Iansã
5ª Linha de Umbanda Bipolarizada por Elementos Complementares (Cruzada)	{	Ogum Egunitá

Logo, se conhecemos os mitos, as lendas e a teogonia yorubana, e dela nos servimos de determinados nomes (Oyá Tempo), epítetos (Iyá Mesan) e qualificativos (Egunitá), não o fazemos por nada conhecermos sobre os sagrados orixás, mas sim porque assim nos foi determinado por poderes superiores que sabem de coisas que não conhecemos aqui embaixo na terra (no aiyê) e recorremos a três dos termos derivados do mistério maior “Tempo”.

Portanto, insisto na minha advertência: aqui nesta nossa Teogonia de Umbanda Sagrada usamos nomes, epítetos e qualificativos yorubanos para explicar certos(as) senhores(as) de mistérios ainda desconhecidos(as) dos encarnados, que só conhecem algumas das inúmeras atribuições dos senhores orixás.

Quanto aos seus mistérios originais e seus atributos divinos, o que vemos no plano material da vida é muito pouco, quase nada mesmo.

Logo, não venham atirar pedras no que desconhecem porque com certeza serão surpreendidos após desencarnarem e descobrirem que o que aprenderam estava calcado nas aparências exteriores e “humanas” dos orixás, os mistérios de Olorum.

Os mitos e as lendas são indicadores das qualidades, atributos e atribuições dos orixás, mas não são a última palavra sobre eles e não devem ser lidos ao pé da letra, mas sim interpretados para que deles se extraia o que os seus criadores estavam querendo dizer.

Oyá Tempo, “a mãe dos nove filhos”, não pariu nove filhos aqui no lado material da vida, mas sim é o orixá que rege o tempo e cujo mistério maior abre-se em nove outros, cada um deles regendo um aspecto da criação divina, dos seres, das criaturas e das espécies.

O misterioso fole de Ogum — dono da forja que fabrica armas para os outros orixás e ferramentas de cultivo —, agitado por Iansã para acender o fogo, é o real mistério desses dois orixás, que são eólicos.

“No ar que alimenta o fogo” está a qualidade original desses orixás “eólicos”. Na lei que executa a justiça divina estão seus mistérios maiores.

Se Xangô (a justiça) estava sempre em guerra (demandas), era da forja de Ogum, cujo fole era agitado por Iansã que trazia as armas (os recursos), de que ele precisava para vencê-las. Ou não é verdade que onde há a discórdia extremada só com o uso da força e das armas (Ogum) a paz volta a reinar?

Uma lenda tem que ser interpretada, pois traz em si o conhecimento oculto sobre os mistérios que vela.

Mas quem procura fazer isso com conhecimento de causa e com isenção de espírito?

Seria bom alguém fazer isso antes que os mitos da construção do mundo, as lendas e os orikis comecem a ser usados contra os cultos afro-brasileiros pelos seus adversários, sempre à espreita de uma brecha para denegrir quem tem real poder de abalar seus feudos religiosos.

Deus não criou religiões. Quem as criou, cria e criará são os seres humanos (encarnados e desencarnados).

— Deus é o que é: o incriado Criador.

— Os orixás são o que são: mistérios do Criador.

Quanto às religiões, são criações humanas, que procuram dar feições humanas a Deus e aos seus mistérios.

Até esta nossa obra está sujeita à contestação por parte das outras religiões, das correntes doutrinárias e interpretativas da Umbanda e das correntes (cultos) do Candomblé.

É um direito de todos refutarem o que é “novo” e pode abalar seus feudos religiosos, construídos a partir do que lhes foi útil.

Mas que ninguém nos negue o mesmo direito que lhes foi concedido quando construíram suas religiões e estabeleceram seus panteões divinos.

Em religião (e em qualquer outro campo) nada surge do nada. Todos se fundamentam em mitos da criação mais ou menos comuns a toda a humanidade e extraem deles o que lhes parece mais verdadeiro e com o que mais têm afinidade e assim constroem uma doutrina religiosa, uma

ritualística, uma liturgia, uma teologia e uma teogonia, e começam a semear “sua” religião como se ela fosse a única verdadeira e com fundamentos divinos. Quanto às outras, são só seitas inconseqüentes criadas por desconhecedores da “verdade”.

Quem são esses donos da “verdade última”, que é Deus?

Quem pode realmente dizer que conhece de fato a “verdade”, que é Deus?

Se há alguém que é o dono da verdade e que a conhece realmente, então que só ele desclassifique esta nossa “Teogonia de Umbanda”.

Para nós, o único dono da verdade e que realmente a conhece é Deus. Para Ele prestamos e sempre prestaremos contas das nossas ações humanas. Quanto aos ofendidos e aos inconformados com nossa Teogonia, que cuidem das suas como bem lhes aprouver, pois da nossa cuidamos nós. E se não criticamos as teogonias alheias e as respeitamos porque sabemos que são construções humanas acerca do universo divino, o mesmo procedimento exigimos para conosco.

Aos umbandistas esta teogonia se destina. À Umbanda Sagrada ela pertence, porque foi idealizada por espíritos mentores da Umbanda.

Ela foi construída sobre valores divinos ancestrais e visa perpetuá-los pela religião de Umbanda... se for aceita pelos umbandistas. Caso contrário, que outros umbandistas construam outras teogonias até que uma, finalmente, venha a ser aceita por todos e finalmente tenhamos um panteão divino definitivo e do agrado de todos.

Mas que essa teogonia final seja construída por umbandistas de fato, e não pelos adeptos de outras religiões.

Afinal, se o culto a Olorum e aos orixás dentro da Umbanda tiver que ser ditado pelo Candomblé, então que não percam tempo e transfiram-se logo para ele, pois terão menos trabalho.

Umbandistas, tenham uma boa leitura e lembrem-se disso:

Tudo o que aqui está codificado tem o poder da realização. Assim, se oferecerem, por exemplo, o senhor “Oxóssi do amor e da concepção ou o senhor Oxóssi mineral”, com absoluta certeza serão atendidos nos seus clamores, segundo sua fé e seu merecimento.

E o mesmo se aplica a todos os senhores orixás aqui codificados com nomes simbólicos.

As Sete Linhas de Umbanda

Na Umbanda, desde seu início, os guias espirituais, ao se manifestarem em seus médiuns, comentavam sobre as sete linhas e isso gerou uma série de teogonias espirituais porque, por causa do sincretismo já muito antigo, os orixás eram associados aos santos católicos.

Não foi a Umbanda que criou o sincretismo porque ele foi um recurso dos escravos, oprimidos e proibidos de cultuar seus deuses tanto pela igreja quanto pelos senhores brancos, que temiam as práticas fetichistas trazidas por eles da África.

Então, que fique claro que a Umbanda não criou o sincretismo dos orixás com santos católicos. Mas ela se serviu, e ainda se serve, dele porque seus fundadores (os primeiros umbandistas) acharam cômodo usá-lo e dele se servirem, pois todos eram oriundos do catolicismo, então predominante, e que perseguia todas as manifestações espirituais de mesa branca, umbandista ou afro-brasileira (Candomblé).

Foi muito cômodo se servir do que já era corrente no Candomblé e no espiritismo, misturar tudo e criar uma nova religião.

Por ser cômodo deixou a porta aberta para a especulação, e seus primeiros autores criaram tantas interpretações que o caos se estabeleceu muito rapidamente entre as várias correntes ou “escolas”, fundadas por pessoas movidas pela boa vontade, mas muito individualistas, sendo que cada um quis impor a versão de “sua” Umbanda.

Um achava uma coisa, outro descobria outra, e todos lutaram para impor sua interpretação como a ideal para os umbandistas.

Hoje, quase um século após o início da Umbanda, ainda não há um consenso quanto à teogonia umbandista e tudo continua à espera de uma codificação ampla e que acomode todas as correntes umbandistas, fazendo com que deixem de recorrer ao sincretismo religioso e que todos cultuem os orixás com seus nomes originais adaptados à nossa língua e modo de reverenciá-los e oferendá-los.

A Evolução da Teogonia de Umbanda

A Nomenclatura na Umbanda (1941 a 1997)

A nomenclatura do panteão divino da Umbanda é feita em português, já que é a língua que falamos.

Logo, não se justifica a postura de alguns umbandistas que tentam imitar as nomenclaturas africanas dos cultos de nação, arrolados no denominador comum: “Candomblé”.

O fato de os responsáveis pelos cultos de nação terem estudado as línguas dos países onde estão as raízes de seus cultos é louvável, e o resgate de suas tradições e seus fundamentos é vital porque só assim, bem fundamentados, esses cultos se perpetuarão no tempo e servirão a muitos.

Quanto à Umbanda, ela nasceu no Brasil, foi “fundada” pelo senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas e por seu médium, o saudoso Sr. Zélio Fernandino de Moraes. A Umbanda tem sua própria dinâmica, seus ritos, seus cantos litúrgicos, sua teogonia, sua teologia, etc., em português e é assim que tem que ser.

Não importa se a palavra orixá é uma adaptação fonética da língua nigeriana.

Às divindades isso não importa e não as diminui em nada se as evocamos pelos seus nomes adaptados à língua portuguesa porque, para elas, o que importa é o respeito, a fé e o amor com que são evocadas por nós.

Eu, um umbandista, evoco Iemanjá com o nome que aprendi e não será evocando-a por “Yemojá” que serei melhor atendido. Talvez ela, compreensiva como todas as mães divinas, veja no esforço do umbandista em evocá-la pelo seu nome yorubano apenas uma tentativa de preservação do seu nome original. Mas provavelmente preferirá que os umbandistas brasileiros a evoquem pelo seu nome aportuguesado, já que não estamos na Nigéria e nossa língua nacional não é o yorubá.

É muito comum aos seres humanos ostentarem o conhecimento de outras línguas para se mostrarem superiores aos seus semelhantes.

Antigamente, quando a igreja católica romana reinava absoluta no campo religioso e político e ministrava suas missas em latim, fazer citações em latim angariava respeitabilidade e dava um ar de superioridade a quem as pronunciava ou as escrevia.

Era considerado intelectual quem assim procedia, e muitos se aprimoravam no estudo do latim, ministrado regularmente nos cursos secundários (ensino médio).

Mas a abolição das missas em latim e a opção pela língua inglesa nos cursos regulares fizeram com que ele praticamente desaparecesse entre nós nos dias de hoje.

Foi uma atitude sábia da igreja católica, pois as missas deixaram de ser rezadas só pelo padre, que falava com fluência o latim, e passaram a ser rezadas por todos... em português.

Agora nós, umbandistas, não devemos caminhar na contramão e adotar o yorubá, o banto ou qualquer outra língua africana nos templos de Umbanda porque poucos dominam realmente essas línguas e muitos que tentam imitar os sacerdotes do Candomblé acabam se ridicularizando por causa das pronúncias errôneas e, além disso, seus fiéis não entendem nada.

O português é a língua da Umbanda no Brasil e devemos preservar essa nossa característica tanto em nossos cantos rituais quanto na nomenclatura das divindades.

A Umbanda não é o Candomblé e não devemos imitá-lo, mas sim assumir nosso lugar entre as religiões.

Quanto mais imitarmos, mais nos descaracterizaremos e mais nos tornaremos dependentes dos conhecimentos alheios.

Os orixás são mistérios de Deus e não são propriedade exclusiva de ninguém, nem do Candomblé.

A Umbanda os cultua e tem neles um dos seus fundamentos divinos. Eles respondem segundo o merecimento de quem recorre a eles, e ponto final!

Quanto aos que nasceram em um país predominantemente cristão, se converteram a um dos cultos de nação e depois começaram a se assoberbar e se sentir donos dos mistérios orixás, bem... exijam a prôcuração dada a eles pelos orixás tornando-os os únicos a ensiná-los, a interpretá-los e a evocá-los.

Se alguém apresentá-la, verifiquem se não é falsa, pois, até onde sabemos, os orixás ainda não fizeram isso.

Mas se alguém ensinar que eles são mistérios de Deus e que são nossos pais ancestrais, que são fé e amor, lei e justiça, conhecimento e evolução, geração e vida em Deus, então estarão diante de um procurador natural deles e que dispensa documentos ou apresentação de suas "raízes".

Quando estiverem diante de alguém assim, ouçam-no com atenção porque certamente os orixás estarão falando-lhes por meio dessa pessoa... e em português!

Portanto, o português é a língua que usamos na Umbanda para denominar os sagrados orixás e eles esperam que assim procedamos como seus filhos umbandistas.

Os Orixás

O nome orixá vem da Nigéria, cuja língua predominante é o yorubá, sendo que temos à nossa disposição dicionários e livros didáticos que ensinam essa língua africana.

Há muitas pessoas ensinando a língua yorubana em cursos livres e isso tem trazido um pouco de esclarecimento e melhoria dos termos usados no Candomblé e na Umbanda, pois seus reais significados estão sendo descobertos.

É certo que divindades com características comuns são encontradas nas outras nações que compõem o Candomblé ou qualquer outra religião.

Se pesquisarem em livros sérios que abordam as antigas religiões naturistas, encontrarão os mesmos mistérios (orixás), só que com outros nomes e outras “imagens humanas”, mas têm tudo em comum e até poderíamos, por analogia, criar uma tabela comparativa ou um sincretismo multirreligioso, tal como os umbandistas fizeram porque o herdaram dos Candomblés, de então todo um sincretismo de sobrevivência religiosa.

Sim, todos conhecem o recurso usado pelos povos africanos trazidos para o Brasil como escravos: adoravam Oxalá por trás de Jesus Cristo, Ogum por trás de São Jorge ou São Sebastião, Oxum por trás de Nossa Senhora, etc.

A Umbanda, muito mais espírita e cristã no seu início, se serviu desse sincretismo já antigo, e seus primeiros pontos cantados misturavam os nomes de santos católicos com os dos orixás, fazendo uma lenta transição e transposição da religiosidade dos freqüentadores dos seus templos.

Apesar de a esmagadora maioria dos terreiros de Candomblé ser, na época (1900 a 1920), de origem “angolana” (povos que falavam a língua banto e cultuavam suas divindades com nomes dessa língua), a Umbanda não adotou esses nomes, mas sim os nigerianos.

Os “orixás” dos povos nagôs se impuseram desde o início nos templos de Umbanda e até em alguns cultos cuja origem não foi na Nigéria, mas sim em Angola, Daomé, África do Sul, etc.

O poder de atração dos nomes dos orixás é indiscutível e alguns autores desenvolveram tabelas pela analogia de atributos divinos e campos de atuação, comparando-os às divindades das outras nações.

Então, que fique bem claro a todos que usamos neste livro os nomes dos orixás, portuguesesados através dos tempos e não por nós, e porque esta é a realidade atual da religião de Umbanda.

Quanto aos nomes usados nos cultos mistos, tais como Umbanda Omolocô, Umbanda Esotérica, Umbanda Angola, “Umbandoblé”, Umbanda Branca, etc., cada uma delas mantém traços comuns, tais como incorporação de Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Exus, etc., mas têm traços que as diferenciam doutrinariamente, já que estão fundamentadas nas várias nações que formam o Candomblé, tal como no caso da Umbanda Branca, apoiada na doutrina de Jesus Cristo. Quanto à Umbanda Esotérica, sua doutrina a afasta ainda mais da Umbanda tradicional e aprofunda-se no tantrismo, na teosofia e no hermetismo.

Então, que isso também fique bem claro: não escrevemos a nossa Teogonia de Umbanda para alterar as doutrinas e os fundamentos dessas umbandas mistas ou diferenciadas ou para descaracterizar os Candomblés tradicionais, mas por acreditarmos ser a mais abrangente possível e assentada exclusivamente nos “orixás” nigerianos.

Quem quiser, pode escrever sua obra, porque papel é que não faltará. Mas esperamos que respeitem a nossa Teogonia de Umbanda porque nela acreditamos e a praticamos em toda a sua abrangência e seu poder divino, que se realiza na vida de quem a segue.

O Sincretismo na Umbanda através dos Tempos

A Umbanda, em seu início, fundamentou-se na divindade de Jesus Cristo e no sincretismo dele com Oxalá e dos demais orixás com os santos católicos, o que já acontecia nos Candomblés, muito mais antigos que a Umbanda.

Eis algumas classificações antigas do panteão da Umbanda:

— *A classificação feita no “Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda”, realizado no ano de 1941, no Rio de Janeiro, é esta:*

— *A linha branca de Umbanda e a sua hierarquia:*

1º Grau de iniciação: Almas

2º Grau de iniciação: Xangô

3º Grau de iniciação: Ogum

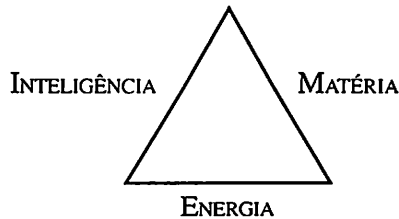
4º Grau de iniciação: Nhassan

5º Grau de iniciação: Euxose

6º Grau de iniciação: Iemanjá

7º Grau de iniciação: Oxalá

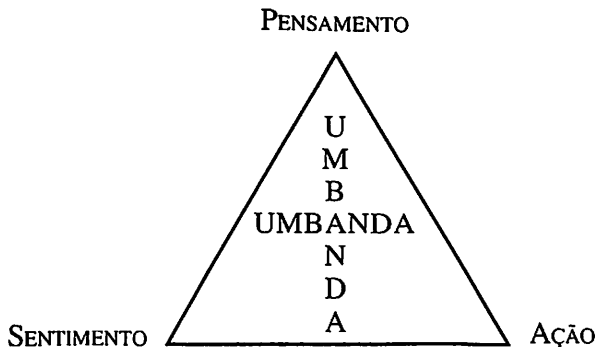
Já o seu triângulo de apresentação é este:



Esse triângulo é descrito como “princípio teogônico do ternário humano”.

Já outros princípios, os do triângulo em si mesmo, são encontrados na página 157 e seguintes do livro resultante desse 1º Congresso: — O princípio ternário, diz-nos um mestre ocultista, é vita, verbum, lux (vida, verbo e luz, o que quer dizer a própria trindade: o pai, que é vida, o filho, que é verbo, e o espírito santo, que é luz).

Geometricamente, podemos demonstrar o princípio ternário de Umbanda pelo triângulo, significando por assim dizer uma síntese perfeita de toda a sua filosofia: sentimento, pensamento e ação. Nas páginas 161 e 162, encontramos:



— Ao pronunciar uma palavra qualquer, utilizamos, sem sentir, três outras faces do princípio ternário: força, pensamento e som. Estudando a constituição do ser humano, constatamos a existência de três elementos essenciais, que são o corpo, a mente e o intelecto, formando a trindade na unidade e da qual decorrem todos os outros.

O mesmo princípio ternário se encontra na base de todas as ciências. Assim, por exemplo, em geometria, ele é comprimento, largura e altura; em gramática ele é sujeito, verbo e predicado; em lógica ele é observação, raciocínios e dedução; em matemática é número, medida e peso; no tempo é passado, presente e futuro; na família ele é representado pelo pai, a mãe e o filho; sua manifestação do ideal é imaginação, criação, realização. A concepção da própria divindade está simbolizada no princípio ternário: perfeição, amor e verdade.

Aí está, em síntese, Senhores Congressistas, o princípio em que se apóia e age o espiritismo de Umbanda, na constituição das almas para a perfeição...

E compreenderá, finalmente, a grande verdade de que a criatura humana não vale por si mesma, pela inteligência, pela cultura; mas sim, e unicamente, pela vibração de suas obras, resultantes da perfeita conjunção desse princípio ternário que é sentimento, pensamento e ação.

Uma filosofia apoiada em tão sólidos princípios há de certamente contribuir.

Bem, esses apanhados de partes da palestra feita no dia 23 de outubro de 1941 pelo Sr. Diamantino Coelho Trindade, na tese apresentada pela tenda Espírito Mirim, por intermédio do seu delegado nesse 1º Congresso Espírita de Umbanda, nos dão uma mostra da teogonia existente àquela época.

O livro resultante do 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda foi impresso em 1942 pelo *Jornal do Commercio* (Commercio — Rodrigues & C. — Av. Rio Branco, 117 — Rio de Janeiro).

Já outro livro em nosso poder, editado em 1949, por essa mesma empresa, cuja autora é Florisbela Maria de Souza Franco e se chama *Umbanda*, é uma obra mediúnica sobre este ramo do espiritismo prático, ditado pelos espíritos de pai João, Mãe Maria da Serra e Aleijadinho, nos informa na página 63:

“Umbanda foi introduzida no Brasil pelos negros africanos, o que os meus amados irmãos não ignoram porque ainda está bem viva na História do Brasil essa mancha negra da escravidão, que por muitos anos escureceu as claridades da civilização brasileira”.

Nas páginas 37 e 38, ela nos informa:

“Na lei de Umbanda os guias são, geralmente, Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças e Sereias, que não são propriamente espíritos de luz, tarefas da seara divina, subordinados a um espírito de um certo grau de elevação. Este, por sua vez, é dirigido por um espírito elevadíssimo, destes a quem na terra se dá o nome de santo. Assim sendo, temos como rei da Magia Branca o espírito de São Miguel Arcanjo; e a rainha, Santa Maria, mãe de Jesus, como chefe da linha do mar ou Iemanjá.

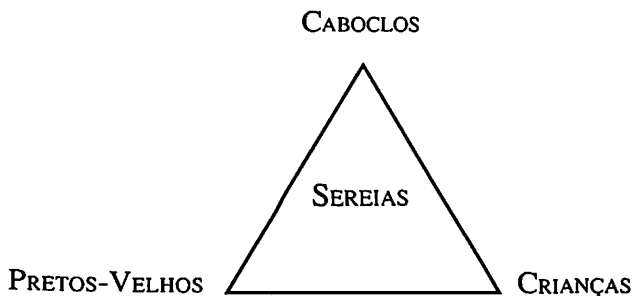
Umbanda tem a cooperação de todos os santos, cada qual no seu posto, protegendo as várias legiões de espíritos desta lei. Os que recebem a incumbência de trabalhar no terreiro são divididos, segundo o seu progresso, em vários grupos, formando as respectivas linhas:

- *Linha de Santo*
- *Linha do Mar*
- *Linha Oriental*
- *Linha de Oxóssi*
- *Linha de Xangô*
- *Linha de Ogum*
- *Linha Africana*

A Linha Oriental tem como chefe o espírito de São João Baptista; a Linha do Mar, o de Santa Maria, mãe de Jesus; a Linha de Santo é chefiada por Oxalá (Jesus), o chefe supremo de todas as linhas. Oxóssi, Xangô e Ogum, chefes das linhas de seus nomes, são os espíritos de São Sebastião, São Jerônimo e São Jorge, respectivamente”.

Já na página 27 acrescenta:

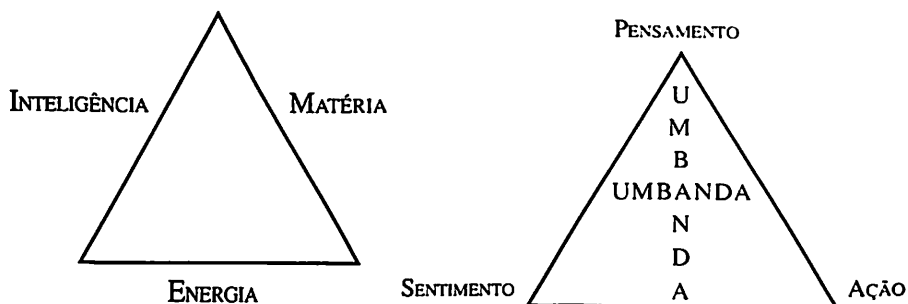
“Assim se forma o triângulo de Umbanda: os Caboclos, representando energia; as crianças, a inocência; os Pretos-Velhos, a humildade. Ocupam o centro do triângulo as Sereias, que representam a higiene de Umbanda. Eis o símbolo triangular:



A concentração perfeita no terreiro deve ser feita de acordo com esse símbolo, firmado com fé para atrair as falanges dos bons Caboclos, dos Pretos-Velhos e das crianças...”.

Bem, leitores, aqui já podemos comparar dois trabalhos sérios para mostrar a teogonia então corrente na Umbanda.

No Congresso de 1941, o triângulo da Umbanda era formado assim:



E as sete linhas de Umbanda eram:

- 1ª Almas
- 2ª Xangô
- 3ª Ogum
- 4ª Nhassan
- 5ª Euxoce
- 6ª Iemanjá
- 7ª Oxalá

Comparando-as, temos dois panteões muito parecidos. Mas vamos mostrar outros mais. Avancemos:

Alfredo D'Alcantara, em seu livro *Umbanda em julgamento*, editado em 1949 pela Edições Mundo Espírita (Rua do Carmo, 54 — 4º andar, sala 1 — Rio de Janeiro), nos revela nas páginas 159 e 160, baseado no “2º Congresso Espírita Pan-Americano”:

“Para o Sr. Lourenço Braga¹, que reputamos um grande conhecedor do assunto, Umbanda é espiritismo prático, foi trazida pelos escravos e sua organização astral conta as sete linhas, chefiadas por orixás:

- 1ª Linha de Santo ou Oxalá — dirigida por Jesus Cristo.
- 2ª Linha de Iemanjá — dirigida pela Virgem Maria.
- 3ª Linha Oriente — dirigida por São João Baptista.
- 4ª Linha Oxóssi — dirigida por São Sebastião.
- 5ª Linha Xangô — dirigida por São Gerônimo.
- 6ª Linha Ogum — dirigida por São Jorge.
- 7ª Linha Africanos — dirigida por São Cipriano.

Cada uma dessas linhas se subdivide em sete outras, todas com seus respectivos chefes. Seria longo enumerá-las, mas descreveremos uma apenas, a de Iemanjá, que está sob a chefia da mãe de Jesus Cristo, para que os leitores imaginem as demais, se não preferirem recorrer à leitura da obra que estamos citando. Divide-se a linha em sete legiões:

1. Lourenço Braga — *Umbanda e Kimbanda*.

- 1ª Linha das Sereias — chefe Axun ou Oxum.
- 2ª Linha das Ondinas — chefe Nana ou Nanã.
- 3ª Linha das Caboclas do Mar — chefe Indayá.
- 4ª Linha das Caboclas dos Rios — chefe Iara.
- 5ª Linha dos Marinheiros — chefe Tarimã.
- 6ª Linha dos Calungas — chefe Calunginha.
- 7ª Linha da Estrela Guia — chefe Maria Madalena.

E na conclusão, assegura: Umbanda sofreu e sofrerá modificações, com o correr dos tempos e com a evolução das almas”.

O autor, Alfredo D’Alcantara, continua na página 162 a dar outra visão corrente, esta do Dr. Leal de Souza, advogado, antigo jornalista. Sua senhoria ouvido em uma reportagem de O Radical, em julho de 1945, declarou: “Eu não sei o que significa Umbanda. O Caboclo das Sete Encruzilhadas chama ‘Umbanda’ os serviços de caridade, e demanda os trabalhos de neutralizar ou desfazer os da Magia Negra”.

Essa ignorância confessada com tanta franqueza não impediu que o mais culto e experimentado umbandista brasileiro, o famoso ex-repórter de A Noite, o primeiro que devassou os “terreiros” afro-brasileiros da terra carioca, expondo ao público os seus mistérios, viesse, em artigos do Diário de Notícias, publicados em 1932, e mais tarde reunidos em folheto sob o título Espiritismo, Magia e as Sete Linhas de Umbanda, descrever alguns rituais da seita e detalhar a sua organização no astral. Diz ele, em resumo: “existem duas linhas principais, negra e branca. A primeira se dedica exclusivamente à prática do mal, e quando às vezes faz o bem é levada por algum engodo que lhe oferece a Linha Branca. Esta só pratica o bem e apresenta uma modalidade: demanda, nome que toma quando se contrapõe aos desígnios maléficis da outra. A Linha Branca se desdobra em outras sete, e cada uma dessas tem a sua função particular, a sua cor simbólica privada e é servida por sete falanges, que obedecem à direção de espíritos prestigiosos. O quadro seguinte esclarece melhor:

Cada uma dessas linhas tem vinte e um orixás que, como se vê na passagem do rito Nagô para Umbanda, se multiplicaram, mas perderam a divindade, de modo que os chefes das linhas principais são entidades celestes, que conservam os nomes africanos mas identificados com os santos da igreja. Orixá passou a designar entidades menores, embora com funções de comando. Podem ser comparados aos generais de divisão; os primeiros são marechais, comandam exércitos”.

Mais adiante, na página 164, nos revela:

LINHA	COR	FALANGES
1ª Oxalá (Senhor do Bonfim)	Branca	Espíritos de pretos de todas as regiões e do povo de Cosme e Damião, que se compõem de desencarnados quando crianças.
2ª Ogum (São Jorge)	Vermelha	Pretos e Caboclos guerreiros acostumados à demanda.
3ª Euxoce (São Sebastião)	Verde	Indígenas brasileiros.
4ª Xangô (São Gerônimo)	Roxa	Espíritos justiceiros, diversos lemas: “Quem não merece não tem”; “Quem faz, paga”.
5ª Nhá-san (Santa Bárbara)	Amarela	Espíritos devotos de Santa Bárbara.
6ª Iemanjá (N. S. da Conceição)	Azul	Trabalhadores do mar, tribos litorâneas e afogados.
7ª Santo ou Almas	Preta	Pais de Santo, Médiuns de Cabeça Cruzada, Espíritos egressos da Magia Negra que se encargam de obter dos antigos companheiros a suspensão das hostilidades contra os protegidos da Linha Branca.

“Outro sacerdote de umbanda e que nos falou na ‘enquete’ de O Radical, o Sr. Capitão José Pessoa, faz revelações tão interessantes que não podemos deixar de incluir algumas neste estudo, pois delas podem ser tiradas conclusões decisivas. Segundo ele, a fundação da Umbanda foi decidida e levada a efeito em Niterói, há mais de trinta anos, em uma ‘macumba’

que ele visitava pela 1ª vez. Até então fora espírita kardecista. O respectivo Pai de Santo investiu-o das funções de presidente da tenda São Gerônimo, que deveria funcionar nesta capital, o que importava em organizar umbanda como religião. Para o Capitão José Pessoa, a palavra umbanda não tem significação certa ainda...

O livro fundamental da Umbanda é a Bíblia com o Antigo e o Novo Testamento, tal como estão escritos. Não se admitem interpretações simbólicas...

Para o Sr. Capitão José Pessoa, Umbanda não tem nada com o africanismo e explica que pai-de-santo, por exemplo, desconhecido em Umbanda, é um sacerdote africano que possui poderes sacerdotais passados de homem para homem, e não como acontece em Umbanda, que tais poderes são conferidos por um guia espiritual.

Há um lamentável engano do Sr. Capitão... a entidade astral incorporada no Babalorixá é quem dirigia as cerimônias e governava o 'terreiro'. Todos os materiais e certas cerimônias indicadas como partes integrantes do Ritual de Umbanda são os mesmos que os africanos usavam, apenas desvirtuados agora na sua aplicação e modificadas nos seus detalhes. S. S. com certeza esqueceu que havia dito, na mesma entrevista, que um pai-de-santo, em uma macumba, lhe havia incumbido de organizar Umbanda, e que classificou as Sete Linhas do seguinte modo:

1ª Oxalá

2ª Iemanjá

3ª Ogum

4ª Xangô

5ª Oxóssi

6ª Almas

7ª Oriente

Ora, as cinco entidades primeiras são orixás africanos, somente a 6ª e a 7ª nasceram de Umbanda. Como então esta nada tem com o africanismo? (pág. 166) — pergunta o autor ao Capitão José Pessoa”.

Bem, leitores, temos até aqui várias colocações sobre a teogonia de Umbanda fundamentada em Deus, Santos, Jesus, Orixás, Caboclos, etc.

Cada autor no período pesquisado até aqui, 1949, tem uma explicação parecida com a dos outros, mas em cada uma há algum nome diferente de “santo”.

Os triângulos da Umbanda também mudam em alguma coisa para um não parecer igual ao dos outros.

Até 1950, a interpretação mais abrangente parece ser a de Lourenço Braga, que deu às Sete Linhas de Umbanda maior abrangência e subdividiu-as em linhas e sublinhas.

Para o conhecimento de então, subdividido em uma “Umbanda Espírita”, “Umbanda Nagô”, “Umbanda Esotérica”, etc., cada uma tinha uma visão própria do universo divino umbandista.

Os orixás estavam na Umbanda, e o sincretismo, anterior ao surgimento dela como religião, serviu muito bem aos propósitos dos seus mentores porque sua expansão geométrica no plano material não poderia violentar o inconsciente religioso cristão dos seus adeptos, todos oriundos da igreja católica.

Imagens de santos católicos, de índios, de velhos negros, de Exus personificados com o diabo cristão, com a imagem de Jesus pairando acima de todos e a todos contemplando com amor, benevolência e compreensão ajudava a transferência de um grande número de fiéis da religião cristã para a religião umbandista nascente.

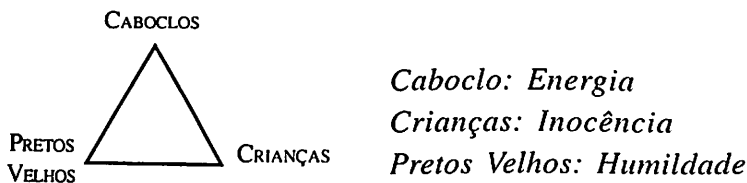
Todos se sentiam em casa porque encontravam nas imagens algum ponto de identificação.

Em meio aos muitos livros pesquisados para estabelecer uma linha teogônica umbandista, até 1950 o que se nos mostrou foi muita confusão ou iniciativa própria para uns se diferenciarem dos outros, não estabelecendo uma teogonia uniforme.

Continuando nossa pesquisa em antigos livros que abordavam a Umbanda de então, encontramos uma 2ª edição de *Umbanda de todos nós*, de W. W. da Matta e Silva, editado em 1960 (2ª edição retificada).

Na página 32 ele comenta a forma de apresentação dos espíritos na Umbanda e quase repete a médium Florisbela Maria de Sousa Franco, do Grupo Espírita “Unidos pelo Amor de Jesus”, de Juiz de Fora — MG, em seu livro publicado em 1949, 8 anos antes da 1ª edição do de W. W. da Matta e Silva.

A médium Florisbela nos mostra um triângulo de apresentações assim:



W. W. da Matta e Silva nos mostra:

- *Crianças: a pureza*
- *Caboclos: a simplicidade*
- *Pretos Velhos: a humildade*

E, no mesmo livro, ele nos mostra “Os Sete Orixás” — linhas ou vibrações — citados na página 116 que são estes:

- 1 — *Vibração de Orixalá (ou Oxalá)*
- 2 — *Vibração de Iemanjá*
- 3 — *Vibração de Xangô*
- 4 — *Vibração de Ogum*
- 5 — *Vibração de Oxóssi*
- 6 — *Vibração de Iori*
- 7 — *Vibração de Iorimá*

Comparem-na com a de Lourenço Braga de 1941, em quem nos firmamos como o início de uma evolução teogônica:

- 1ª *Linha — Oxalá ou santo*
- 2ª *Linha — Iemanjá*
- 3ª *Linha — Oriente*
- 4ª *Linha — Oxóssi*
- 5ª *Linha — Xangô*
- 6ª *Linha — Ogum*
- 7ª *Linha — Africanos*

Aqui aconteceu uma alteração na posição dos orixás nas sete linhas e Africanos transformaram-se em Iorimá e Oriente em Iori (ou vice-versa).

Também nas sublinhas aconteceram trocas de nomes dos seus chefes. Comparem:

Lourenço Braga (Umbanda e Kimbanda ± 1942) citado em 1949 por Alfredo D'Alcantara:
(*Linha de Iemanjá*)

- 1ª) *Linha das Sereias — chefe Axum ou Oxum*
- 2ª) *Linha das Ondinas — chefe Nana ou Nanã*
- 3ª) *Linha das Caboclas do Mar — chefe Indayá*
- 4ª) *Linha dos Caboclos do Rio — chefe Iara*
- 5ª) *Linha dos Marinheiros — chefe Tarimã*
- 6ª) *Linha dos Calungas — chefe Calunguinha*
- 7ª) *Linha da Estrela Guia — chefe Maria Madalena*

Em W. W. da Matta e Silva lemos (edição de 1960):
(*Linha de Iemanjá*)

Os nomes dos orixás chefes de legião são:

- 1 — *Cabocla Iara ou Mãe D'água*
- 2 — *Cabocla Indayá*
- 3 — *Cabocla Nanã Burucun*
- 4 — *Cabocla Estrela do Mar*
- 5 — *Cabocla Oxum*
- 6 — *Cabocla Inhassã*
- 7 — *Cabocla Sereia do Mar*

O autor W. W. da Matta e Silva suprimiu da tabela de Lourenço Braga os nomes Tarimã, Calunguinha e Maria Madalena como chefes de linha e colocou em seus lugares Estrela do Mar, Inhassã e Sereia do Mar.

Até aqui, nada de excepcional porque era comum um autor mudar algo nos livros anteriores de outros escritores para não parecer igual a eles.

E assim tem sido até hoje, pois, em 1970, Cavalcanti Bandeira, na página 117 do seu livro *O que é a Umbanda*, nos diz:

“Os orixás, na Umbanda, entrelaçam-se nas linhas de cultuação, que apresentam muita controvérsia em suas denominações e divisões abrangendo reinos e falanges, de tal modo que não há uma unidade de entendimento, sendo geralmente distribuídas em sete linhas encimadas pela linha de Oxalá, sobre o que não há dúvidas. Mais complexas se tornam as divisões em reinos e falanges, pois cada um procura explicar a seu modo e defender o seu ponto de vista, mesmo que esteja em desacordo com os demais. O fato é que os agrupamentos dos espíritos guias que trabalham na Umbanda sob outros aspectos e diferenciações pertencem a diversas falanges, assim compreendidas:

Santos — ligados a Oxalá

Senhoras — ligadas aos orixás de nomes femininos

Caboclos — ligados a Ogum e Oxóssi

Oriente — ligados

Pretos Velhos — ligados a Xangô e Oxalá

Almas — ligados a São Miguel, Omolu e Pretos-Velhos

Crianças — ligadas a Ibeji

Elementares e Enfeitiçadores — ligados a Exu”.

E continua Cavalcanti Bandeira:

“Mais intrincado e sem solução fica o problema quando se deseja entrar em outras divisões, pois o homem não pode estabelecer, segundo seus princípios, compartimentação para os planos espirituais, e os guias exemplificam, segundo padrões terrenos, para que haja uma compreensão da hierarquia espiritual, tomando como base graduações que na realidade se ajustam por outros princípios e padrões próprios de espiritualidade. Os orixás mais cultuados da Umbanda, cujos nomes são de origem dos cultos afro, interpenetram-se com as similitudes católicas, do modo que são invocados, seja como santo, seja como orixá, sem estabelecer diferenciações, no que se distanciam do Candomblé, e isso os umbandistas fazem questão de afirmar. São os seguintes, de um modo geral:

Oxalá; Oxum — Oxumaré; Iansã; Oyá Tempo; Oxóssi — Ode; Omolu — Obaluaê; Nanã; Iemanjá; Xangô; Ogum; Ibeji.

A história das religiões e a apreciação comparada dos fundamentos sempre nos levam a um caminho único, pois só uma luz se projeta na estrada: a revelação divina, embora mascarada pela linguagem simbólica de uma época ou fase cultural de determinado povo. Nela convergem todos os cultos, tendo no vértice dessa pirâmide ascensional o grande foco, o supremo, o chefe de todas as linhas e falanges, que é o pai Oxalá, muito embora sejam diversos os nomes e interpretações dadas pelos homens, conforme o grau de entendimento ou de cultura, porém sobressaindo majestosamente na trindade divina a unidade em torno do Cristo”.

Continuemos:

“Josef Ronton, em seu livro *Analogia de Umbanda* — ponto riscado (edição de 1985, publicada pela Ícone Editora Ltda.) —, nos revela esta teogonia nas páginas 43-44:

1ª Linha, de Oxalá

2ª Linha, de Iemanjá

3ª Linha, de Ogum

4ª Linha, de Xangô

5ª Linha, de Oxóssi

6ª Linha, de Inhaçam

7ª Linha, de Omolu

Aqui, o autor, Rosef Ronton, diferencia-se de Lourenço Braga, de W. W. da Matta e Silva e de todos os outros autores aqui não citados e também faz sua teogonia segundo seu entendimento”.

Inclusive, cito o Sr. João Baptista Meneses Ladessa, presidente do Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo, que, em uma conversa reservada, disse-me: “Nós já tentamos organizar As Sete Linhas de Umbanda, mas na época foram tantas as colocações que gerou mal-estar em todas as discussões travadas durante as reuniões promovidas para ordenarmos esse fundamento da nossa religião, inexistente nos cultos de Candomblé”.

Nenhum autor umbandista, de todos os que consultei, dissociou as sete linhas de apenas sete orixás.

Nenhum deles atinou que as sete linhas eram, na verdade, sete irradiações divinas, e não sete orixás.

Nenhum citou os magnetismos dos orixás, suas bipolarizações, suas complementariedades, seus fatores, seus mistérios e suas atribuições transcendentais e ilimitadas, abrangedoras de toda a criação divina e de todos os universos, tanto o visível e material, infinito em si mesmo, e os paralelos a ele existentes no lado etéreo da vida.

Em 1989 comecei a receber mensagens por inspiração mediúnica, e em 1990 comecei a psicografar romances espiritualistas.

A partir de 1991 comecei a receber livros teóricos que abordavam a Umbanda e os orixás, publicados por determinação dos mentores espirituais, que então começaram a liberá-los para o grande público.

Entre os livros então liberados para publicação estavam *As Sete Linhas de Umbanda*, que descrevia de forma lógica esse mistério da nossa religião, discordando de tudo o que até então havia sido escrito, desde o Congresso de 1941 até a publicação recente de livros, que ainda relegavam Oxum, Iansã e Nanã à condição de “Caboclas” de Iemanjá, num total desconhecimento dos mitos próprios desses orixás “nagôs”.

Os livros publicados por nós posteriormente, *O Código de Umbanda*; *A Gênese de Umbanda*; *Orixás Ancestrais*; *A Androgenesia de Umbanda* e *Umbanda Sagrada*, devolveram todos os orixás às suas magnitudes divinas.

Os Fatores de Deus, revelados a nós pelo mestre Seiman Hamiser yê em 1994, haviam elucidado os “axés” dos orixás.

A partir desses livros, só editados alguns anos depois de escritos, e de muitos outros ainda inéditos e à espera do momento certo para serem publicados, nós tínhamos toda uma teologia, teogonia, doutrina, ética e dialética genuinamente umbandistas, fundamentadas nos orixás, livrando-nos da dependência das fontes externas de informações e nos libertando de teogonias incompletas, mal fundamentadas ou desvirtuadas, que pululavam no meio umbandista.

A partir do que havia sido transmitido pelos espíritos mensageiros de Umbanda, nossa dependência cessou, assim como toda uma confusa e profusa teogonia, calcada em interpretações pessoais e parciais, como bem ressaltou Cavalcanti Bandeira em seu livro *O que é a Umbanda*, e o Sr. João Baptista Meneses Ladessa, presidente do S.O.U.S.P, em uma conversa particular.

No aspecto teogônico, tudo havia sido superado e os muitos livros do passado que abordavam as Sete Linhas de Umbanda passaram a servir apenas como indicadores dos esforços ordenadores do caos que era este campo da religião de Umbanda.

Muita coisa ainda precisa ser feita e escrita para que a Umbanda assuma sua feição definitiva como religião, mas se chegamos até aqui, muito se deve a diversos autores umbandistas, persistentes e esforçados na produção de livros voltados para o público interno da Umbanda.

Com certeza teremos de ter o nosso “Concílio de Nicéia” para uniformizar os fundamentos, a doutrina e a ética de Umbanda. Mas, no seu aspecto teogônico e nas suas “sete linhas”, não precisaremos esperar tanto porque aqui, neste livro *Orixás — Teogonia de Umbanda*, terão tudo à mão e à disposição.

Afinal, Caboclos e Caboclas não são orixás na acepção desta palavra, pois são espíritos, não divindades.

Se nas muitas interpretações já feitas colocaram Caboclos no lugar dos orixás regentes dos mistérios intermediários e regentes de níveis vibratórios (faixas específicas) nos quais os seres evoluem, é porque construíam suas teogonias de “baixo para cima”, na contramão interpretativa.

Afinal, um Caboclo de Ogum não é Ogum, mas sim um espírito manifestador do seu “Pai Ancestral” Ogum.

Um Caboclo de Oxóssi não é Oxóssi, mas sim um espírito que manifesta seu “Pai Ancestral”.

Se assim fosse, então teríamos centenas de orixás Ogum ou Oxóssi porque muitas são as correntes (linhas horizontais) de Caboclos de Ogum, de Oxóssi e dos outros orixás.

Inclusive, vimos em uma classificação a colocação de um Caboclo de Oxalá como sendo um Oxóssi intermediário. E em outra que o Caboclo Ogum Beira-mar é o intermediador de Ogum para Xangô. De onde o autor desse desatino tirou isso, só ele poderia responder, já que o Caboclo Beira-mar é um espírito que, como manifestador de Ogum, manifesta-o na irradiação da terra e na da água. Basta ver quem são os orixás terra e água para classificar corretamente quais são as irradiações nas quais ele atua como manifestador de Ogum, já que Xangô está associado aos raios e ao elemento fogo.

Paremos de colocar caboclos no lugar dos orixás ou nunca a Umbanda terá um panteão divino ordenado, já que cada um continuará a construir o seu panteão.

Teogonia de Umbanda

Comentários sobre as Divindades da Umbanda

“Teogonia é o conjunto de divindades cujo culto constitui o sistema religioso de um povo; genealogia dos deuses.”

A Umbanda é uma religião e como tal tem sua teogonia, fundamentada em Deus e em suas divindades. Em Olorum e nos orixás!

Olorum é o divino Criador de tudo o que existe e está em tudo o que criou. Já os orixás são em si mesmos as qualidades divinas manifestadas pelas individualizações do Divino Criador.

Assim sendo, fica fácil explicar o panteão divino da Umbanda, porque cada orixá rege um dos aspectos da natureza, da vida dos seres e até as criaturas.

Uma divindade é em si mesma manifestação de Deus por meio de uma de Suas qualidades divinas. Logo, se adoramos Ogum, que é em si mesmo a qualidade ordenadora de Olorum, então estamos adorando o orixá que rege sobre a Ordem e é o aplicador da Lei Maior em todos os aspectos da criação.

Sim, porque a qualidade ordenadora de Olorum está presente em todos os aspectos da Sua criação divina. E tanto a encontramos na fé quanto no amor, tanto na justiça quanto na geração.

Portanto, Ogum é a divindade unigênita de Olorum, a quem foi incumbida a manifestação de Sua qualidade ordenadora.

“Ogum é em si mesmo a qualidade ordenadora do divino Criador Olorum e, como divindade regente da ordem, é o aplicador da Lei Maior em todos os aspectos da criação.”

Um ser manifestador de uma qualidade divina só assume a condição de divindade se for em si mesmo essa qualidade.

Um músico não é a música em si, mas tão-somente uma pessoa que tem o dom ou faculdade de harmonizar os sons e torná-los melódicos e agradáveis aos nossos ouvidos.

Um juiz não é a justiça em si mesma, mas tão-somente uma pessoa que tem o dom ou a faculdade de lidar com as leis e dar-lhes uma interpretação abalizada.

Já o mesmo não acontece com uma divindade, pois ela tanto é uma qualidade divina como é sua manifestadora unigênita.

“Por unigênita entendam que é aquela divindade que está associada a Deus justamente porque é parte d’Ele, e é em si mesma a manifestadora de um de Seus aspectos.”

“Ogum é a divindade unigênita, ou a única gerada, que é em si mesmo a ordenação divina.”

Logo, Ogum não pode ser dissociado de Deus, pois se clamamos pela Lei Maior, Ogum é quem se manifesta como divindade aplicadora dela em nossa vida. E mesmo que não clamemos pelo seu auxílio, ainda assim será ele o seu aplicador, pois é em si mesmo a divindade que a rege e a aplica em todos os aspectos da criação e da vida, já que ele é a Lei Maior em si mesmo.

Deus é o todo em Si mesmo, mas nas partes que formam esse todo divino, nós vemos as suas divindades, que são indissociadas das Suas qualidades formadoras desse todo, que é Ele em Si Mesmo.

Se dissociarmos ou dermos autonomia total a uma divindade de Deus, estaremos descaracterizando-a e alterando o seu caráter divino, indissociável de uma qualidade d’Ele.

A Umbanda cultua todo um panteão divino porque entende que em cada uma das divindades está Deus. E cada uma delas é em si mesma uma das qualidades d’Ele.

O umbandista entende que tanto pode clamar à Lei Maior quanto a Ogum, que estará clamando ao mesmo aspecto de Deus, já que o que caracteriza Ogum é essa sua qualidade divina e sua condição de aplicador divino da Lei Maior, sempre associado ao próprio caráter ordenador do Divino Criador.

Então sintetizamos e definimos Ogum desta forma: “Ogum é em si mesmo a ordenação divina, é a divindade manifestadora da Lei Maior e seu aplicador, tanto na criação divina quanto na vida dos seres”.

Observem que a Umbanda herdou dos cultos de nação toda uma teogonia, ensinada por meio das lendas e dos mitos africanos, mas a reinterpretou e a adaptou à sua concepção de como devemos entender as divindades de Deus, os nossos amados e adorados orixás.

Então surgiu toda uma nova teogonia, já adaptada à religião de Umbanda que, sem renegar sua origem, no entanto reservou para si o melhor modo de ensinar as suas divindades aos fiéis.

Aos poucos os orixás foram manifestando suas qualidades, e os transmissores delas foram os guias espirituais que se manifestam durante os trabalhos de incorporação. Com isso, Ogum foi sendo recomendado como a divindade a ser evocada para quebrar uma demanda, para abrir os caminhos, etc., pois é o aplicador da Lei Maior em todos os aspectos da criação. É o ordenador divino!

Uma demanda é um choque cármico. Logo, Ogum é a Lei ordenadora dos carmas. Um caminho é uma senda evolutiva. Logo, Ogum é o direcionador da evolução ou do caminho a ser seguido ordenadamente pelos seres.

E assim, de recomendação em recomendação dada pelos guias espirituais, os umbandistas foram dando novas feições aos orixás, que assumiam características bem definidas dentro da nova religião.

Ogum assumiu sua condição de guardião e aplicador da Lei na Umbanda e sua natureza reta e justiceira amoldou linhas de trabalhos espirituais e o caráter justo e vigoroso dos seus Caboclos de Umbanda.

Alguém imagina que antes do advento da religião de Umbanda, nos antigos terreiros de Candomblé, baixava Caboclo, Preto-Velho ou Exu para dar consulta, realizar desobsessões, dar passes, etc.?

Isso não acontecia e o que tínhamos era o culto puro aos orixás. Já essas coisas, hoje feitas pelos espíritos guias de Umbanda, eram realizadas segundo a tradição herdada da África e preceitos e oferendas já há muito estabelecidas como a forma correta de ativar um orixá e conseguir sua ajuda.

Mas à maioria passou despercebido que a nova maneira de alcançar os mesmos objetivos foi adaptando-os aos tempos modernos, nos quais seus fiéis seriam pessoas vivendo em cidades e com difícil acesso à natureza imaculada, que era onde se cultuavam as divindades, associadas a ela.

Toda uma transformação estava acontecendo no modo de cultuar e evocar os orixás, assim como na forma de oferendá-los, pois as antigas práticas estavam sendo substituídas por novas, e muito mais simples. Mas se isso chocava os tradicionalistas, no entanto atendia a essa vontade, manifestada pelos próprios orixás, que já viam seus futuros fiéis residindo em gigantescas metrópoles e morando em apartamentos ou casas isoladas da natureza, onde eram oferendados segundo a tradição ancestral.

Então os orixás foram assumindo novas características, todas afins com a nova religião e atendendo do mesmo jeito aos clamores de seus fiéis adoradores. Ou alguém acredita realmente que só alguns têm acesso a eles?

Se acredita nisso, então está precisando, e rápido, de todo um conhecimento acerca de Deus e de suas divindades e da forma como atuam na nossa vida.

Sim, porque uma divindade é anterior aos seus adoradores e superior, em todos os sentidos, aos seus sacerdotes. Se bem que é comum ouvirmos pessoas dizerem: “vou ‘mandar’ meu orixá ajudar você”.

Será que alguém manda realmente numa divindade? Ou será que estão enganados e o modo correto de se expressar seria: “vou clamar e solicitar o auxílio do orixá que me rege e pedir-lhe, reverente, que o ajude a superar logo suas dificuldades, meu irmão!”

Sim, porque as divindades de Deus são o que são: divindades de Deus!

Elas independem de nós para ser o que são e para atuar em nossa vida. Elas são as divindades de Deus. Elas são as partes divinas d’Ele enquanto nós somos, cada um de nós, uma de suas partes humanas.

As divindades nos regem, e não o contrário. Logo, sem elas para nos dar sustentação, somos nulos no campo religioso-mediúnico.

Voltando ao nosso comentário inicial, então, temos em Deus todas as qualidades e nas suas divindades os manifestadores delas, já como mistérios divinos, pois estão em todo o universo como qualidades do Criador, integradas à sua criação.

Por isso a religião de Umbanda incorporou um número limitado desses mistérios, pois os identificou como as divindades irradiadoras deles e regentes das sete irradiações divinas que regem a vida dos seres em evolução neste nosso planeta.

Aos poucos a espiritualidade foi se afixando em torno de uns poucos nomes de divindades e a partir delas deu início à formação da teogonia de Umbanda Sagrada, originando um conjunto de orixás que formam um sistema religioso coeso e sustentador de todas as manifestações espirituais que acontecem nas tendas de Umbanda.

Com isso em mente, vamos comentar o caráter e a natureza das divindades que formam o universo religioso da Umbanda:

- Olorum é o princípio incriado, que dá origem a tudo, pois tudo é gerado n’Ele ou por Ele. Logo, Ele está na origem de tudo e de todos.
- Olorum atua na vida de todos e a ninguém desampara em momento algum, pois todos estão n’Ele.
- Mas Olorum também atua sobre os seres por meio de Suas divindades, que são manifestadoras de Suas qualidades divinas.
- As divindades só são manifestadoras das qualidades de Olorum porque são em si mesmas as individualizações delas.
- Uma qualidade de Olorum é um mistério da criação. Logo, é um mistério criador, pois é parte ativa da criação.
- Se uma divindade é manifestadora de uma qualidade, porque é ela em si mesma, então todas as divindades são mistérios da criação e são mistérios criadores, ativos nas partes que formam no todo, que é Olorum em Si.
- Olorum manifesta-Se a todos o tempo todo e durante todo o tempo, pois Ele é o princípio, o meio e o fim de tudo, e tudo o que acontece, acontece n’Ele.

- Logo, a finalidade das divindades é manifestar Olorum pelo mistério que elas são em si mesmas, porque são individualizações das Suas qualidades.
- Na Umbanda, cada divindade é responsável por um aspecto divino que rege a criação. Assim, Ogum cuida da Lei, Xangô da Justiça, Oxóssi do Conhecimento, Oxalá da Fé, etc.

Logo, a Umbanda não é politeísta porque entende que cada orixá é apenas a divindade responsável por uma parte da criação, é a manifestadora de uma qualidade do Criador e é a aplicadora de um dos aspectos divinos na vida dos seres, das criaturas e das espécies.

Os orixás não são deuses, mas sim divindades de Deus, e não chamam para si o fim último dos seres, mas tão-somente os amparam até que evoluam, desenvolvam seus dons naturais, alcancem seus fins em Deus e tornem-se, também, manifestadores das qualidades divinas d'Ele.

Com isso explicado, então temos a base fundamental da religião de Umbanda.

- Um Deus criador na origem de tudo e de todos, inclusive dos orixás, que são divindades unigênicas manifestadoras das Suas qualidades.
- Em Deus tudo tem sua origem e nada pode ou deve ser dissociado d'Ele, porque fora d'Ele nada existe por si só. Logo, todas as divindades estão em Deus porque, caso contrário, não só perdem suas condições de divindades como deixam de existir.
- Na Umbanda adoram-se as divindades porque, ao adorá-las, estamos adorando às próprias qualidades de Deus. E esse procedimento tem sido estimulado desde os primórdios da humanidade, pois foi com essa finalidade que Ele individualizou suas qualidades e as multiplicou em suas divindades, que passaram a manifestá-Lo segundo Sua vontade para com cada uma delas.
- Olorum, o divino Criador, é tão infinito em si mesmo que temos a necessidade de recorrer às suas divindades, pois é por intermédio delas que conseguimos vislumbrar sua grandeza, magnitude e infinitude.

Vemos a grandeza da Lei Divina em Ogum. E porque a divindade Ogum é ordenadora da Criação, das criaturas e das espécies, então vemos a sua qualidade ordenadora atuando em toda a criação divina.

Vemos Ogum ordenando o comportamento das pessoas, dos espíritos e até das outras divindades. Mas o vemos ordenando a gênese de um ser, de um vegetal, de um planeta e mesmo do Universo, pois ele é em si mesmo essa qualidade de Deus, cujo caráter divino é ordenador e tudo o que Deus cria obedece a uma ordem preexistente em Si mesmo, pois Sua condição única de Criador implica estar na raiz de Suas criações, que só assumem essa condição de criação divina se não forem caóticas e, sim, ordenadas.

Então o culto e a adoração de Ogum são o culto e a adoração à qualidade ordenadora do Divino Criador Olorum, cujo caráter ordenador dá origem e sustentação à Lei Maior, ordenadora de tudo o que existe.

E assim, pelas qualidades de Deus, vão surgindo as suas divindades, que na Umbanda são denominadas orixás, os Senhores do Alto ou dos níveis superiores da Criação, assim como são os senhores do ori (da cabeça) dos seus filhos.

Na Umbanda não existe politeísmo porque ela herdou dos cultos de nação o caráter divino dos orixás, os quais reinterpretou e deu-lhes novas feições e novos atributos divinos, já que uma qualidade divina é infinita em si mesma, justamente por ser o que é: uma qualidade de Deus.

A partir daí surgiram as hierarquias intermediárias, repetidoras e multiplicadoras da qualidade original das divindades de Deus, que são, em si, a individualização de um de Seus aspectos.

Assim, se Deus dá origem a tudo e a Ogum, como seu aspecto ordenador, então Ogum O repete e se multiplica, dando origem aos Oguns intermediários, que são os aplicadores de sua qualidade ordenadora, mas já nos campos de atuação das outras divindades do divino Criador.

Então a divindade ou qualidade divina de Ogum facultou-lhe a capacidade de repetir-se como ordenador já em níveis intermediários da criação e de multiplicar-se nos campos das outras divindades, que darão suas qualidades individuais à qualidade geral, ordenadora, que Ogum é em si mesmo.

Daí vemos, na Umbanda, Ogum e seus comandados ou seus orixás Oguns intermediários, que também são divindades porque são manifestadores da qualidade ordenadora de Deus, mas aplicadas aos campos das outras divindades, que se não são em si mesmas essa qualidade ordenadora, no entanto são em si as outras qualidades divinas.

Logo, se Oxum é a divindade do amor ou da agregação, tudo o que Oxum conceber, pois, é em si mesmo a agregação ou concepção divina, agregará e gerará ordenadamente.

Assim, se tudo o que Oxum agrega o faz de forma ordenada, então Ogum está em Oxum como a qualidade divina que ordenará tudo o que ela agregar. E se Oxum é a concepção divina em si mesma, então Ogum está nela como a qualidade ordenadora das suas concepções. E se Oxum é em si mesma o amor divino, então Ogum está em Oxum como a qualidade ordenadora do seu amor. Pois se assim não fosse, tanto as agregações quanto as concepções e os amores seriam caóticos, perderiam suas condições de qualidades divinas e não existiriam por si mesmos, pois não preexistiriam em Deus, que tem em Oxum sua qualidade agregadora, conceptiva e amorosa.

Enfim, a teogonia de Umbanda foge do senso comum e recorre ao senso divino para poder interpretar corretamente as divindades de Deus que formam seu panteão divino.

- À direita significa que atuam passiva e permanentemente, de forma contínua e estável na vida dos seres.
- À esquerda significa que atuam ativa e condicionalmente, de forma alternada e não-estável.

Como exemplo do que acabamos de citar, recorremos a Oxalá, o orixá da Fé, que irradia fé o tempo todo a todos os seres. Sua atuação é passiva e não emociona a religiosidade de ninguém. É permanente e contínua, pois não se torna mais ou menos intensa porque é estável.

Já Oyá Tempo é a divindade de Deus que se mostra na Umbanda como um orixá do Tempo e atua sobre os seres sob certas condições, tais como os fanáticos religiosos. Sua atuação é alternada, pois tanto intensifica a fé quando ela se enfraqueceu quanto a paralisa quando se tornou muito apaixonada ou emocionada; e não é uma atuação passiva, pois só atua sobre seres religiosamente desequilibrados, fanáticos ou emocionados.

A partir dessa dupla forma (ativa-passiva), as divindades formam a dupla polaridade do Divino Criador e vão assumindo campos de atuação distintos. Manifestam-se qualidades diferentes, no entanto, são complementares, pois Oxalá e Oyá Tempo são as duas “faces” do mistério da fé.

Oxalá e Oyá Tempo são os dois lados de um mesmo mistério de Deus, mas ocupam pólos magnéticos opostos na irradiação divina que, partindo de Deus, está em toda a sua criação e em tudo o que é “animado”, manifestando-se como um sentimento de unidade em torno d’Ele, o nosso Pai divino.

A Umbanda não interpreta sua teogonia como sendo formada por divindades dissociadas umas das outras e não as vê como antagônicas, pois sabe que na criação nada se antagoniza porque, em verdade, tudo se complementa, dando forma e coesão à criação, às espécies, aos seres e às divindades.

Oyá Tempo não faz oposição a Oxalá, mas somente atua em um campo completando o dele nos aspectos da fé e no campo da religiosidade.

Assim, assentando em seu panteão as divindades magneticamente opostas, mas em verdade complementares, a Umbanda nos mostra uma teogonia magnífica, pois em nenhum momento os aspectos divinos deixam de ser visíveis através do próprio caráter e natureza dos orixás que a formam.

Em momento algum as divindades se chocam, pois são em si mesmas os aspectos do Divino Criador que estão sendo mostrados a nós por meio delas, cada uma atuando num campo próprio e só seu, ainda que nele todos os aspectos divinos estejam presentes, pois, como mostramos que Ogum está em Oxum, e vice-versa, também Ogum e Oxum (a ordenação e a agregação) estão em Oxalá e Oyá Tempo (a fé e a religiosidade).

A fé de um ser é permanente, já a sua religiosidade muda com o tempo. E este qualifica Oyá Tempo como um orixá do Tempo, eterno em si

mesmo, mas sujeito às mudanças que ocorrem com a evolução dos seres no campo da fé.

Com isso explicado, então o número de divindades cultuadas deixa de ser confuso porque a unidade religiosa da Umbanda não está nos seus orixás, mas sim em Olorum, o Deus criador que deu origem a tudo, inclusive a eles, que são seus mistérios divinos e manifestadores individuais de suas qualidades originais, todas aplicadas à vida dos seres identificados na criação por meio da natureza das coisas criadas.

Vamos, agora, comentar cada uma das divindades de Deus que denominamos orixás ou Senhores das Coroas, e que regem a religião de Umbanda e o *ori* (cabeça) dos umbandistas.

- Olorum, o divino Criador, individualiza-Se nas suas divindades, todas manifestadoras de Suas qualidades.
- Na Umbanda, sete irradiações divinas dão origem às suas sete linhas de forças, todas bipolarizadas.
- Em cada pólo está assentada uma divindade, manifestadora de uma qualidade de Olorum.
- O universo religioso da Umbanda, a sua teogonia, é composto por quatorze divindades assentadas em seus pontos de forças naturais, de onde regem a natureza planetária, que é multidimensional.
- Esses quatorze orixás dão origem a quatorze hierarquias divinas, limitadas às atuações nos níveis vibratórios intermediários.
- Essas hierarquias estão ligadas aos quatorze orixás e umas são de natureza passiva, irradiante, contínua e atuam permanentemente na vida dos seres. Já outras são ativas, absorventes, alternadas, e atuam temporariamente na vida dos seres.
- As sete irradiações divinas são: fé, amor, conhecimento, justiça, lei, evolução, geração.
- Essas sete irradiações são manifestadas para tudo o que existe porque em nível de criação divina elas estão na gênese ou nos processos criativos. Mas nós as absorvemos continuamente por meio dos nossos sete sentidos capitais e dos sete chacras principais.
- Essas sete irradiações são captadas pelo orixá planetário, que é em si mesmo a divindade de Deus, que dá sustentação ao nosso planeta e a tudo o que aqui existe.
- Ele capta as irradiações de Deus, as adapta ao magnetismo e à vibração planetária, depois as irradia, dando origem a sete irradiações gerais, que são captadas por sete orixás de Deus.
- Os sete orixás de Deus são:

- Orixá da fé
- Orixá do amor
- Orixá do conhecimento
- Orixá da justiça
- Orixá da lei
- Orixá da evolução
- Orixá da geração

— Nesses sete orixás têm início as sete irradiações planetárias divinas que, na Umbanda, são as suas sete linhas de forças.

— As sete linhas de forças se polarizam e adquirem bipolaridade, formando quatorze pólos magnéticos planetários e multidimensionais, tendo em cada um uma divindade, que é em si mesma uma qualidade de Deus e um mistério divino em si mesma.

— Essas quatorze divindades são orixás regentes, aos quais todos estamos ligados pelos sete sentidos capitais e aos quais estamos sujeitos, pois a atuação deles em nossa vida independe de querermos ou não. Eles são mistérios de Deus e atuam sobre nós se estivermos conscientes de suas existências quando inconscientes.

— Eles são mistérios de Deus, que na Umbanda assumem a denominação de orixás. Mas em outras religiões assumem outras denominações sem perder suas qualidades divinas e atribuições, que é regerem sobre tudo o que aqui existe, seja o meio onde vivemos, seja tudo o que vive nesse nosso meio, que é o nosso planeta.

— Por isso um ser, pertença à religião que for, sempre estará sujeito às mesmas coisas (fé, amor, etc.), pois estes orixás de Deus estão na origem de tudo o que aqui existe, inclusive nas religiões, nas quais eles atuam por meio das divindades intermediárias, que as iniciam com as suas divindades intermediadoras. A Umbanda nasceu de uma vontade divina manifestada pelo divino orixá planetário, que a reproduziu nos sete orixás planetários, que a manifestaram por suas sete vibrações mentais alcançando, assim, os quatorze orixás assentados nos seus pólos magnéticos. Estes, por sua vez, as vibraram e toda uma nova religião nasceu naquele mesmo instante, só faltando a sua codificação e imantação divina para tornar-se em si mesma uma senda religiosa pela qual evoluirão milhões de seres. E isso foi providenciado no mesmo instante pelas divindades ou orixás intermediários, que mentalmente ativaram suas hierarquias intermediadoras, que ativaram suas hierarquias elementais, encantadas, naturais e espirituais, dando início imediatamente à codificação humana da nova religião nascida de uma vontade manifestada pelo divino orixá planetário, também denominado Divino Orixá Regente ou Logos Planetário.

— Com isso explicado, então fica entendido que a Umbanda teve sua origem divina no mesmo mistério que tem dado origem a todas as outras

religiões, apenas que sua teogonia tem uma dinâmica própria, que a diferencia de todas as outras religiões, inclusive daquelas que serviram como base para o assentamento das divindades que regem seus aspectos religiosos.

— A religião que serviu de base teogônica para a Umbanda é a africana, com seus cultos de nação.

— Em um culto de nação a mesma divindade se mostra com um nome, mas no culto de outro povo africano ela se mostra com outro, sem, no entanto perder sua qualidade de regente da coroa (cabeça) de seus filhos (seus adoradores).

— Os nomes das divindades que formam a teogonia de Umbanda são os mesmos que tinham nos cultos de nação, e os que se fixaram com mais facilidade são nomes iorubas, já conhecidos aqui desde o século XVII, mas que, por meio da Umbanda, são conhecidos hoje nacionalmente até pelos adeptos das outras religiões.

— Enfim, os quatorze orixás planetários assumiram, na Umbanda, suas denominações iorubas. E foi assim que, pouco a pouco, foram se fixando na mente e no coração dos umbandistas, já que ela nasceu dentro dos cultos de nação e foi se destacando e assumindo feições próprias porque incorporou como naturais as práticas de incorporação de espíritos de índios, de velhos sacerdotes africanos, de encantados infantis, de Exus e Pombagiras, e de espíritos oriundos de outras partes do mundo, todos congregados na nascente religião espiritualista.

— Esses quatorze orixás planetários pontificam as sete irradiações divinas, já polarizadas em pólos ativos e passivos; masculinos e femininos; positivos e negativos; irradiantes e absorventes; universais ou cósmicos. Esses orixás são divindades de Deus e independem de nós para existirem e serem o que são: mistérios manifestadores de qualidades divinas, encontradas n'Ele.

— Sete irradiações divinas; sete orixás planetários; sete linhas de forças; quatorze orixás naturais regendo-as.

Os sete orixás planetários são:

- Orixá da Fé ou Cristalino.
- Orixá do Amor ou Mineral.
- Orixá do Conhecimento ou Vegetal.
- Orixá da Justiça ou Ígneo.
- Orixá da Lei ou Eólico.
- Orixá da Evolução ou Telúrico.
- Orixá da Geração ou Aquático.

Os quatorze orixás naturais que regem os aspectos ativos e passivos positivos dos orixás planetários são estes:

- Oxalá — rege a fé
- Oyá Tempo — rege a religiosidade
- Oxum — rege a concepção
- Oxumaré — rege a renovação
- Oxóssi — rege o conhecimento
- Obá — rege o raciocínio
- Xangô — rege a justiça
- Egunitá — rege o equilíbrio
- Ogum — rege a ordem
- Iansã — rege o direcionamento
- Obaluaê — rege a evolução
- Nanã Buruquê — rege a maturidade
- Iemanjá — rege a geração
- Omolu — rege a estabilidade

Olorum, o Divino Criador

A teogonia umbandista mostrou-se confusa por causa das correntes que se formaram dentro da religião.

Mas, no início, todas as religiões têm essa dificuldade. Porém, à medida que amadurecem e desenvolvem conceitos próprios, vão definindo e assumindo seu curso natural.

Hoje, com a revelação dos fatores de Deus, podemos interpretar as nossas divindades segundo nossa visão e oferecer a todos os novos adeptos algo muito bem definido no campo teológico.

Vamos definir o nosso panteão e o seu regente supremo, que é Olorum (Olodumaré), o nosso divino Criador.

Olorum, o Senhor Supremo

Olorum é uma contração de Olodumaré, o Criador.

Todas as religiões, mais ou menos elaboradas, apontam para um Criador Supremo e anterior às divindades criadas por Ele e distribuídas por toda a sua criação.

Isso não é privilégio de uma ou de outra religião.

Para nós, umbandistas, Olorum é Deus e é o princípio de tudo.

Se para as religiões judaica e cristã o nome de Deus é Iavé ou Jeová, para nós é Olorum.

Olodumaré, em yorubá, quer dizer: *Olo* (senhor); *Odu* (destino); *Maré* (supremo) = Senhor Supremo do Destino.

Já sua contração Olorum: *Olo* (senhor); *Orun* (o além, o alto, o céu) = O Senhor do Céu.

Olorum é o senhor do céu, é o senhor supremo do destino e é o princípio de tudo, inclusive dos orixás, que são os concretizadores da sua criação e a administram.

A ciência divina nos revela que Olorum é o princípio criador e que está na origem de tudo, é o meio pelo qual tudo se realiza e se concretiza.

Olorum gerou em si seus mistérios e os individualizou nas suas divindades distribuindo-as por toda a sua criação.

Essas divindades (os orixás) estão presentes em todos os eventos originais da criação e estão em tudo o que esses eventos geraram.

Olorum é, em si mesmo, os princípios masculino e feminino indiferenciados porque sua natureza divina é impenetrável e em um nível da criação não há diferenciação alguma porque tudo se torna uno, indivisível e indissociável.

Mas se em um nível da criação tudo é uno e Olorum é a unidade original, após esse nível o que é uno começa a nos mostrar a dualidade macho-fêmea, ativo-passivo, irradiante-concentrador, positivo-negativo, etc.

— A dualidade macho-fêmea faz surgirem orixás masculinos e femininos.

— A dualidade ativo-passivo faz surgirem orixás masculinos e femininos dinamizadores dos processos criativos e orixás sustentadores de tudo o que esses processos criativos geram.

— A dualidade irradiante-concentradora faz surgirem orixás cujas vibrações mentais são saturadas de fatores (axé) indispensáveis a tudo o que foi criado (os irradiantes). Já os concentradores, suas vibrações mentais saturadas dos seus fatores destinam-se aos seres, às criaturas e às espécies (vivas ou inanimadas) e têm por função acelerar ou desacelerar os eventos (gerativos, criativos, equilibradores, ordenadores, etc.).

— A dualidade positivo-negativo faz surgirem os magnetismos coletivos ou individuais. Os positivos sustentam os processos criativos e os negativos retificam os processos que vierem a se degenerar.

Esse dualismo “exterior” de Olorum inexistente em seu interior porque ele é uno e não compartilha com mais ninguém essa sua unidade.

Mas por não compartilhá-la com ninguém, só Ele gera em si suas qualidades divinas e as distribui aos seus orixás, sendo que uns são puros e não compartilham com mais nenhum outro o seu mistério, seu fator e seu poder original.

Como exemplo da unidade de Olorum, individualizada nos seus orixás, temos:

- Oxalá é seu mistério da fé e podemos classificá-lo como a oniquerência de Olorum.
- Ogum é seu mistério da ordenação e podemos classificá-lo como a onipotência de Olorum.

— Oxóssi é seu mistério do conhecimento e podemos classificá-lo como a onisciência de Olorum.

Essa classificação da individualização das qualidades puras originais de Olorum pode ser estendida para todos os outros orixás que mais adiante comentaremos em capítulos próprios, mas que aqui adiantamos:

- Oxalá é a qualidade congregadora de Olorum.
- Ogum é a qualidade ordenadora de Olorum.
- Oxóssi é a qualidade expansora de Olorum.
- Xangô é a qualidade equilibradora de Olorum.
- Oxum é a qualidade conceptiva de Olorum.
- Obá é a qualidade concentradora de Olorum.
- Iansã é a qualidade direcionadora de Olorum.
- Oxumaré é a qualidade renovadora de Olorum.
- Obaluaê é a qualidade evolucionista de Olorum.
- Omolu é a qualidade estabilizadora de Olorum.
- Iemanjá é a qualidade geradora criativista de Olorum.
- Nanã Buruquê é a qualidade racionalizadora de Olorum.
- Oyá Tempo é a qualidade condutora de Olorum.
- Egunitá (orixá feminino do fogo) é a qualidade energizadora de Olorum.
- *Exu é a qualidade vitalizadora de Olorum.*
- *Pombagira é a qualidade estimuladora de Olorum.*

Aqui, vimos dezesseis qualidades originais de Olorum e surgiram dezesseis orixás, sendo que os dois últimos (Exu e Pombagira) são dotados de um dualismo específico e atuam religiosamente segundo mecanismos divinos reguladores da ação dos processos originais, já que sem vitalidade e sem estímulo tudo mais ficaria paralisado, mas sem ser desvitalizados e desestimulados nenhum processo criativo que venha a se degenerar poderá ser paralisado.

Olorum é um poder uno e original, mas está em todas as suas divindades e em cada uma delas encontramos Sua presença e cada uma delas, por si mesma, pode nos conduzir a Ele, o nosso divino Criador e senhor do nosso destino.

Sim, cada orixá, a exemplo dos mestres luminares Jesus e Buda, é uma via, um caminho que nos conduz a Deus.

Nenhum orixá é inferior aos outros porque cada um deles é uma individualização e uma exteriorização, uma manifestação mesmo do divino Criador Olorum.

Tal como o cristão ou o budista dirigem-se a Jesus ou ao Buda nos seus clamores, nas preces e centram neles suas religiosidades, os umbandistas devem centrar nos orixás ou no seu orixá regente a sua religiosidade, suas preces, seus clamores e seus votos, pois estará agindo corretamente e suas vibrações alcançarão o todo-poderoso Deus Olorum porque cada orixá é um manifestador divino d'Ele.

Não entendemos o porquê de nos chamarem de idólatras ou de politeístas se não procedemos de forma diferente da dos judeus, dos cristãos, dos islamitas, dos espíritas, etc., já que cultuamos Deus Olorum e seus orixás, e eles cultuam Deus-Iavé, Deus-Alá, Deus-Jesus e suas cortes celestiais formadas por anjos, arcanjos, serafins, profetas, santos, etc.

— Onde está a diferença?

— Se politeísmo é o ato de cultuar um Deus unitário e suas divindades, que o assistem na condução dos seres, então todas as religiões da face da Terra são politeístas, porque todas seguem o mesmo modelo de construção e em absolutamente nada uma difere das outras.

Nós, umbandistas, somos classificados como politeístas pelos que nos criticam e vilipendiam porque eles se julgam membros de religiões superiores. Mas as religiões deles não são superiores à nossa.

São hipócritas mesmo, já que fazem o mesmo que nós, diferenciando apenas na forma como fazem. Tudo é só uma questão de ritos, liturgia e doutrina.

Portanto, irmão umbandista, não se sinta inferiorizado porque o nome sagrado do seu Deus não é Iavé ou Jeová, não é Alá, não é Bramã ou qualquer outro dos muitos já dados ao nosso Divino Criador pelos fundadores humanos das religiões, e sim Olorum.

Olorum é o senhor nosso Deus e nosso divino Criador e a tradução do seu nome yorubá para o português nos revela que ele é o Senhor do nosso destino... de nossa vida!

Ele é onisciente, onipotente, onipresente e oniquerente, já que Ele tudo sabe e todo o saber dimana d'Ele; Ele tudo pode e todo o poder provém d'Ele; Ele está em tudo e em todos porque tudo o que Ele criou, criou em Si mesmo e é em Si toda a sua criação; e todos estão n'Ele porque é n'Ele que todos fomos gerados; é oniquerente porque tudo e todos são só exteriorizações de Suas vontades e elas prevalecem em nossas vidas.

Ame Olorum com todo o seu amor; cultue-O com toda a sua fé; louve-O com todo o seu ardor; respeite-O com toda a sua reverência; ensine-O aos mais novos com todo o seu saber; manifeste-O no seu virtuosismo porque todas as virtudes derivam d'Ele, o Virtuoso e Generoso Criador de tudo e de todos nós.

Ele é nosso pai e pai dos nossos regentes divinos: os sagrados orixás, os concretizadores da sua obra divina e os sustentadores divinos da nossa evolução espiritual.

O Culto Familiar a Olorum

Devemos cultuar Olorum, o nosso divino Criador, com todo o nosso amor, nossa fé, nossa reverência e nossa gratidão, porque Ele nos gerou e nos deu vida. Animou-nos com seu sopro divino e tem nos sustentado desde que, num ato de generosidade, dotou-nos com uma consciência e com o livre-arbítrio e deu a cada um de nós um destino a ser cumprido antes de retornarmos a Ele e n'Ele nos reintegrarmos como mais um dos seus mistérios.

Ele nos gerou e gerou o meio onde devemos cumprir nosso destino. Logo, o culto a Ele é em todos os lugares porque tudo o que existe provém Dele e está n'Ele.

Seu culto doméstico, e que deve ser praticado pelas famílias umbandistas, consiste nesta forma:

- Estender sobre uma mesa uma toalha branca com franja rendada de cor dourada; no centro dela deve-se colocar um prato de louça totalmente branca; no centro do prato deve-se firmar uma vela branca; à volta da vela devem “polvilhar” farinha de trigo ou grãos de trigo; por cima dos grãos ou da farinha deve-se polvilhar açúcar; por cima do açúcar deve-se derramar mel; e a seguir, acender sete velas nestas cores: azul, verde, rosa, lilás, amarela, vermelha e violeta, cada uma em um pires branco, também cobertos com trigo, açúcar e mel.

Após isso feito, todos devem se sentar à volta da mesa e um dos presentes deve fazer esta oração evocatória:

Oração a Olorum

Olorum, senhor nosso Deus e nosso divino Criador, nós te saudamos e te louvamos neste momento de nossa vida e de nosso destino.

Envolve-nos com teu poder e ilumine-nos com tua luz viva.

Tu, que a tudo geras e que estás em tudo o que gerou e está em nós, gerações tuas, fortaleça a nossa alma imortal e resplandeça nosso espírito humano, livrando o nosso íntimo, nossa mente e nossa consciência das vibrações nocivas e contrárias ao destino que reservastes para cada um de nós, teus filhos e razão da tua existência exterior.

Afastes do nosso destino os maus pensamentos, os desvirtuados sentimentos e as ações contrárias aos teus desígnios para nossa vida.

Amado Olorum, que os teus sete mistérios vivos se manifestem nestas sete velas firmadas ao redor da tua vela branca e que eles, teus manifestadores divinos e teus exteriorizadores, se assentem à nossa volta e nos cubram com suas luzes vivas e divinas, nos envolvam em suas vibrações originais e afastem da nossa vida e do nosso destino tudo o que for contrário aos teus desígnios para conosco e inundem-nos com teus eflúvios de amor e de fé, de sabedoria e de tolerância, de resignação e de compreensão, pois, só assim, amorosos e reverentes, sábios e tolerantes, resignados e compreensivos quanto à nossa vida e ao nosso destino, cumprimos os teus desígnios para conosco e os manifestaremos através da nossa consciência, da nossa mente, dos nossos pensamentos, dos nossos atos e das nossas palavras.

Que esta minha casa seja a Tua casa e que nesta Tua casa os Teus sete mistérios se assentem e façam dela as Suas moradas humanas, pois só assim, abençoado pela Tua presença viva e sagrada e a presença viva e divina dos Teus sete mistérios vivos aqui nesta casa não haverá doenças incuráveis, fomes insaciáveis e discórdias insolúveis.

Só assim os maus e os males não encontrarão abrigo na minha morada, que é a Tua morada e a morada dos Teus mistérios vivos e divinos, os sagrados senhores orixás.

Bênçãos!, bênçãos!, bênçãos!, senhor da nossa vida e do nosso destino!

Salve!, salve!, salve!, senhores da nossa vida e do nosso destino!

Paz e luz, amado Olorum!

Após essa oração evocatória, todos devem permanecer em absoluto silêncio por algum tempo, só mentalizando luzes e vibrando bons sentimentos.

Neste momento devem mentalizar suas dificuldades e clamar pela dissolução delas; devem mentalizar seus inimigos ou seus perseguidores e opressores e clamar pela transmutação dos seus sentimentos negativos (ódi-os, invejas, etc.), dissolvendo e diluindo da vida e do destino deles e dos seus, todas as coisas contrárias aos desígnios divinos para com todos nós.

Após isso feito, todos devem agradecer a Olorum e a seus sete mistérios vivos e ajoelhar e cruzar o solo com respeito e com reverência, deixando as cadeiras postas à volta da mesa até que todas as velas se queimem.

No dia seguinte devem recolher o resto das velas e os elementos no prato e nos pires e despachá-los na terra ou em água corrente, pedindo à natureza que reabsorva os restos do que ela, generosamente, nos havia dado.

Olorum. o Criador do Mundo

Olorum é o poder supremo porque d'Ele tudo dimana e n'Ele tudo está contido e acontecendo.

Ele é a vibração original que, ao se desdobrar, deu início aos muitos planos da vida existentes neste nosso universo infinito, sendo que este nada mais é que a concretização de uma vontade d'Ele.

Hoje, a ciência nos revela a existência de uma energia, um plasma, de onde provêm as micropartículas que desencadeiam a formação de átomos que se ligam e formam moléculas, que se ligam e formam substâncias ou a matéria.

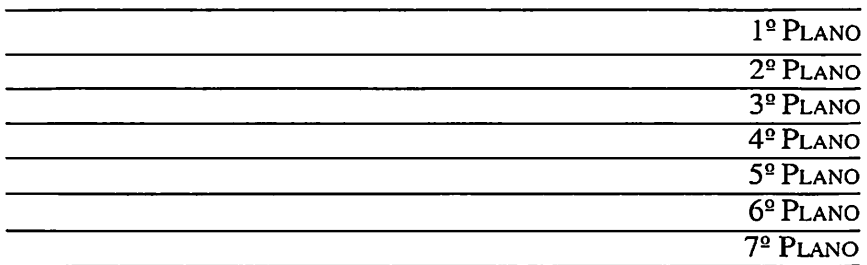
Vejamus como e onde se forma essa energia-plasma:

- 1º — Olorum é a fonte na qual todos os processos criativos ou criacionistas têm início porque se iniciam n'Ele.
- 2º — Olorum é a vibração original, da qual todas as outras derivam porque n'Ele ela tem início.
- 3º — Olorum, na sua vibração original, é inacessível e impenetrável, pois Ele é o início de tudo.
- 4º — Olorum, ao desdobrar sua vibração original, faz surgir sete graus vibracionais porque tudo o que está n'Ele é parte da unidade que Ele é. Mas ao desdobrar algo de Si, Olorum faz surgir sete “vibrações”, cada uma única em si porque cada uma é em si uma exteriorização da unidade existente em Olorum.
- 5º — Na criação do mundo, a vontade manifestada por Olorum neste sentido fez surgir sete planos da vida, cada um uma realidade em si, separados uns dos outros porque cada um é a manifestação d'Ele em um grau vibracional único, e outro igual inexistente, mantendo em si a unidade de Olorum.

- 6º — A vontade criadora de Olorum gerou sete planos da vida, cada um em um grau vibracional específico e uma realidade em si, sendo que cada um é um dos “corpos” vivos de Olorum.
- 7º — Esse Seu primeiro ato criador gerou o setenário sagrado, já aludido na Bíblia Sagrada como os sete dias da criação, sendo que no último, quando Ele repousou, sua criação, desde a vibração mais sutil (a fatorial) até a mais densa (a material), havia sido concluída e a sua vibração original desdobrada e projetada retornará a Ele, concluindo todo um princípio gerador e fechando todo um ciclo evolutivo criacionista.
- 8º — Todos os processos criacionistas de Olorum obedecem à Sua forma única de criar, porque são gerados e iniciados n’Ele, a Unidade.
- 9º — Todos os processos, unitários em Olorum, ao serem iniciados e manifestados por Ele, desdobram-se em sete vibrações diferentes, desde a mais sutil até a mais densa.
- 10º — As sete vibrações desdobradas da vibração original de Olorum são estas:
- 1ª Vibração — fatorial
 - 2ª Vibração — essencial
 - 3ª Vibração — elemental
 - 4ª Vibração — dual
 - 5ª Vibração — encantada
 - 6ª Vibração — natural
 - 7ª Vibração — celestial
- 11º — Essas sete vibrações criaram os sete planos da vida, fazendo surgir tudo o que os seres, as criaturas e as espécies animadas e inanimadas precisavam para existir e subsistir no exterior de Olorum, cumprindo assim os seus destinos, dados a todos por Ele, o divino Criador Olorum, o Senhor Supremo do destino (da criação).
- 12º — Assim, surgiram os sete planos da vida, cada um em um grau vibracional específico e formador de uma realidade única manifestada pelo divino Criador Olorum.
- 13º — Os sete planos da vida são estes:
- 1º Plano da vida — plano fatorial da criação e da vida.
 - 2º Plano da vida — plano essencial da criação e da vida.
 - 3º Plano da vida — plano elemental da criação e da vida.
 - 4º Plano da vida — plano dual da criação e da vida.
 - 5º Plano da vida — plano encantado da criação e da vida.
 - 6º Plano da vida — plano natural da criação e da vida.
 - 7º Plano da vida — plano celestial da criação e da vida.

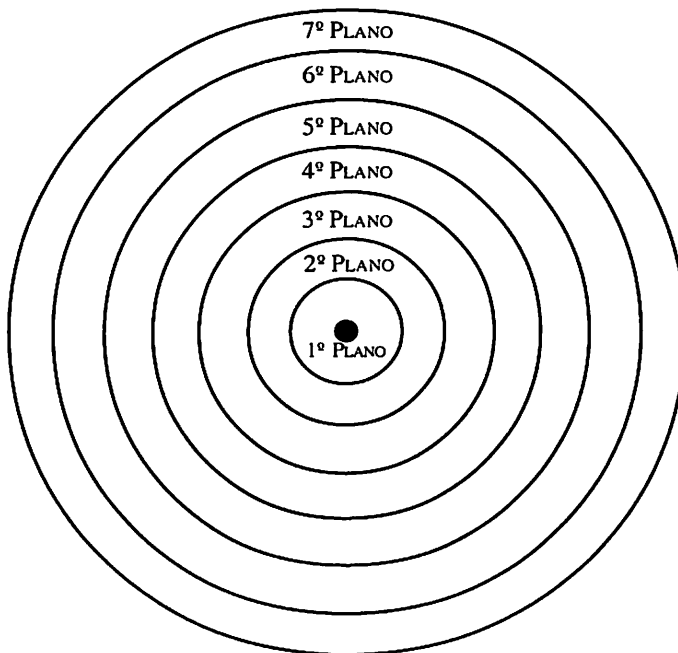
- 14º — Olorum gerou sete planos da vida, todos derivados da Sua vibração original e unitária, tornando cada um deles uma de Suas realidades, únicas em si.
- 15º — Olorum gerou sete realidades, cada uma separada das outras e com finalidade específica e única, com cada uma trazendo em si a unidade de Olorum, tornando-se única e não repetida dali em diante.
- 16º — Os sete planos da vida são mostrados graficamente da seguinte maneira:

• OLORUM



— Ou desta maneira:

Os sete planos da vida, vibrações desdobradas a partir da vibração original de Olorum:



- 17º — Olorum desdobrou Sua vibração original e ela manifestou-se criando sete planos da vida, cada um uma realidade, um meio divino no qual a vida fluiria, e todos os seres, todas as criaturas e todas as espécies animadas e inanimadas poderiam cumprir seus destinos, individualizando-se nos corpos exteriores de Olorum, tornando-se cada um uma nova unidade existencial e consciencial.
- 18º — Os sete planos da criação e da vida surgidos após o desdobramento da vibração original de Olorum são as sete bases da criação e são assim:

1º Plano etéreo da criação e da vida: Ele é formado por uma vibração sutilíssima, a mais sutil e rarefeita porque é a primeira vibração externa de Olorum.

O meio da vida que este plano da vida é em si é todo saturado por energia em estado de rarefação, com micropartículas a cintilar.

Neste 1º plano da vida não há nada concreto e tudo está como em estado de suspensão — não existe um “solo” onde elas possam ser depositadas e acumuladas.

Essas micropartículas, as menores da criação exterior de Olorum, são os seus fatores, cada um trazendo em si uma de suas múltiplas qualidades e quando são absorvidos pelos seres que nele vivem esses fatores os alimentam e desencadeiam a abertura dos seus códigos genéticos divinos, já que foram gerados em Olorum e exteriorizados por Ele para que assim, no seu exterior, cada um se individualize e possa cumprir o seu destino até se tornar em si um desígnio divino de Olorum, o nosso divino Criador.

2º Plano etéreo da criação e da vida: Este segundo plano da vida é denominado plano essencial e as micropartículas energéticas formadoras dele são alimentadoras dos seres que nele cumprem o 2º estágio dos seus destinos.

Essas micropartículas essenciais são formadas a partir do reagrupamento da fusão ou do amalgamento de sete fatores originais.

Sempre, sete fatores se agrupam, como fazem as enzimas, por meio de encaixes perfeitos, e tornam uma essência um composto fatorial com uma finalidade única na criação e com funções específicas quando absorvidas pelos seres que ali vivem e de essências se alimentam.

As essências também estão em estado de suspensão, mas não tão rarefeito quanto o do 1º plano ou plano fatorial da vida.

Sua distribuição é uniforme e não há espaços vazios porque toda essa realidade de Olorum está ocupada pelas suas essências.

3º Plano etéreo da criação e da vida: Este 3º plano da vida é denominado plano elemental e as micropartículas energéticas formadoras dele são compostas pela fusão ou amalgamento de sete essências diferentes, que se agrupam por meio de encaixes específicos e geram energias plasmáticas ou plasmas energéticos elementais (de elementos, no seu sentido mais elevado e esotérico).

Esse plasma ou energia elemental é muito mais denso que o existente no plano anterior e também está distribuído por toda a terceira

base da criação ou a terceira exteriorização e terceira realidade de Olorum.

Mas neste plano elemental da vida e da criação esse plasma energético não está distribuído uniformemente, mas se concentra em grande quantidade em certos locais, dando início e sustentação à formação dos corpos celestes, que se cristalizam por processos e “mecanismo” comandados pelos senhores orixás, os concretizadores da criação de Olorum.

Esse plasma energético elemental é o quarto estado da matéria, denominado “energia escura” e é nele que tem início a formação das menores partículas, que dão início à formação daquilo que a ciência humana denominou “átomo”.

É desse plasma elemental que se originou a matéria e é só até ele que a ciência humana conseguirá chegar, por meio de aparelhos óticos ou mecânicos. Além dele, nada pode ser detectado, visto ou sentido.

4º Plano etéreo da criação e da vida: Este 4º plano da vida é denominado plano dual porque é formado pela 4ª vibração de Olorum, que criou um meio no qual, a partir da fusão ou amalgamento de dois tipos ou padrões de energia elemental — que se agrupam e se encaixam com “chaves” específicas, formando um composto energético etereamente muito denso —, dá início à criação das formas etéreas.

No 4º plano da vida ou 4º corpo externo de Olorum tudo começa a ter uma forma específica, ainda que não totalmente definida ou cristalizada neste plano etéreo da vida.

A fusão de duas “energias elementais” gera uma terceira, algo gelatinoso que se condensa em certos locais do Universo e desencadeia a formação de corpos celestes.

Neste 4º plano da vida já existe algo similar ao solo, cortado por caudais de energia plasmática análogos aos dos nossos rios. Podemos defini-los como “proto-rios”, que vão alimentando tudo e todos que nele existem e nele cumprem seus destinos.

5º Plano etéreo da criação e da vida: Esse plano da vida é denominado de plano encantado porque ele é formado pela fusão ou amalgamento de três plasmas energéticos bi-elementais, formando uma energia tão variada em seus tipos ou padrões que os seres, as criaturas e as espécies animadas e inanimadas assumem formas tão definidas e perfeitas que neste plano da vida tudo beira à perfeição do divino Criador Olorum.

As formas se cristalizam e assumem suas feições definitivas sendo que o que nossos olhos vêem no plano material da vida são cópias rústicas do que existe neste 5º plano da vida.

Os processos criativos de Olorum, no seu 5º plano da vida ou na sua 5ª exteriorização e 5ª manifestação, se cristalizam e mostram aos nossos olhos espirituais todo o seu esplendor, sua criatividade e seu poder gerador.

Tudo é muito bem definido e as formas que compõem a natureza etérea desta 5ª manifestação de Olorum são tão belas e perfeitas que encantam os nossos olhos espirituais e por isso esse 5º plano é denominado plano encantado da criação e da vida.

Miticamente, se quiserem compará-lo com os mitos bíblicos, este é o Jardim do Éden, onde viveram Adão e Eva antes da tentação da serpente (o desejo) e da maçã (a procriação).

Sim, é neste 5º plano da vida que os seres, as criaturas e as espécies desdobram em seus códigos genéticos divinos as faculdades relacionadas à compreensão de si e do meio onde vivem, desenvolvendo a consciência, a percepção, a sensibilidade e o desejo de tornarem-se auto-suficientes em si mesmos.

No 5º plano da vida os seres tanto absorvem pelos seu charkras energia etérea rarefeita como se alimentam de frutos, tão variados e saborosos que só neste plano da vida é possível encontrá-los. E tudo está à disposição de todos o tempo todo e em tão grande abundância que nada falta aos seres que nele vivem e cumprem esse estágio dos seus destinos.

6º Plano etéreo da criação e da vida: Este plano é denominado natural porque ele tem no mundo material sua contraparte física e concreta, envolvendo os corpos celestes e vivificando as muitas dimensões da vida existentes dentro desse plano, formado pela fusão e amalgamento de sete tipos ou padrões das energias do plano encantado.

Nós denominamos o 6º plano da vida de plano natural porque ele é a contraparte do universo material, tal como o vemos, e de outros universos invisíveis aos nossos olhos espirituais, pois suas constituições são diferentes deste nosso. E servem a outras vontades manifestadas pelo divino Criador Olorum e concretizadas em outras realidades d'Ele, impenetráveis aos nossos limitados mentais e inimagináveis à nossa limitada imaginação.

O acesso a esses outros universos ou realidades de Olorum se dá por meio de gigantescos vórtices magnéticos existentes no lado espiritual da vida. As teorias científicas descrevem a cópia rústica ou material desses vórtices como buracos negros e berçários de estrelas.

No 6º plano da vida tudo muda e os seres, as criaturas e as espécies já são “maduros”, plenamente conscientes, têm liberdade de deslocamento e livre-arbítrio, optando pelo rumo a ser dado aos seus destinos.

Então chegamos à sétima vibração de Olorum, que deu origem a todo um plano celestial da vida e da criação.

7º Plano etéreo da vida e da criação: Denominado plano celestial, é onde os seres que já viveram o amadurecimento dos seus destinos começam a vivê-lo porque se tornaram em si mesmos os responsáveis pelos destinos dos espíritos mais novos.

A vibração original de Olorum, ao ser exteriorizada, desdobrou-se em sete outras e criou sete planos da vida e sete realidades exteriores, mas mantendo a unidade Dele em cada uma porque se todos os sete planos são sete novas realidades, todas têm uma só finalidade: são o meio exterior do divino Criador Olorum, em quem tudo e todos cumprem seus destinos até se tornarem destinos que conduzem à origem de todos os destinos: Olorum!

Louvemos Olorum porque Ele é o nosso Deus Criador e É o destino final de todos nós.

Os Orixás na Umbanda

Os orixás são as divindades que surgiram quando da exteriorização do divino Criador Olorum.

Assim como a sua vibração original, ao ser exteriorizada, gerou sete novas realidades originais e diferentes entre si, destinadas a abrigar os seres, as criaturas e as espécies animadas e as inanimadas geradas por Olorum, a sua manifestação exterior gerou sete formas d'Ele se manifestar.

A exteriorização do uno Olorum criou sete novas formas d'Ele se manifestar e cada uma delas tornou-se uma divindade sua, que em cada um dos Seus sete planos também se desdobraram em sete novas divindades d'Ele, o divino Criador, dando origem ao Setenário Sagrado.

Olorum é o mistério de todos os mistérios e ao manifestar-Se em seus sete graus vibratórios faz surgir sete planos da vida, e surge em cada um deles sete sub-planos e seus sete mistérios, nos quais ele está presente e se manifesta por meio dos orixás.

Sim, no "interior" de Olorum, a unidade original, não há outra manifestação além d'Ele.

Mas quando Ele se exterioriza e se manifesta surgem sete formas e cada uma delas é, em si, um mistério manifestado por Ele e é manifestador(a) de um dos Seus mistérios.

Pode parecer difícil ou um jogo de palavras, mas o fato é que cada orixá é um mistério manifestado por Olorum e é manifestador dos Seus mistérios originais. Cada orixá traz em si o mistério sétuplo de Olorum e faz surgir seus manifestadores divinos nas sete vibrações e nos sete sub-planos da criação (natureza) e da vida (seres).

Os Sete Mistérios Originais

Os sete mistérios originais são:

- Mistério da Fé
- Mistério do Amor
- Mistério do Conhecimento
- Mistério da Justiça
- Mistério da Lei
- Mistério da Evolução
- Mistério da Geração

Esses sete mistérios são suas multiplicações e Ele está neles, manifestado como seus sete orixás ancestrais, que são estes:

- Orixá Ancestral da Fé
- Orixá Ancestral do Amor
- Orixá Ancestral do Conhecimento
- Orixá Ancestral da Justiça
- Orixá Ancestral da Lei
- Orixá Ancestral da Evolução
- Orixá Ancestral da Geração

Como já comentamos que Olorum, ao exteriorizar-se, o faz de forma dupla, em ativo-passivo, positivo-negativo, irradiante-concentrador, macho-fêmea, etc., então as suas sete manifestações e exteriorizações geram quatorze orixás fatorais que são manifestadores dele, sendo que sete são masculinos e sete são femininos, sete são ativos e sete são passivos, sete são irradiantes e sete são concentradores, etc.

Então, o orixá ancestral da fé, que é manifestação exterior de Olorum por meio do seu mistério da fé, traz em si a dualidade de Olorum, pois foi exteriorizado por Ele e se enquanto mistério é indiferenciado, no entanto tem em si o dualismo de tudo o que Olorum gera e manifesta-se ativa e passivamente, irradiante e concentrador, macho e fêmea, etc., e ao manifestar-se desta forma dual, surgem dois orixás ancestrais da fé.

E o mesmo acontece com os outros seis mistérios, as outras seis exteriorizações e manifestações de Olorum.

A ciência divina dos orixás nos revela isto acerca desse dualismo da criação de Olorum:

- Orixá Ancestral da Fé { Orixá Masculino da Fé Ancestral
Orixá Feminino da Fé Ancestral
- Orixá Ancestral do Amor { Orixá Masculino do Amor Ancestral
Orixá Feminino do Amor Ancestral
- Orixá Ancestral do Conhecimento { Orixá Masculino do Conhecimento
Orixá Feminino do Conhecimento
- Orixá Ancestral da Justiça { Orixá Masculino da Justiça
Orixá Feminino da Justiça
- Orixá Ancestral da Lei { Orixá Masculino da Lei
Orixá Feminino da Lei
- Orixá Ancestral da Evolução { Orixá Masculino da Evolução
Orixá Feminino da Evolução
- Orixá Ancestral da Geração { Orixá Masculino da Geração
Orixá Feminino da Geração

É no 1º plano da criação e da vida que surgem realmente os orixás.

Nesse plano eles são o que são: manifestações originais de Olorum. E essas manifestações se mostram com o duplo aspecto que Olorum transmite a todas as coisas que Ele gera em si ou de si, inclusive as suas divindades, que são geradas aos pares (macho e fêmea) ativo-passivo, etc.

Com isso explicado, entendido e compreendido pelos leitores, então podemos continuar a comentar a base teogônica da religião de Umbanda.

Nessa base, temos sete mistérios que se duplicam nos quatorze orixás (os sete pares), e esses quatorze orixás se multiplicam em quarenta e nove pares, sendo que:

- quarenta e nove são masculinos e quarenta e nove são femininos;
- quarenta e nove são ativos e quarenta e nove são passivos;

- quarenta e nove são irradiantes e quarenta e nove são concentradores;
- quarenta e nove são positivos e quarenta e nove são negativos.

Esse pares são desdobramentos automáticos da forma como Olorum se manifesta ao se exteriorizar, que iremos comentar nos capítulos seguintes.

1ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação da Fé

Essa 1ª linha é formada por dois orixás que se polarizam nos campos da religiosidade. Oxalá e Oyá Tempo são seus nomes, sendo que Oxalá é irradiante, positivo, passivo, atua por seu magnetismo cujas ondas são retas e vibra fé o tempo todo.

Oyá Tempo é cósmica, absorvente, negativa, ativa, temporal, e sua irradiação magnética é alternada: ora intensifica a religiosidade, ora a esgota se ela se desvirtuou.

Estudando a natureza de Oxalá e de Oyá Tempo, podemos descrevê-los assim:

- Oxalá é uma divindade da fé e é em si mesmo esse mistério divino, pois gera fé o tempo todo e a irradia de forma reta, alcançando tudo e todos. Sua natureza religiosa não deve ser dissociada de Deus, pois é essa qualidade d'Ele que a individualizou em seu orixá da Fé para poder ser aprendido por todos os seres cuja fé é reta e cuja religiosidade é virtuosa.
- Oyá Tempo é uma divindade ativa da fé e é em si mesma esse mistério divino, pois gera religiosidade o tempo todo e a irradia ou a absorve conforme as necessidades dos seres que se estão apáticos recebem e se estão emocionados a têm esgotada.

A fé é um mistério de Deus. Já a religiosidade é um sentimento dos seres criados por Ele. Logo, Oxalá irradia essa qualidade divina denominada fé, e Oyá Tempo estimula ou paralisa a qualidade religiosa dos seres movidos pelos sentimentos desvirtuados .

Observem que eles não são iguais no mistério da fé porque ele a irradia de forma contínua e ela estimula ou paralisa esse sentimento nos seres.

Por isso diferenciamos estes dois orixás da fé e os classificamos assim:

- Oxalá é um orixá universal e suas irradiações retas e contínuas são projetadas a todos, o tempo todo, e durante todo o tempo.
- Oyá Tempo é um orixá cósmico e suas irradiações espiraladas são alternadas e direcionadas, só alcançando os seres que estão apáticos ou emocionados em seus sentimentos religiosos.

Ele é um orixá universal porque está se irradiando de forma contínua e estável. Já ela é um orixá cósmico porque em sua irradiação alternada uma espiral magnética projeta-se e estimula a religiosidade e a outra espiral magnética vem esgotando o emocional dos seres que estão vibrando sentimentos religiosos desequilibrados.

Com isso explicado, então fica fácil entender por que o orixá Oxalá é amado e a orixá Oyá Tempo é respeitadíssima, temida mesmo pelos que já sofreram sua atuação esgotadora dos seus desequilíbrios religiosos.

As hierarquias de Oxalá são formadas por espíritos descontraídos, profundamente religiosos e amorosíssimos. Já as hierarquias de Oyá Tempo são formadas por espíritos circunspectos, glacialmente religiosos e muito respeitosos, não admitindo arroubos religiosos de espécie alguma à volta deles.

Por isso as hierarquias de Oxalá são envolventes e as de Oyá são glaciais, arredias às evocações inconseqüentes e aos clamores falsos dos que costumam oferendá-la no tempo. E não são poucos os que, movidos pela maldade e pela ignorância, evocam os mistérios do “Tempo” com fins negativos, e no mesmo instante começam a ser esgotados em sua religiosidade desvirtuada e são paralisados no sentido da fé.

Saibam que tanto a atuação de Oxalá quanto a de Oyá são permanentes na criação e na vida dos seres, independentemente de nossa vontade para atuar. Mas os rituais de magia e de oferendas têm o poder de acelerar essas atuações, e por isso a Umbanda recorre a eles como parte de sua própria dinâmica religiosa, aceleradora da evolução dos seres.

Assim sendo, então devem orar a Oxalá para que ele fortaleça cada vez mais a vossa fé em Deus e devem orar a Oyá Tempo e pedir a ela que os ampare na fé e não permita que seus emocionais desvirtuem a fé em Deus e os sentimentos religiosos.

Saibam que um pedido desses feito com fé, respeito e convicção na atuação desses dois Orixás vale mais que ouvir dez sermões inflamados.

Uma evocação ou um clamor íntimo dessa natureza dignifica o ser diante das divindades e elas tudo farão para atender quem assim proceder, pois é um pedido codificado pela Lei Maior como um procedimento reto diante da confusão a que todos estão sujeitos no dia-a-dia, no qual falsos prometem o céu a quem lhe pagar mais ou prometem curas miraculosas a troco do vil metal, causa primeira da maior doença na vida dos seres: a ambição!

Na teogonia da Umbanda, Oxalá é interpretado como orixá irradiador da fé e Oyá Tempo é interpretada como orixá retificadora das religiosidades desvirtuadas.

Oxalá

Oxalá é o Orixá Natural da Fé e seu campo de atuação preferencial é a religiosidade dos seres, aos quais ele envia o tempo todo suas vibrações estimuladoras da fé individual e suas irradiações geradoras de sentimentos de religiosidade.

Fé! Eis o que melhor define o orixá Oxalá.

Sim, amados irmãos na fé em Oxalá, o nosso amado Pai da Umbanda é o orixá irradiador da fé em nível planetário e multidimensional.

Oxalá é sinônimo de fé. Ele é o orixá da fé que, assentado na Coroa Divina, irradia a fé em todos os sentidos e a todos os seres.

Comentar Oxalá é desnecessário porque ele é a própria Umbanda. Logo, vamos nos fixar em suas qualidades, atributos e atribuições e também em suas hierarquias.

Qualidades

As qualidades de Oxalá são, todas elas, mistérios da Fé, pois ele é o Orixá Divino irradiador da Fé. Nada nem ninguém deixa de ser alcançado por suas irradiações estimuladoras da fé e da religiosidade.

Seu alcance ultrapassa o culto dos orixás, pois é o da religiosidade, comum a todos os seres pensantes.

Jesus Cristo é um Orixá da Fé de nível intermediário dentro da hierarquia de Oxalá, e o mesmo acontece com Buda e outras divindades manifestadoras da fé, pois muitos Orixás Intermediários já se humanizaram para falar aos homens como homens e melhor estimularem a fé em Deus.

Todas as divindades irradiam a fé, mas os orixás da hierarquia de Oxalá são mistérios da fé e irradiam-na o tempo todo.

Atributos

Os atributos de Oxalá são cristalinos, pois é pela essência cristalina que suas irradiações nos chegam, nos imantando e despertando em nosso íntimo os virtuosos sentimentos de fé.

Saibam que a essência cristalina do divino Orixá Essencial da Fé é neutra quando irradiada. Mas como tudo se polariza em dois tipos de magnetismos então o seu pólo positivo e irradiante é Oxalá e o seu pólo negativo e absorvente é Oyá Tempo.

Oxalá irradia fé o tempo todo e Oyá Tempo neutraliza as irradiações religiosas desordenadas vibradas pelos religiosos desequilibrados. Ela se contrapõe a ele porque o seu campo de atuação é absorver os excessos religiosos vibrados pelos seres que se excedem nos domínios da fé. Já Oxalá irradia fé e estimula a religiosidade o tempo todo a todos.

Atribuições

As atribuições de Oxalá são as de não deixar um só ser sem o amparo religioso dos mistérios da fé. Mas nem sempre o ser absorve suas irradiações quando está com a mente voltada para o materialismo desenfreado dos espíritos encarnados.

É uma pena que seja assim, porque os próprios seres se afastam da luminosa e cristalina irradiação do divino Oxalá e entram nos gélidos domínios da divina Oyá Tempo, a Senhora do Tempo, e dos eguns negativados nos aspectos da fé.

As Hierarquias de Oxalá

Oxalá forma, em sua irradiação, duas hierarquias de Orixás Intermediários. Uma é irradiante, positiva, multicolorida. A outra é absorvente, negativa, monocromática.

A hierarquia positiva é formada pelos seus Orixás Intermediários, que são os orixás Oxalás de níveis intermediários. Vamos a eles.

- 1º Oxalá: é denominado Oxalá Cristalino ou Oxalá da Fé, pois está assentado no pólo magnético da Fé no 1º nível vibratório, formado pela linha de forças ou corrente eletromagnética horizontal cristalina regida por Oxalá (orixá da Fé).

- 2º Oxalá: é denominado Oxalá Mineral ou Oxalá da Fé e do Amor, pois está assentado no pólo magnético da Fé no 2º nível vibratório, formado pela linha de forças ou corrente eletromagnética horizontal mineral, regida por Oxum (orixá do Amor).
- 3º Oxalá: é denominado Oxalá Vegetal ou Oxalá da Fé e do Conhecimento, pois está assentado no pólo magnético da Fé no 3º nível vibratório, formado pela linha de forças ou corrente eletromagnética horizontal vegetal, regida por Oxóssi (orixá do Conhecimento).
- 4º Oxalá: é denominado Oxalá Ígneo ou Oxalá da Fé e da Justiça, pois está assentado no pólo magnético da Fé no 4º nível vibratório formado pela linha de forças ou corrente eletromagnética horizontal ígnea, regida por Xangô (orixá da Justiça).
- 5º Oxalá: é denominado Oxalá Eólico ou Oxalá da Fé e da Lei, pois está assentado no pólo magnético da Fé no 5º nível vibratório, formado pela linha de forças ou corrente eletromagnética eólica, regida por Ogum (orixá da Lei).
- 6º Oxalá: é denominado Oxalá Telúrico ou Oxalá da Fé e do Saber, pois está assentado no pólo magnético da Fé no 6º nível vibratório, formado pela linha de forças ou corrente eletromagnética telúrica, regida por Obaluaê (orixá da Evolução).
- 7º Oxalá: é denominado Oxalá Aquático ou Oxalá da Fé e da Vida, pois está assentado no pólo magnético da Fé no 7º nível vibratório, formado pela linha de forças ou corrente eletromagnética aquática, regida por Iemanjá (orixá da Geração).

Os sete orixás cristalinos que são negativos e absorventes são os Orixás Regentes dos aspectos negativos dos mistérios da Fé. Eles formam os pólos opostos aos sete Oxalás e são os Orixás Cósmicos, assentados nos sete níveis vibratórios negativos da linha de forças da Fé. Nós não os abriremos ao conhecimento do plano material. Apenas os citamos para que saibam que se Oxalá tem seu pólo oposto magnético, vibratório e energético em Oyá Tempo, os sete orixás Oxalá intermediários têm Orixás cósmicos assentados nos pólos negativos de nível intermediário, com os quais fecham suas linhas de forças verticais intermediárias.

Muitos já escreveram que alguns exus são os opostos dos Oxalá, ou que o Exu Rei das Sete Encruzilhadas é o negativo de Oxalá, mas isso não é verdade. Não existe um oposto a ele, mas sim um Orixá Cósmico que atua sobre a vida dos seres que invertem o sentido dos mistérios da Fé. Esse orixá é irrevelável e só nos permitimos chamá-lo de Orixá Negativo e nada mais.

Por analogia, podemos associá-los a algumas linhas de Exus que se manifestam na Umbanda. Mas lembrem-se de que esses orixás não se

manifestam na Umbanda ou em qualquer outra religião, pois são regentes de pólos magnéticos negativos. Assim como os Oxalás Intermediários, eles não se manifestam em médiuns.

Esses orixás só atuam por irradiação vibratória, magnética e energeticamente na vida dos seres. Mas eles pontificam hierarquias intermediárias que atuam sobre todos os seres que viraram as costas aos princípios da fé.

Oferenda

Oxalá é oferendado com velas brancas, frutas, coco verde, mel e flores. Os locais para oferendá-lo são aqueles que mais puros se mostram, tais como bosques, campinas, praias limpas, jardins floridos, etc.

Já os regentes dos pólos negativos da linha da Fé não se abrem ao plano material e não são invocados ou oferendados.

Água de Oxalá para Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água de fonte com rosas brancas e folhas de manjerona maceradas e curtidas por 24 horas.

Oyá Tempo

Oyá Tempo é a orixá do Tempo e seu campo preferencial de atuação é o religioso, no qual ela atua como ordenadora do caos religioso.

O “Tempo” é a chave do mistério da Fé regido pela nossa amada mãe Oyá Tempo, porque é na eternidade do tempo e na infinitude de Deus que todas as evoluções acontecem.

A orixá Oyá Tempo forma um pólo magnético vibratório e energético oposto ao do orixá Oxalá e ambos reagem à linha da Fé, que é a primeira das sete linhas de Umbanda, que são as sete irradiações divinas do nosso Criador. Logo, o campo de atuação de nossa amada mãe Oyá Tempo é o da fé, na qual flui a religiosidade dos seres, todos em contínua evolução.

Muitos fundem Oyá Tempo com Iansã e outros as descrevem como uma só divindade, surgindo Oyá Tempo-Iansã, senhora do tempo, dos raios e das tempestades. Mas isso não é correto. Enquanto nossa amada mãe Oyá Tempo atua na religiosidade dos seres, a nossa amada mãe Iansã atua na ordenação, aplicando a Lei em um campo mais amplo, pois envolve todos os sentidos que direcionam os seres em evolução, conduzindo uns para o sentido da Fé, outros para o da Justiça, da Geração, etc.

Enquanto Oyá Tempo atua exclusivamente no campo religioso, Iansã atua em todos os campos. Enquanto existem vinte e uma Iansãs intermediárias, só existem treze Oyás Tempo intermediárias e apenas duas delas estão voltadas para a dimensão humana, que é onde vivem e evoluem os seres que se espiritualizaram e que somos nós, os espíritos humanos.

Uma dessas orixás Oyá Tempo intermediária está voltada para as qualidades, atributos e atribuições positivas e a outra está voltada para as qualidades, atributos e atribuições negativas.

Por isso, à falta de um conhecimento mais profundo e superior, muitos juntam duas divindades distintas e as fundem numa terceira, facilmente explicável porque foi idealizada pelos que as uniram.

Por isso insistimos mais uma vez em dizer que Oyá Tempo não é a mesma Iansã da Umbanda, e vice-versa. E que se existe uma Iansã do Tem-

po, ela é uma das sete Iansãs cósmicas, ativas e é aplicadora da Lei nos domínios da Fé, tal como o nosso 1º Omolu Intermediário, que também atua nos domínios da fé, todos eles regidos pelo par formado por Oxalá e Oyá Tempo.

Oyá Tempo é a regente cósmica da linha da Fé, e tempo é o vazio cósmico no qual são retidos todos os espíritos que atentam contra os princípios divinos que sustentam a religiosidade na vida dos seres.

“Tempo”, eis as qualidades, atributos e atribuições negativas de Oyá Tempo, de que tanto falamos e alertamos os supostos pais-de-santo ou magos negros que recorrem a “Tempo” para prejudicar seus semelhantes com suas magias negras.

O “Tempo” os aguarda e os colherá num rodameiro tão vertiginoso que quando ele encerrar sua gira em suas vidas vocês já terão se transformado em espectros vazios do que um dia já foram, mas que dificilmente voltarão a ser: espíritos “humanos”.

Saibam que esse giro do “Tempo” costuma acontecer até com os magos negros encarnados, que se tornam “mortos vivos”.

Deus não concede o reencarne ao espírito que atenta contra os princípios da fé ou da religiosidade dos seres recorrendo às magias negras. E, por meio de Omolu, os envia ao “Tempo”, que os esgota até que se transformem em espectros vazios e sem um corpo energético a sustentá-los ou dar-lhes uma vida própria.

Oyá Tempo é a orixá regente do pólo negativo da linha da Fé, que é a 1ª das sete linhas de Umbanda e com Oxalá assentado em seu pólo positivo dá sustentação a todas as manifestações da fé e amparo aos sacerdotes virtuosos e guiados pelos princípios divinos estimuladores da evolução religiosa dos seres.

Então já viram a importância de nossa amada mãe Oyá Tempo na vida dos seres e qual é o seu aspecto negativo ou punidor, que é “Tempo”, certo?

Ela vira no “tempo” e atua com rigor sobre o espírito que desvirtuar sua fé e transformar sua religiosidade numa pele de cordeiro para ocultar seus desequilíbrios emocionais, suas ambições ocultas e seus desejos mórbidos.

Quando Oyá Tempo “vira no tempo”, seja contra um seu filho direto ou um seu filho indireto (que tem a coroa regida por outros orixás), então sua vida entra em parafuso e só deixará de rodar quando esgotar tudo de desregrado e desvirtuado que nela existia.

Isso é Oyá Tempo, amados filhos dos orixás! Mãe religiosa por sua excelência divina, mas mãe rigorosa por sua natureza cósmica, cujo principal atributo junto dos espíritos humanos é esgotar o lobo sanguinário que se oculta por baixo da pele de cordeiro.

Enquanto Oxalá é irradiante, Oyá Tempo é absorvente, e enquanto os filhos de Oxalá são extrovertidos, os de Oyá Tempo são introspectivos e

até um tanto tímidos, pois a natureza forte de sua mãe divina exige deles certa “beatitude”, já que, das mães divinas, ela é a mais ciumenta por seus filhos amados e a mais rigorosa com os seus filhos relapsos.

Isso é Oyá Tempo, amados filhos das nossas amadas mães divinas!

Se ela é assim, é porque ela é a orixá que, junto com Oxalá, rege a primeira linha de Umbanda, a da Religiosidade.

Meditem e reflitam sobre tudo o que já leram ou ouviram sobre nossa amada mãe Oyá Tempo e comparem com o que aqui estamos comentando. Então, temos certeza, começarão a amá-la com muito mais intensidade, pois a fé acelerará a evolução de vocês.

E esse amor chegará até ela, que os inundará com uma irradiação viva de fé e de amor, já que somente suas qualidades, atributos e atribuições negativas são sombrias e estão simbolizadas em sua pedra fundamental pela cor escura do quartzo fumê. Mas suas qualidades, atributos e atribuições positivas são luminosas e transparentes como só o quartzo cristalino consegue ser, pois Oyá Tempo é, em sua essência original, tão cristalina quanto Oxalá.

Saibam que Oyá Tempo, como regente feminina do Tempo, não gosta de ser oferendada dentro do templo e não aceita ser firmada senão em campo aberto, que são todos os campos. Onde existir a fé, lá haverá um campo de Oyá Tempo. E onde não existir fé, campo algum existirá, pois no vazio nada existe.

Por isso, não se preocupem onde oferecer ou firmar Oyá Tempo. Ela, tal como Oxalá, atua por meio da fé, está em tudo, em todos os seres e lugares.

Logo, os filhos de Umbanda que têm em Oxalá o divino pai da Fé também devem cultivar a divina mãe Oyá Tempo. Com ele no pólo positivo e ela no pólo negativo, forma-se o par dos orixás excelsos que regem a linha da Fé e estimulam a religiosidade nos seres.

Saibam que Oxalá aprecia ser cultuado no interior dos templos e Oyá Tempo prefere espaços abertos.

Por isso, após formarem Oxalá em altares ou oratórios, deve-se sair no tempo, que tanto pode ser o espaço ao redor do templo como o jardim de suas casas, e aí devem saudar Oyá Tempo, firmando para ela uma vela branca e outra preta. Deve-se pedir suas bênçãos, seu amparo divino e sua proteção cósmica e poderosíssima, que nos isola e nos protege dos eguns que vivem soltos no tempo porque foram e estão sendo libertados por tenebrosos magos negros, que se servem de espectros vazios. Esses magos, ainda na carne, são tão vazios de fé que são verdadeiros espectros encarnados que vivem de vampirizar a religiosidade de seus semelhantes.

Se nunca foram apresentados ritualmente a Oyá Tempo, saibam que podem, de forma simples, se mostrar a ela, e sem gastar a fortuna que cobram para isso.

Oyá Tempo aprecia em sua oferenda ritual de apresentação que lhe acendam sete velas brancas, sete velas roxas e sete velas pretas, com cada uma das cores formando o vértice de seu triângulo de forças, que deve estar com o vértice branco voltado para vocês enquanto a oferendam.

Após acenderem as velas e firmarem seu triângulo de forças, deve-se partir um coco seco e colher sua água. Depois deve-se depositá-la dentro de uma das partes do coco e acrescentar licor de anis, sua bebida ritual.

Também se deve partir ao meio um maracujá maduro, desses que se usam para fazer suco, e colocá-lo ao lado do coco, pois essa é sua fruta ritual que deve ser oferecida durante suas oferendas de apresentação, propiciatórias ou aceleradoras de um processo cármico regido pela Lei (Ogum) e coordenado pela Justiça (Xangô).

Pode-se, também, usar um coco verde, desses cheios de água, que servem como refresco.

Após firmarem essa oferenda, diz-se, então, o seguinte: “Amada e divina mãe Oyá Tempo, aceite esta minha oferenda como prova de minha fé e do despertar consciente de minha religiosidade e fé em nosso Divino Criador Olorum. Solicito que me receba em seu amor e me ampare em todos os sentidos durante esta minha jornada evolucionista no plano material, e que me livre das tentações, me cubra com seu véu cristalino da fé em Olorum e me conduza pelo caminho reto que conduz todos os seus filhos na direção da Luz e do nosso Pai Eterno.

Apresento-me como ‘fulano de tal’ e solicito seu amparo e sua guia luminosa para que eu me conduza tanto nos campos luminosos quanto nos campos escuros, sempre iluminado pela sua luz cristalina e amparado por minha fé no nosso Divino Criador.

Salve, mãe divina da Fé!

Salve, minha mãe Oyá, Senhora do Tempo!

Salve, Oxalá, luz da minha fé e regente da eternidade dos que vivem na fé em Olorum!”.

Após proferirem com amor e fé essa oração de apresentação à divina Oyá Tempo, deve-se, e só então, levantar a cabeça (que deverá estar coberta com um pano branco) e estender as mãos para o alto, absorvendo as irradiações cristalinas de amor e fé que ela estará enviando, abençoando-nos e confirmando que aceitou nossa apresentação singela e desprovida de pompas ou luxo, mas cheia de fé, amor e respeito, uma vez que descobrimos nela a mãe divina da Fé que, assentada ao lado de Oxalá, rege a religiosidade de todos os seres.

Água de Oyá Tempo para Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água de chuva com folhas de eucalipto e pétalas de rosa amarela maceradas e curtidas por sete dias.

Para firmar a mãe Oyá Tempo em seus templos de Umbanda, é necessário um pedaço de bambu com uns dois metros de comprimento; de uma, três ou sete porongas ou cabaças, vendidas nas lojas de artigos religiosos, e de fitas pretas e brancas para amarrar as cabacinhas no bambu. Eles devem ter a tampa logo acima do gargalo cortada, pois quando se for saudá-la e evocá-la para pedir seu auxílio e sua proteção deve-se encher a cabaça com água.

Também deve-se acender uma vela branca e outra preta e firmar cada uma delas de um lado do bambu.

Após encher a(s) cabaça(s) com água e firmarem as duas velas (uma branca e outra preta), deve-se saudá-la e evocá-la dessa forma:

“Salve, minha mãe Oyá, Mãe do Tempo!
Salve, meu pai Oxalá, Pai do Tempo!
Salve, o Divino Trono do Tempo!
Salve, meu Divino Criador!

Mãe amada, eu a saúdo, a reverencio e a evoco e peço sua proteção e seu amparo divino, tanto para mim quanto para minha casa, meu templo e meus filhos espirituais.

Ampare-os e proteja-nos, Mãe Amada e Senhora do Tempo!

Saudação a Oyá Tempo:

Salve, Oyá! (diz o dirigente do culto).

Olha o tempo, minha mãe!! (respondem os seus filhos de fé)”.

2

2ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação do Amor

O amor é uma qualidade de Deus, e Oxum é a sua divindade unigênita, pois é em si mesma esse amor divino que agrega tudo e todos em torno do divino criador Olorum.

Oxum não existe por si só e não pode ser dissociada de Deus, pois ela é esse amor que Ele gera em Si mesmo como uma de suas qualidades.

Assim sendo, porque uma qualidade divina está em tudo e em todos, então Oxum, que é o mistério do amor divino, está em tudo o que Deus criou. Ela está na formação do átomo como a força ou magnetismo que o agrega, assim como nas constelações como o magnetismo universal que agrega todas as suas estrelas em torno de um ponto fixo no Universo.

As lendas sobre os orixás os humanizaram e os aplicaram na vida material dos seres. Então eles assumiram feições humanas e perderam parte dos seus caracteres e naturezas divinas. Mas nós sabemos que se Oxum é tida como o orixá do amor ou do coração, ou da concepção, é porque ela é em si mesma o amor divino e o manifesta a partir de si mesma, dando origem às agregações.

Oxum, a partir das agregações, dá origem à concepção das coisas, já que ela é a própria concepção divina enquanto qualidade do divino Criador, que individualizou essa Sua qualidade nela, a sua divindade do amor, que agrega e concebe.

Oxum é unigênita porque é em si uma qualidade divina que desperta o amor nos seres, os agrega e dá início à concepção da própria vida. Por isso ela é tida como a divindade que rege a gestação, pois é por intermédio dela que a vida é concebida na carne, multiplicando-a.

Esse aspecto dessa divindade de Deus não está restrito só à concepção porque, por ser uma qualidade divina, está em tudo o que foi criado e em todos os aspectos da criação, seja ela animada (seres) ou inanimada (substâncias).

Oxum é agregadora e, por ser uma divindade, também atua nos seres pelos sentidos e desperta neles sentimentos de amor e a atratividade natural, que costuma ocorrer em todos os campos e aspectos da vida.

O elo que une os seres sob uma mesma crença religiosa é o magnetismo agregador de Oxum. O elo que une os átomos e dá origem a uma substância é o magnetismo de Oxum. Enfim, tudo o que se liga, só se liga por causa dessa qualidade agregadora, da qual ela é a divindade irradiadora.

Se Oxum, a orixá dos cultos de nação, só foi interpretada em uns poucos aspectos da vida dos seres, na Umbanda procuramos abrir este mistério do amor divino e mostrar que ele está na origem da própria gênese, pois tudo o que Deus gera em Si ou a partir de Si é agregador e destina-se a um objetivo maior dentro da criação.

Então não devemos limitar Oxum ao campo da afetividade humana ou à concepção da vida, pois ela, por ser em si mesma a qualidade agregadora do divino Criador, está no amor, na fé, na lei, etc.

Sim, ela está em tudo e em todos como a qualidade agregadora de Deus, que individualizou Seu amor divino nesta Sua divindade agregadora, conceptiva e amorosa.

As lendas a caracterizaram como a orixá da riqueza, senhora do ouro e das pedras preciosas e dos minerais.

Nós interpretamos isso como correto, desde que expliquemos sua qualidade agregadora, que é um “fator” de natureza mineral, e que realçamos que só acumulando bens a riqueza surge.

Portanto, se Oxum é agregadora em todos os campos e aspectos da vida, até na riqueza material ela atua, pois agrega os bens que tornam um ser rico, materialmente falando.

Esse aspecto de Oxum é muito evocado pelos seus fiéis adoradores porque ela realmente responde, caso quem a evocar seja merecedor.

Quanto à sua atuação no campo da afetividade, ela só ampara as uniões regidas pelos sentimentos de amor. Já as regidas só pelo desejo ou pela paixão estão fora de seu campo de atuação e não recebem suas irradiações vivas, limitando-se a amparar as concepções, caso venha a acontecer a geração de uma criança.

Oxum agrega no amor, na fé, no conhecimento, na lei, na evolução e na geração. Ela está em todas as outras qualidades de Deus, em todos os sentimentos, em toda a criação, em todos os seres, em todas as criaturas e em todas as espécies.

Observem as criaturas (cães, ovelhas, cobras, etc.) e verão essa qualidade “Oxum” no amparo e no amor que as mães dessas espécies dedicam aos seus filhotes ou crias.

Temos certeza de que verão a semelhança entre o amor delas e das mães humanas, pois essa qualidade divina está em tudo e em todos.

Oxum é a Divina Mãe do Amor e da Concepção, pois com seu magnetismo agregador gera as uniões em todos os sentidos.

Já o orixá de Deus que polariza com ela é Oxumaré, pois é ativo, cósmico e temporal, uma vez que só entra na vida dos seres caso as ligações (agregações) entrem em desequilíbrio, desarmonia ou emocione-se.

Sim, Oxumaré é em si a qualidade de Deus que “desfaz” tudo o que perdeu sua condição ideal para existir e deve ser diluído para ser reagregado já em novas condições.

Oxumaré é temporal, é cósmico, é ativo, e sua atuação é alternada porque seu magnetismo é negativo e dilui todas as agregações que perderam suas condições ideais ou sua estabilidade natural.

Saibam que o magnetismo de Oxumaré é composto de duas ondas entrelaçadas que seguem numa mesma direção, criando uma irradiação ondeante e diluidora de todas as agregações não estáveis. São duas ondas, e uma dilui as agregações cujo magnetismo agregador é de natureza masculina, e outra dilui as agregações de natureza feminina, dissolvendo compostos energéticos, alterando estruturas elementares e modificando sentimentos.

Mas o mistério Oxumaré não se limita só a diluir as agregações instáveis, pois seu fator renovador traz em si a qualidade de renovar um meio ambiente, uma agregação, uma energia, um elemento e até os sentimentos íntimos dos seres.

Seu campo de atuação é tão amplo que resumimos a descrição de Oxumaré e o sintetizamos assim:

“O divino Orixá da Renovação da vida é a divindade unigênita em Deus que a traz em si, e é em si mesmo o orixá que tanto dilui as causas dos desequilíbrios quanto gera de si as condições ideais para que tudo seja renovado, já em equilíbrio e harmonia”.

Oxumaré é unigênito porque é a única divindade de Deus que é em si mesmo a renovação. Outras divindades, porque estão na renovação, também participam do seu mistério renovador. Mas se participam das renovações, no entanto, esta qualidade é ele em si mesmo que, antes de renovar algo ou alguém, também dilui as causas que o levaram ao desequilíbrio.

“Saibam que o fator divino Oxumaré está neste livro, pois ele está renovando todo um conhecimento sobre Deus e suas divindades, criando toda uma teogonia que tanto renova os orixás quanto os reinterpreta, fortalecendo a fé dos umbandistas e direcionando a religiosidade dentro da Umbanda.”

Sem negar as lendas sobre os orixás, aqui o fator Oxumaré está diluindo conceitos nada religiosos (brigas, ciúmes entre os orixás) e interpretando-as a partir da Ciência Divina. Com isso dilui as caracterizações humanas sobre os orixás e lhes dá uma nova feição, já em acordo com a vontade maior que tem direcionado essa renovação: “Devolver os orixás aos domínios de Deus, renová-los na mente e nos corações de seus fiéis e

adoradores, e mostrá-los como são, pois são em si mesmos, todos eles, unigênitos de Deus que manifestam em tudo e a todos as qualidades divinas que os distinguiram em suas gerações divinas”.

Saibam que Deus, ao *gerar em Si* suas divindades, procede como um corpo humano que tem na multiplicação celular sua formação. Então Deus, quando gera em Si uma de suas divindades, age como uma célula que, pela cissiparidade, multiplica-se na nova célula gerada, que é igual em tudo à que a gerou.

Deus, ao gerar uma divindade, a gera nessa Sua qualidade e terá nela uma multiplicação e uma repetição dessa Sua qualidade, que é viva e divina e traz em si a força e o poder de realização de quem multiplicou-Se e repetiu-Se nela: Deus!

Já quando Deus *gera de Si*, então o que ele gerar se realizará por sua natureza divina, que distinguirá cada coisa ou ser com uma qualidade natural, só sua e intransferível, pois essa Sua geração não traz em si a força e o poder de auto-realizar-se e multiplicar-se.

Nós, os espíritos, não nos auto-realizamos, não temos a capacidade de nos multiplicar a partir de nós mesmos. Já uma divindade, gerada em Deus, se multiplica e se repete nas suas próprias hierarquias divinas. E se nós nos colocarmos sob a irradiação direta ou vertical de uma, então ela se multiplicará e se repetirá em nós, amoldando nosso caráter segundo o dela, que é divino, e remodelando nossos sentimentos segundo os que sua qualidade divina desperta em nosso íntimo.

Saibam que assim como Deus tanto gera em Si quanto gera de Si, as divindades também o repetem e o multiplicam, e a qualidade divina, que elas são em si, tanto as geram em si como as geram de si... na natureza e no íntimo dos seres que se colocam sob suas irradiações diretas ou verticais.

Essa dupla geração de Deus é vista por nós parcialmente no reino vegetal, no qual algumas espécies geram em si e outras geram de si.

Gerar em si, nos vegetais, significa que dão brotos que são replantados e logo estão em condições de gerar novos brotos que serão replantados ou crescerão por si só, se repetirão e se multiplicarão.

Gerar de si, nos vegetais, significa que nasce de uma semente que germinou, cresceu, floresceu, deu novas sementes, que trazem uma genética que a replicará e a multiplicará.

Deus, ao gerar em Si, gera seres divinos que O repetem e O multiplicam na sua qualidade na qual foram gerados. Já ao gerar de Si, então gera sementes ou centelhas vivas que trazem em si toda uma genética que especifica a classe a que pertence, e essas centelhas vivas germinarão, crescerão, amadurecerão e florescerão na Sua natureza divina ou no Seu exterior.

Os orixás são identificados como divindades regentes da natureza justamente porque regem os seres, as espécies e as criaturas que foram geradas por Deus, mas germinarão e crescerão na Sua natureza divina.

Muitos crêem que os orixás só regem sobre a natureza física, mas estão enganados porque eles regem sobre todas as naturezas ou sobre a natureza de tudo o que existe, seja animado ou inanimado. A natureza qualifica a criação divina e as suas criações, e os orixás são associados a tudo o que Deus criou e a todos os seres.

Logo, não estamos descrevendo os orixás e renovando os conceitos sobre eles a partir de algo abstrato, mas sim concreto, sensível e palpável: nós mesmos!

Saibam que o que mais caracteriza Oxumaré é sua dualidade, na qual ele às vezes se mostra como a diluição de tudo o que está em desequilíbrio ou foi superado pelo tempo e pela evolução, e às vezes se mostra como o renovador de tudo e em todos os seus aspectos.

Por isso ele é o orixá que forma um par natural com Oxum, orixá da agregação.

Onde ela agregou, mas já foi superada ou entrou em desequilíbrio com o resto da criação, aí entra Oxumaré, diluindo tudo e gerando em si, e de si, as condições ideais para que tudo se renove e, mantendo suas qualidades originais e sua natureza individual, continue a fazer parte do todo, que é Deus.

Resumindo a segunda linha de Umbanda e sintetizando os aspectos teogônicos das divindades que melhor a caracterizam, temos:

Oxum: orixá do amor divino, que agrega e concebe as coisas animadas e inanimadas.

Oxumaré: orixá da renovação, que dilui todas as agregações desequilibradas e renova o meio no qual elas acontecem, criando novas condições para que novamente sejam reagregados, já em equilíbrio e harmonia com o todo, que é Deus, a vida e a religiosidade dos seres.

Oxum

Oxum é o orixá natural, irradiador do Amor Divino e da Concepção da Vida em todos os sentidos. Como “Mãe da Concepção”, ela estimula a união matrimonial e como orixá mineral ela favorece a conquista da riqueza espiritual e a abundância material.

Oxum é o orixá regente do pólo magnético irradiante da linha do amor e atua na vida dos seres estimulando em cada um os sentimentos de amor, fraternidade e união.

Seu elemento é o mineral e, junto com Oxumaré, ela forma toda uma linha vertical cujas vibrações, magnetismo e irradiações planetárias e multidimensionais atuam sobre os seres e os estimulam ou os paralisam.

Em seus aspectos positivos ela estimula os sentimentos de amor e acelera a união e a concepção.

Não vamos comentar seus aspectos negativos ou punidores dos seres que desvirtuam os princípios do amor ou da concepção.

Na Coroa Divina, a orixá Oxum e o orixá Oxumaré surgem a partir da projeção do orixá do Amor, que é o regente do sentido do Amor.

Oxum assume os mistérios relacionados à concepção de vidas porque o seu elemento mineral atua nos seres estimulando a união e a concepção.

Como muito já foi escrito sobre nossa amada mãe Oxum, vamos nos limitar só a mostrar as sete hierarquias que aplicam seus aspectos positivos nos sete níveis vibratórios positivos.

- 1ª Oxum: é denominada Oxum da Fé, pois está assentada no pólo magnético do 1º nível vibratório, cuja corrente eletromagnética horizontal é cristalina e é regida por Oxalá (orixá da Fé).
- 2ª Oxum: é denominada Oxum do Amor, pois está assentada no pólo magnético do 2º nível vibratório, cuja corrente eletromagnética horizontal é mineral e é regida por Oxum (orixá do Amor).
- 3ª Oxum: é denominada Oxum do Conhecimento, pois está assentada no pólo magnético do 3º nível vibratório, cuja corrente eletromagnética horizontal é vegetal e é regida por Oxóssi (orixá do Conhecimento).

- 4ª Oxum: é denominada Oxum da Justiça, pois está assentada no pólo magnético do 4º nível vibratório, cuja corrente eletromagnética horizontal é ígnea e é regida por Xangô (orixá da Justiça).
- 5ª Oxum: é denominada Oxum da Lei, pois está assentada no pólo magnético do 5º nível vibratório, cuja corrente eletromagnética horizontal é eólica e é regida por Ogum (orixá da Lei).
- 6ª Oxum: é denominada Oxum do Saber, pois está assentada no pólo magnético do 6º nível vibratório, cuja corrente eletromagnética horizontal é telúrica e é regida por Obaluaê (orixá da Evolução).
- 7ª Oxum: é denominada Oxum da Geração, pois está assentada no pólo magnético do 7º nível vibratório, cuja corrente eletromagnética horizontal aquática é regida por Iemanjá (orixá da Geração).

Essas sete orixás Oxum intermediárias pontificam as sete hierarquias regentes dos níveis vibratórios positivos da linha do Amor, mas essa linha tem seus níveis negativos, sobre os quais não vamos comentar aqui, pois são orixás minerais negativos responsáveis pela aplicação dos aspectos (qualidades, atributos e atribuições) negativos da orixá maior Oxum e atuam como atradoras dos seres que centraram suas vidas somente na sexualidade desvirtuada. Esses seres ficam com sua evolução paralisada até que esgotem todos os seus desejos desequilibrados e retornem às faixas neutras, de onde serão redirecionados.

Outra coisa que todos devem saber é que a água é o melhor condutor das energias minerais e cristalinas. Por essa sua qualidade única, surgem diversos tipos de água, sendo que a água “doce” dos rios é a melhor rede de distribuição de energias minerais que temos na face da Terra. E o mar é o melhor irradiador de energias cristalinas.

Saibam que a energia irradiada pelo mar é cristalina e a energia irradiada pelos rios é mineral. E justamente neste ponto surgem confusões quando confundem a orixá Oxum com Iemanjá.

Bem, o fato é que a água mineral, a água sulfúrica, a água salobra, a água salgada, a água ferruginosa, etc. são condutores naturais de energias elementais, e os orixás recorrem a elas sempre, já que são regentes da natureza e se confundem com ela o tempo todo.

Saibam também que a energia mineral está presente em todos os seres e vegetais. Por isso, Oxum também está presente neles, pois sua energia cria a “atração” entre as células vegetais, carregadas de elementos minerais.

A água doce, por estar sobrecarregada de energia mineral, é um dos principais “alimentos” dos vegetais. Logo, Oxum está tão presente nas matas de Oxóssi quanto na terra de Obá, que são os dois orixás que pontificam a linha vertical (irradiação) do Conhecimento. A senhora Oxum do Conhecimento é uma Oxum “vegetal”, pois atua nos seres como imantadora do desejo de aprender.

Saibam que a ciência dos orixás é tão vasta quanto divina e está na raiz de todo o saber, na origem de todas as criações divinas e na natureza de todos os seres. É na ciência dos orixás que as lendas se fundamentam, e não o contrário. Logo, leiam e releiam nossos comentários até entender esta magnífica ciência divina e apreender suas chaves interpretadoras da ciência dos entrecruzamentos. Se conseguirem essas duas coisas, temos certeza de que daí por diante entenderão por que a rosa vermelha é usada como presente pelos namorados e a rosa branca é usada pelos filhos para presentear suas mães. Ou por que se oferecem rosas vermelhas para oferecer a pombagira, rosas brancas para oferecer a Iemanjá, rosas amarelas para oferecer Oxum e rosas “cor-de-rosa” para as crianças (erês).

Saibam que, apesar de todas serem rosas, os pigmentos que as distinguem são os condutores de “minerais” e de energias minerais. Para um leigo, todas são rosas. Mas para um conhecedor, cada rosa é um mistério em si mesma, e o mesmo acontece com cada cor.

Logo, o mesmo acontece com cada orixá intermediário, que são mistérios dos orixás maiores.

Saibam também que todo jardim com muitas roseiras é irradiador de essências minerais que tornam o ambiente catalisador natural das irradiações de amor da divindade planetária que, amorosamente, chamamos de Mamã Oxum.

Outra recomendação que fazemos aos umbandistas é: por que vocês em vez de oferecerem rosas às suas Oxuns não plantam perto das cachoeiras mudas de roseiras? As rosas murcham e logo apodrecem, mas uma muda de roseira cresce, floresce, embeleza e vivifica o santuário natural dessas nossas mães do Amor.

Oferenda

Velas brancas, azuis e amarelas; flores, frutos e essência de rosas; champanhe e licor de cereja, tudo depositado ao pé de uma cachoeira.

Água de Oxum para Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água de cachoeira com rosas brancas maceradas e curtidas por três dias.

Oxumaré

Oxumaré é o orixá que rege a sexualidade e seu campo preferencial de atuação é o da renovação dos seres, em todos os aspectos.

Oxumaré é um dos orixás mais conhecidos e, no entanto, é o mais desconhecido dentro da Umbanda, pois os médiuns só cultuam a orixá Oxum, que na linha do Amor e da Conceção forma com ele a segunda linha de Umbanda.

O aspecto positivo de Oxumaré que nos chega pelas lendas dos orixás é que ele simboliza a renovação. Isso é verdadeiro. E o aspecto mais negativo é que ele é andrógino, ou seja, parte macho e parte fêmea, mas isso não é verdade.

É inadmissível que uma divindade planetária tenha essas qualidades bissexuais, que só acontecem em seres com disfunções genéticas que provocam má-formação ou dupla formação dos órgãos sexuais, e em seres com desequilíbrios emocionais ou conscienciais que fazem com que, psiquicamente, eles troquem seus sinais mentais e invertam suas sexualidades.

Portanto, não tem sustentação alguns médiuns, com seus sinais sexuais trocados, alegarem que são homossexuais porque são filhos de Oxumaré e que ele é um orixá que por seis meses é macho e por seis meses é fêmea.

Logo, desumanizaram uma divindade que humanizou algumas de suas qualidades, atributos e atribuições somente para acelerar nossa evolução e nos conduzir pelo caminho reto.

Bastará um pouco de bom senso para detectar, nessa caracterização negativa de Oxumaré, uma justificação dos seres com desequilíbrios emocionais, mentais, conscienciais ou genéticos, já que uma divindade é de natureza positiva ou negativa, ativa ou passiva, e masculina ou feminina, mas nunca possui as duas em si mesma.

Logo, que cultue um Oxumaré andrógino aquele que é desprovido do bom senso.

Porque nós, que além do bom senso também nos guiamos pelo conhecimento superior sobre os mistérios “orixás”, não nos deixamos iludir por vicissitudes humanas que descaracterizam a personalidade, mas nunca devem descaracterizar a fé, tornando-a válvula de escape para emocionais desequilibrados que buscam viciá-la para justificar suas consciências perturbadas.

Portanto, se alguém é homossexual, que assuma sua condição humana, mas deixe fora dela as divindades, pois elas são o que são: divindades!

Ou refutamos esses conceitos errôneos ou logo descaracterizaremos todos os aspectos positivos dos orixás, já que mentes doentias produzem mais danos à religião que os adotou do que seus mais ferrenhos inimigos. E sabem por quê?

Porque os inimigos de uma religião só atingem seu exterior. Porém, as mentes doentias incrustadas no interior de uma religião solapam seus mais sólidos fundamentos e os substituem por conceitos desvirtuadores da própria natureza humana e por conceitos que descaracterizam divindades naturais regentes da evolução.

Saibam que não são poucas as divindades naturais que se humanizaram por seus aspectos positivos, mas justamente por causa das mentes doentias que se instalaram nos centros da religião, que irradiam suas qualidades luminosas, pouco a pouco, foram sendo descaracterizadas, fazendo surgir sombrias caracterizações que desfiguraram as divindades, tornando-as desumanas.

Essas mentes doentias, a exemplo de um câncer maligno, foram se espalhando silenciosamente pelo corpo religioso, que logo começou a sentir os efeitos da doença.

É comum, na Umbanda, ouvirmos dizer que, quando um médium começa a errar, os orixás o abandonam e quem toma conta de sua cabeça daí em diante é Exu, certo? Certíssimo, dizemos nós, pois é isso mesmo o que acontece com médiuns que se deixam seduzir pela soberba, pelo orgulho, pela inveja, etc.

Saibam que “Exu”, na ausência do orixá na coroa de um médium, é um dos aspectos negativos punitivos do próprio orixá do médium viciado, que o induzirá a cometer tantos desatinos que, mais dia menos dia, o fará abandonar a Umbanda e ir refugiar-se em alguma outra religião, na qual, sob uma nova doutrina, deixará as divindades naturais em paz e não as incomodará com seus vícios desumanos que estavam descaracterizando-as, tornando-as divindades desumanas ou infernais. Não são poucos os médiuns que foram deixados aos cuidados de Exu porque se deixaram seduzir pela soberba, pelos desejos, pelas paixões sexuais, pelas ambições, etc.

“Exu” corrigiu muitos, depois de esgotar seus emocionais desequilibrados, e a muitos enviou a outras doutrinas, nas quais passaram por uma reeducação religiosa e aquietaram suas mentes perturbadas.

Mas outros, ao serem conduzidos por Exu para longe da Umbanda, pois só vibravam por seus pólos negativos, não se emendaram. E aí, bem... aí se transformaram em grandes mercadores religiosos e ótimos pólos magnéticos cósmicos à disposição de Exu, que lhes envia todos os médiuns que tiveram suas coroas abandonadas pelos seus orixás regentes. Sim, o mais famoso dos atuais pastores mercantilistas é regido pelo guardião cósmico do aspecto negativo escuro do orixá Oxalá, que é o orixá regente do pólo positivo da primeira linha de Umbanda e rege a Fé. Esse senhor já fez muitos favores à Umbanda, acolhendo médiuns que descaracterizaram sua mediunidade, pois haviam passado para ela seus vícios e desvirtuamentos religiosos. E ele os tem direcionado segundo os ditames cósmicos e sombrios de um dos aspectos negativos do divino Oxalá, que diz mais ou menos isto:

“Quem não souber valorizar a religiosidade que o libertará da terra, então que pague caro pela religiosidade que o aprisionará num diletantismo materialista!”.

Que pague para cultuar Deus quem não aprendeu a amá-Lo e adorá-Lo de graça.

Certíssimo, respondemos nós.

Mas que relação tem tudo isso com o nosso amado pai Oxumaré? — perguntarão vocês.

Tem toda relação! — respondemos nós.

Oxumaré, tal como revela a lenda dos orixás, é a renovação contínua, mas em todos os aspectos e sentidos da vida de um ser. Sua identificação com Dã, a Serpente do Arco-íris, não aconteceu por acaso, pois Oxumaré irradia as sete cores, que caracterizam as sete irradiações divinas que dão origem às sete linhas de Umbanda. E ele atua nas sete irradiações como elemento renovador.

Oxumaré está na linha da Fé como elemento renovador da religiosidade dos seres. Oxumaré está na linha da Conceção como renovador do amor na vida dos seres. Oxumaré está na linha do Conhecimento como renovador dos conceitos, teorias e fundamentos. Oxumaré está na linha da Justiça como renovador dos juízos. Oxumaré está na linha da Lei como renovador das ordenações que acontecem de tempos em tempos. Oxumaré está na linha da Evolução como a renovação das doutrinas religiosas, que aperfeiçoam o saber e aceleram a evolução dos seres. Oxumaré está na linha da Geração como a renovação ou o próprio reencarne, que é quando um espírito troca de pele, tal como faz Dã, a Serpente Encantada do Arco-íris.

Mas como um dos campos preferenciais de Oxumaré é o religioso, então nosso comentário inicial tem tudo que ver com ele, pois se alguém não está evoluindo em uma religião ou doutrina, ele, que é o pólo negativo da linha do Amor e da Conceção, que tem em seu pólo positivo a orixá

Oxum, começa a atuar de forma intensa e emocional sobre a vida do ser, anulando em seu íntimo toda a atração que ele sentia pela sua religião e induzindo-o a procurar outra, com nova doutrina, que o recolocará no caminho reto da evolução e da religiosidade.

Oxum é o amor em todos os sentidos.

Oxumaré é a renovação do amor na vida dos seres. E onde o amor cedeu lugar à paixão, ou foi substituído pelo ciúme, então cessa a irradiação de Oxum e inicia-se a dele, diluidora tanto da paixão como do ciúme. Ele dilui a religiosidade já estabelecida na mente de um ser e o conduz, emocionalmente, a outra religião, cuja doutrina auxiliará o ser a evoluir no caminho reto.

Renovação, eis a palavra-chave que bem define o divino Oxumaré, que em seu aspecto negativo tem um mistério escuro chamado por nós de “Sete Cobras” ou “Sete Caminhos Tortuosos”, que é por onde transitam todos os seres que saíram do caminho reto e entraram nos desvios da vida, que sempre conduzem aos caminhos da morte.

O mistério “Sete Cobras” é um dos aspectos negativos do divino Oxumaré, que é em si mesmo o arco-íris ou as sete irradiações divinas.

Saibam que no Ritual de Umbanda Sagrada, o divino Oxumaré rege o mistério “Arco-íris” e tem toda uma hierarquia positiva de caboclos(as) Arco-íris; tem uma hierarquia mista, que em seu aspecto negativo forma a linha de Exus Sete Cobras e no positivo forma a linha de caboclos Sete Cobras.

Os Exus Sete Cobras atuam em todas as irradiações cósmicas. Os caboclos Sete Cobras agem em todas as irradiações positivas e em seus pólos ativos. Já os Exus Sete Cobras são aspectos negativos do mistério “Sete Cobras”, mas são regidos pelos outros orixás.

Enfim, são tantos mistérios contidos no mistério do “Arco-íris” que os comentários sobre Oxumaré dariam um livro à parte.

Saibam que, em verdade, não existe um Exu cobra, mas tão-somente um aspecto negativo de Oxumaré que, junto com os aspectos cósmicos dos outros orixás, no Ritual de Umbanda Sagrada, foram todos reunidos sob o nome de “Exu”.

Vocês sabem por quê?

Bem, saibam que à esquerda da dimensão espiritual humana estão os lados cósmicos das dimensões naturais. No mesmo nível vibratório do plano material, mas em outra dimensão, que denominamos de “X”, evoluem seres cósmicos em seu 4º estágio da evolução, que é o mesmo estágio que nós, os espíritos, estamos vivenciando. E porque esses seres cósmicos estão no mesmo grau vibratório dos espíritos encarnados e porque Exu, o guardião cósmico dessa dimensão, teve um dos seus aspectos humanizado e ajudou em muito a evolução humana, então o Ritual de Umbanda Sagrada

adotou o arquétipo “Exu” e englobou nele os aspectos negativos de todos os orixás, colocando-os justamente à esquerda dos médiuns, que originalmente estava sob a regência dos pólos negativos das sete linhas de forças sustentadoras da evolução humana.

Mas não pensem que os orixás deixaram de ser como sempre foram, pois apenas sintetizaram numa só divindade cósmica (Exu) todos os seus aspectos negativos.

Por isso, na Umbanda, temos Exus do Cemitério (Omolu), Exus das Matas (Oxóssi), Exus do Tempo (Oyá Tempo), Exus das Pedreiras (Iansã), Exus das Montanhas (Xangô), Exus do Fogo (Xangô), Exus das Correntes (Oxum), Exus das Porteiras (Obaluaê), Exus dos Caminhos (Ogum), Exus das Encruzilhadas (Oxalá), etc.

Tantos eram os aspectos negativos dos orixás que teriam que ser humanizados na nova religião que se optou por englobar todos sob uma mesma designação, pois só assim poderiam ser assimilados pelos médiuns.

As antigas formas e rituais africanos puros não subsistiriam ao tempo e não sobreviveriam às transformações sociais e culturais que aconteceram no final do século retrasado e as que acontecerão no início deste. Por isso os orixás renovaram-se e foi criada uma nova forma de cultuá-los, toda aberta e facilmente adaptável à nova época e cultura, assim como à necessidade de seus filhos de se manter sob suas irradiações diretas, pois somente sob elas se sentem bem.

A renovação dos orixás na Umbanda é irreversível e no futuro próximo as diferenças serão poucas, limitadas tão-somente à ritualística e às oferendas votivas ou propiciatórias.

Os orixás são Orixás Regentes da Natureza e, de tempos em tempos, renovam-se para se adaptar a um povo, época e cultura, para acelerar a evolução, conduzindo seus filhos no caminho reto.

Voltando a Oxumaré e comentando-o a partir de um conhecimento superior e mantido fechado ao plano material até agora, eis que o encontramos formando um par energético-magnético com nossa amada mãe Oxum, quando formam a segunda linha de Umbanda, a do Amor ou da Concepção.

Aqui, Amor significa a união dos seres a partir de sentimentos fraternos, irmanadores e harmonizadores. Essa união consiste na formação de pares que darão início à sustentação da evolução dos encantados mais “jovens”, também conhecidos como “Ibejis”.

Mas a concepção não se restringe a esse aspecto positivo da vida dos seres, pois as uniões visam criar laços fortes que proporcionarão aos pares a satisfação, segurança, harmonia e confiança que só os matrimônios conseguem dar aos seres que se afinizam em todos os sentidos, ou na maioria deles.

Tanto no plano material quanto no espiritual, e também nas dimensões naturais, todos os seres, assim que amadurecem, começam a procurar seu

par ideal porque um sentimento, uma força superior mesmo, induz todos os seres nesse sentido ou direção.

Existe uma irradiação divina que alcança todo o Universo, todas as criaturas e todos os seres e desperta no íntimo de todos essa necessidade de se unir a um semelhante.

Essa irradiação agregadora está na raiz da formação da própria matéria, pois só com a união de átomos ela surge. A essa atração “atômica” chamamos “união” ou “concepção”. Dessa união surgem as coisas sólidas e duráveis, perenes mesmo.

Encontramos o magnetismo dessa irradiação divina em Oxalá quando ela é aplicada à Fé, pois ela flui por uma religião e vai atraindo pessoas afins. Se aplicada a Oxóssi, um conhecimento vai atraindo estudiosos afins que o desenvolvem e o expandem.

Enfim, em cada orixá e linha de forças essa irradiação agregadora está presente e manifesta-se num dos sentidos.

Mas em Oxum as coisas se acentuam de tal forma que sua abordagem deve ser cautelosa e científica, senão seremos mal compreendidos, uma vez que Oxum rege a união dos seres, e nós a temos como a senhora da concepção, das uniões e do matrimônio.

As irradiações da orixá Oxum são minerais e extremamente magnéticas porque o elemento mineral é o mais atrativo de todos os sete que fluem, cada um por uma das sete irradiações divinas.

São essas irradiações minerais elementais de Oxum que dão surgimento aos magnetismos, às uniões, que acontecem em todos os níveis e com todos os seres e todas as coisas criadas por Deus.

Logo, Oxum não preside só as uniões sexuais. Mas como ela também rege sobre o sétimo sentido da vida, então uma de suas características mais marcantes é esse seu aspecto positivo e muito luminoso, que é a irradiação de estímulos energéticos que aceleram as vibrações emocionais e levam os seres a se unir em pares, fazendo com que acelerem seus amadurecimentos e alcancem um equilíbrio mental para que possam desenvolver suas consciências.

Oxum é, de verdade, a divindade do Amor. Suas irradiações despertam o amor à Fé, o amor ao Conhecimento, à Justiça, à Lei, ao Saber e à Geração.

Enfim, Oxum rege sobre as uniões e dá início à concepção, pois é o seu magnetismo agregador que propicia as uniões e dá formação aos pares ou casais, assim como faculta a troca equilibrada de vibrações entre os seres. Essas trocas equilibradas de energias vão amadurecendo-os e possibilitando que os sentidos, ainda pouco desenvolvidos, tenham sua expansão magnética acelerada, crescendo suas irradiações e sua capacidade de captação de energias afins que despertam nos seres outros sentimentos e outras necessidades emocionais, até que, em dado momento, esse fluxo energético que flui de baixo para cima (*kundalíne*) alcance naturalmente o mental dos seres que, a partir daí, começam a desenvolver a “consciência”.

É um processo demorado, quando nas dimensões naturais. E não tanto na dimensão humana, já que o próprio corpo material acelera esse amadurecimento do espírito.

Mestres, ascensionados já há milênios, nos dizem que um espírito após sua terceira reencarnação já possui os canais condutores da energia *kundaline* totalmente formados. E que em um ser encantado o processo de formação desses canais não demora menos do que um período de dez milênios, como computamos o tempo no plano material.

E um ser encantado só passa para o quarto estágio da evolução após ter os canais condutores da energia *kundaline* totalmente desenvolvidos, já que só com uma irrigação plena e permanente do mental por esta energia, o ser realmente está apto a guiar-se conscientemente e a assumir responsabilidades e sustentá-las.

Esses mestres também nos ensinam que o estágio natural da evolução, o 4º estágio — que se processa nas dimensões naturais —, demora no mínimo vinte milênios para ser concluído por um ser relativamente equilibrado nos sete sentidos.

Mas os mestres ascensionados nos ensinam que um ser encantado, quando trazido para o estágio humano da evolução, desenvolve os canais, sublima sua energia *kundaline* e desenvolve uma consciência “madura” num período de três a cinco milênios.

Observem que a proporção de tempo entre os espíritos e os seres naturais é de 5 para 20, ou de um quarto do tempo que eles demoram para alcançar uma consciência madura e plena nos sete sentidos da vida.

Mal comparando, é como se a evolução humana fosse a formação de um diamante industrial ou artificial e a evolução natural fosse a formação de um diamante natural. Sabemos que não é um bom exemplo, mas é o melhor que encontramos para comparar a evolução humana com a evolução natural para que se tenha uma noção de tempo entre ambos.

Além do mais, só os espíritos encarnados, ao se unirem, geram um novo corpo carnal que servirá de morada viva para o espírito que reencarna, pois os seres encantados ou naturais não têm essa faculdade, que é exclusiva do plano material humano. É certo que um espírito não gera outro espírito, mas tão-somente o corpo físico é gerado pelos pares no plano material.

Nas dimensões naturais, num ser já maduro e com a consciência plenamente desenvolvida, a “hereditariedade” surge quando ele assume como seus filhos os seres ainda em sua segunda infância, ou no estágio dual da evolução, pois assumem a responsabilidade de ampará-los energeticamente, mental e consciencialmente, dando-lhes sustentação durante seu estágio evolutivo.

Os filhos serão parecidos com os seus pais adotivos em quase todos os aspectos, e por isso são chamados de “encantados”. Eles reproduzem em si mesmos todas as qualidades, atributos e atribuições de seus pais, se machos, e de suas mães, se fêmeas.

O termo “encantado” é pouco entendido e só é utilizado com a conotação de fascinação. Mas na evolução natural, ele assume o significado de reprodução de qualidades, atributos e atribuições.

A reprodução das células obedece à reprodução humana. A célula filha tem em si tudo o que tem na célula mãe, inclusive a herança genética que lhe facultará a reprodução de si mesma. O mesmo acontece no estágio natural da evolução, na qual um filho adotivo reproduz em seu íntimo as qualidades, atributos e atribuições do ser que o adotou. É assim, por irradiação, que um ser natural se perpetua ou forma sua hereditariedade.

Bem, aí tiveram, num comentário rápido, um pouco do universo regido pelos orixás, que não é regido por Anjos, Arcanjos ou Potestades, e sim por orixás da natureza, que são os nossos amados orixás.

Também foi transmitida uma noção da importância da “energia kundaline”.

Aqui já estamos entrando em outro dos campos de atuação de Oxumaré, que é o diluidor dos acúmulos de energias minerais, tanto na natureza quanto nos seres. Se Oxum é o elemento mineral, Oxumaré é a energia que dilui as energias minerais, as torna sutis e as conduz para o alto, ou para o mental.

Portanto, quando um ser une-se a alguém que não lhe é afim e não consegue tornar sutis suas energias para que elas fluam naturalmente para seu mental, então Oxumaré entra em sua vida como elemento cósmico que começará por diluir a união desequilibrada, direcionando-o para uma das faixas vibratórias sob sua regência na linha de forças da concepção (de energias) e ali o reterá até que, naturalmente, ele descarregue-se do acúmulo negativo de energias viciadas que o estão paralisando e negativando.

É uma atuação lenta e sutil, pois é natural, e o ser tem que ser preservado tanto mental quanto energeticamente senão se fecha em si mesmo e torna-se impermeável às irradiações que lhe chegam o tempo todo. Se isso acontecer, o ser se transformará numa aberração em si mesmo.

Oxumaré atua, preferencialmente, pelo emocional, ao qual envia estímulos cristalinos que vão diluindo os acúmulos de energias minerais que são pesadas e chegam mesmo a paralisar o ser, que não consegue deslocar-se de um lugar para outro. É um processo sutil, emocional e visa reequilibrar os seres desequilibrados e emocionados.

Os seres com desequilíbrios perdem toda a capacidade mental e só se guiam por suas necessidades emocionais ou instintivas, que neste caso são negativas e obsessivas.

Assim como Oxumaré dilui uma religiosidade que está atrasando a evolução de uma pessoa, encaminhando-a para outra religião que renovará seus antigos princípios da fé, ele faz o mesmo com o ser que desenvolveu uma negatividade que o está paralisando. Após descarregá-lo e redirecioná-lo o conduz a uma nova união, para que retome sua evolução, equilibrada e na linha reta. Linha “reta”, aqui, tem o sentido de irradiação vertical.

Mas Oxumaré, ao atuar na vida do ser, não o devolve em linha reta. Seu magnetismo obedece a uma irradiação semelhante às ondas de rádio, que são sinuosas tais como o rastejar das serpentes. É do tipo de irradiação magnética de Oxumaré que adveio o sincretismo ou identificação com as serpentes. Tanto isso é verdade que ele rege, com seu magnetismo ondeante, uma dimensão toda ocupada por criaturas que se movimentam como nós vemos as nossas serpentes no solo: sempre ondeando!

Podemos ver essas ondas magnéticas irradiadas por Oxumaré e comprovar sua existência observando a incorporação das pombagiras, que ondeiam os quadris quando estão incorporadas em suas médiuns. O magnetismo feminino obedece ao giro anti-horário e o das pombagiras obedece ao de Oxumaré, que se irradia em ondas que vão subindo. Então, com o choque de dois tipos de magnetismos, o corpo da médium ondeia, dando movimento aos quadris, que é onde está a base do sétimo sentido e o chacra básico, que está recebendo uma irradiação magnética ondeante proveniente das irradiações magnéticas de Oxumaré. O magnetismo dele sobe pelo corpo do médium, pois entra pelo chacra básico. O de Oxum desce, pois entra pelo chacra coronário.

Enfim, são tantos os mistérios que temos de abordar que até fica difícil fazê-lo dentro de um simples comentário.

Oxumaré atua intensamente na vida dos seres com desequilíbrio no sétimo sentido da vida e todo ser (encantado ou espírito) que estiver com seu magnetismo sexual negativado e sobrecarregado está sendo atuado por Oxumaré.

É desse aspecto de Oxumaré que adveio a interpretação de uma de suas atribuições, que é a de esgotar as sexualidades desequilibradas ou magneticamente paralisadas que não enviam para o mental a energia *kundaline*, toda ela acumulada e densificada ao redor do chacra básico.

Não é por acaso que a energia *kundaline* é chamada de serpente. Afinal, é Oxumaré quem rege sobre a energia *kundaline* e sobre a utilização das energias sexuais. É ele também que rege sobre as serpentes, que se movimentam de forma “ondeante”.

“Conhece a ti mesmo”, recomendava Sócrates.

“Conhece os mistérios regidos pelos orixás e entenderás por que tu és como és!”, recomendamos nós.

Bem, já falamos sobre vários aspectos do nosso pai Oxumaré e de nossa amada mãe Oxum, que formam um par energético, magnético, vibratório que dá formação à segunda linha de Umbanda, a do Amor ou da Concepção. Como dissemos, se nos estendêssemos, daria um volumoso livro. Por isso encerramos aqui nosso comentário e vamos ensinar como devem proceder para oferendar o divino Oxumaré.

Oferenda

Colocar uma vela branca, uma azul, uma verde, uma dourada, uma vermelha, uma roxa, uma rosa e uma marrom terroso e colocar no centro um melão aberto numa das pontas e derramar dentro dele um pouco de champanhe rosé; o resto deve ser deixado na garrafa dentro do círculo de velas coloridas.

Façam esta oferenda próximo de uma cachoeira.

Acender a vela branca e circulá-la com as sete velas coloridas, guardando uma distância de 30 cm entre o centro e o círculo colorido. Deve-se, então, circundar as velas com flores multicoloridas e invocar Oxumaré, solicitando dele o que se deseja, mas que seja justo para que acelere suas evoluções, já que se pedirem coisas tortas uma serpente começará a segui-los e, mais dia menos dia, serão “picados” por ela de forma tão mortífera que os paralisará.

Água de Oxumaré para Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água de cachoeira com folhas de louro e pétalas de flores variadas curtidas por três dias.

Bem, esperamos que os conhecimentos que aqui abrimos tenham sido assimilados e que, de agora em diante, abram suas mentes, seus corações, seu entendimento e sua fé para que o divino Oxumaré atue com intensidade em suas vidas e que a religiosidade passe por um aperfeiçoamento em suas práticas ritualísticas, elevando-se qualitativamente porque onde flui o verdadeiro conhecimento acontece a aceleração consciente da evolução.

3ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação do Conhecimento

O conhecimento é uma qualidade de Deus e Oxóssi é sua divindade unigênita, pois ele é em si mesmo o conhecimento divino que ensina todos a conhecer a si mesmos a partir do conhecimento sobre nosso Divino Criador.

Olorum gerou em Si o conhecimento sobre tudo o que criou e porque tem conhecimento sobre toda a sua criação, então o conhecimento assumiu a condição de uma qualidade Sua, à qual ele imantou como um dos mistérios da Criação, já que gera em Si o conhecimento e é em Si onisciente ou conhecedor de tudo e de todos.

E Olorum gerou em Si uma sua divindade, que assumiu essa sua qualidade, tornando-o em si mesmo o seu conhecimento divino.

Então surgiu Oxóssi, divindade unigênita, pois é em si mesmo essa qualidade divina que denominamos conhecimento.

O conhecimento está em tudo e em todos, e tudo e todos se revelam através do conhecimento sobre si.

Deus gera porque sabe gerar e tem ciência de tudo o que gera, pois é em Si mesmo a geração de tudo e de todos, e o próprio conhecimento sobre o que gera em Si ou de Si. E Oxóssi é em si o mistério do conhecimento, pois foi gerado em Deus como essa sua qualidade divina.

Portanto, Oxóssi rege sobre o conhecimento e o irradia o tempo todo a todos, porque é em si mesmo o conhecimento divino, ou a onisciência de Deus.

Oxóssi, por ser unigênito na qualidade divina do conhecimento, também gera em si conhecimentos divinos e gera de si conhecimentos sobre a gênese das coisas de Deus.

Este livro está sendo gerado pelo conhecimento que Oxóssi gera de si, pois foi absorvendo-o que nos habilitamos a agregá-lo (Oxum), ordená-lo (Ogum), renová-lo (Oxumaré), direcioná-lo (Iansã), cristalizá-lo (Oxalá),

equilibrá-lo (Xangô) e transmiti-lo ao plano material a fim de acelerarmos a evolução (Obaluaê) dos umbandistas.

Oxóssi, por ser a divindade manifestadora do conhecimento divino, está em todas as qualidades de Deus manifestadas pelas suas outras divindades, assim como todas estão em Oxóssi, que é em si mesmo o conhecimento.

Seu magnetismo expande as faculdades dos seres, aguça o raciocínio e os predispõe a buscar a gênese das coisas (o conhecimento sobre elas). Logo, Oxóssi é o estimulador natural dessa busca incessante sobre nossa própria origem divina e quanto mais sabemos sobre ela, maior é o nosso respeito para com a criação e mais sólida é nossa fé em Deus, pois passamos e encontrá-Lo em nós mesmos.

Então Oxóssi tanto está na natureza como nos conhecimentos sobre a Criação, e também está na fé porque esclarece sobre nossa origem divina e nos ensina a conhecer Deus racionalmente.

Ele é descrito nas lendas como um orixá caçador e ligado às matas (os vegetais) mais por sua natureza expansiva e grau de divindade guardião dos mistérios da natureza, pois Oxóssi, como divindade, é o estimulador da busca do conhecimento e guardião dos segredos medicinais das folhas, junto com Ossain.

Enfim, Oxóssi é a divindade doutrinadora que esclarece os seres e a partir do conhecimento vai religando-os ao Pai Maior e Divino Criador.

Por isso e porque o conhecimento está em tudo e em todos, assim como está nas outras qualidades divinas, Oxóssi é interpretado como a divindade que atua nos seres, aguçando o raciocínio, esclarecendo-os e expandindo as faculdades mentais ligadas ao aprendizado das coisas religiosas, estimulando-os a buscar Deus sem fanatismo ou emotividade, mas com conhecimento e fé.

O magnetismo de Oxóssi expande a capacidade de raciocinar e fortalece o mental do ser, pois o satura com a sua essência e energia vegetal, curadoras das doenças emocionais e dos desequilíbrios energéticos que surgem a partir da vivência de conceitos errôneos paralisadores da evolução como um todo na vida das pessoas.

Oxóssi não pode ser dissociado do Divino Criador, pois é em si mesmo essa qualidade d'Ele que a gera em Si mesma e a emana para toda a sua criação, assim como qualificou Oxóssi como sua divindade, ligado ao raciocínio ou conhecimento, e que também o gera em si e de si.

Sim, Oxóssi gera conhecimentos a partir de si e os irradia sempre a todos.

Por isso ele polariza e se complementa com Obá, divindade telúrica gerada em Deus na Sua qualidade concentradora, que dá consistência e firmeza a tudo o que Cria.

Obá é a divindade unigênita que possui um magnetismo negativo, atrator e concentrador, que polariza com Oxóssi e atua como concentradora do raciocínio dos seres, expandido por ele.

Ela é unigênita porque é em si mesma a qualidade concentradora do Divino Criador, qualidade esta associada à verdade, já que só o que é verdadeiro tem em si mesmo uma densidade e uma resistência própria que o eterniza no tempo e na mente dos seres.

“Obá, nas lendas, é tida como a ‘orixá’ da verdade.”

Correta interpretação de um mistério de Deus, pois ela é a divindade que é, em si mesma, a qualidade divina que esgota os seres cujos raciocínios se desvirtuaram e começaram a gerar falsos conceitos religiosos, paralisadores da evolução e desequilibradores da fé.

Obá é circumspecta, de caráter firme e reto, de poucas palavras e de uma profundidade única nas suas vibrações retificadoras do raciocínio dos seres.

Oxóssi é visto como o doutrinador criativo, é expansivo. Já Obá é vista e interpretada como a mestra rigorosa, inflexível e irredutível nos seus pontos de vista (conceitos sobre a verdade). Ela não é envolvente, mas sim absorvedora. Ela não é amorosa, mas sim corretiva, e não se peja se tiver que esgotar toda a capacidade de raciocinar de um ser que se emocionou e se desequilibrou mentalmente.

Obá, por ser em si a qualidade concentradora do criador Olorum, também gera em si suas hierarquias, racionalistas e circumspectas, e gera de si sua qualidade, que é passada aos seus filhos, que a absorvem e tornam-se racionalistas, circumspectos, muito observadores e pouco falantes.

Sintetizando Oxóssi e Obá, os regentes da irradiação do conhecimento divino, podemos dizer:

— Oxóssi é em si a qualidade divina que rege sobre os conhecimentos e atua na vida dos seres, expandindo em cada um sua capacidade de raciocinar.

— Obá é em si a qualidade divina que rege sobre os conhecimentos e atua na vida dos seres, concentrando cada um numa linha de raciocínio e abrindo sua mente para as verdades maiores, só encontradas em Olorum, o Divino Criador!

Oxóssi

Oxóssi é caçador por excelência, mas sua busca visa ao conhecimento. Logo, é o cientista e o doutrinador, que traz o alimento da fé e o saber aos espíritos fragilizados tanto nos aspectos da fé quanto no saber religioso.

O orixá Oxóssi é tão conhecido que quase dispensa comentário, mas não podemos deixar de fazê-lo, pois falta o conhecimento superior que explica o campo de atuação das hierarquias deste orixá regente do pólo positivo da linha do Conhecimento.

O fato é que o orixá do Conhecimento é uma divindade assentada na Coroa Divina, é uma individualização do Regente Planetário, e em sua irradiação cria os dois pólos magnéticos da linha do Conhecimento. O orixá Oxóssi rege o pólo positivo e a orixá Obá rege o pólo negativo.

Oxóssi irradia o conhecimento e Obá o concentra.

Oxóssi estimula e Obá fixa.

Oxóssi vibra conhecimento e Obá absorve as irradiações desordenadas dos seres rigidos pelos mistérios do Conhecimento.

Oxóssi é vegetal.

Obá é telúrica.

Oxóssi é de magnetismo irradiante.

Obá é de magnetismo absorvente.

Oxóssi está nos vegetais e Obá está na raiz deles como a terra fértil na qual eles crescem e se multiplicam.

Oxóssi é o raciocínio arguto e Obá é o racional concentrador.

Bem, chega de comparações. Acreditamos que já deu para perceber que esses dois orixás se completam nas oposições magnéticas, energéticas, vibratórios, etc. Portanto, vamos às sete hierarquias que surgem a partir do orixá Oxóssi:

- 1º Oxóssi: é o Oxóssi da Fé ou Oxóssi Cristalino, também denominado de Oxóssi do Conhecimento Religioso. Ele surge a partir do 1º pólo magnético, que é formado no entrecruzamento com a corrente eletromagnética cristalina, rigidada pelo orixá Oxalá (orixá da Fé).

- 2º Oxóssi: é o Oxóssi do Amor ou Oxóssi Mineral, também denominado Oxóssi do Conhecimento Genético. Ele surge a partir do 2º pólo magnético, que é formado no entrecruzamento com a corrente eletromagnética mineral, regida pelo orixá Oxum (orixá da Conceção e do Amor).
- 3º Oxóssi: é o Oxóssi do Conhecimento Vegetal ou Conhecimento Puro, também conhecido como Oxóssi da Mata Virgem. Ele surge a partir do 3º pólo magnético, que é formado no entrecruzamento com a corrente eletromagnética vegetal, regida pelo orixá Oxóssi (orixá do Conhecimento).
- 4º Oxóssi: é o Oxóssi do Conhecimento Ígneo ou Oxóssi da Justiça. Ele surge a partir do 4º pólo magnético, que é formado no entrecruzamento com a corrente eletromagnética ígnea, regida pelo orixá Xangô (orixá da Justiça).
- 5º Oxóssi: é o Oxóssi do Conhecimento da Lei, também conhecido como Oxóssi do Ar. Ele surge a partir do 5º pólo magnético, que é formado no entrecruzamento com a corrente eletromagnética eólica, regida pelo orixá Ogum (orixá de Lei).
- 6º Oxóssi: é o Oxóssi do Conhecimento da Evolução, também conhecido como Oxóssi Caçador de Almas. Ele surge a partir do 6º pólo magnético, que é formado no entrecruzamento com a corrente eletromagnética telúrica, regida pelo orixá Obaluaê (orixá da Evolução).
- 7º Oxóssi: é o Oxóssi do Conhecimento da Geração ou Oxóssi da Criatividade. Ele surge a partir do 7º pólo magnético, que é formado no entrecruzamento com a corrente eletromagnética aquática, regida pelo orixá Iemanjá (orixá da Geração).

Esses sete Oxóssis pontificam as sete hierarquias que surgem a partir do pólo magnético irradiante ou positivo da linha do Conhecimento. Saibam que esses Oxóssis são Orixás Intermediários e não incorporam, pois estão assentados nos pólos energético-magnéticos da linha de forças do Conhecimento, são regentes de faixas vibratórias do elemento vegetal e multiplicam-se em muitas subhierarquias vegetais, já em nível de Orixás Intermediadores.

Aqui não vamos comentar os aspectos negativos do orixá Oxóssi, pois quem lida com eles são os Exus e Pombagiras das “matas”, os únicos habilitados a manipular seus axés e a ativar seus mistérios cósmicos ou negativos.

A Umbanda não lida com os aspectos negativos dos orixás e não seremos nós quem iremos abri-los ao conhecimento “material”.

Oferenda

Velas brancas, verdes e cor-de-rosa; cerveja, vinho doce e licor de caju; flores do campo e frutas variadas, tudo depositado em bosques e matas.

Água de Oxóssi para Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água da fonte com guiné macerada e curtida por três dias.

Obá

Obá é a orixá que aquieta e densifica o racional dos seres, já que seu campo preferencial de atuação é o esgotamento dos conhecimentos desvirtuados.

Comentar sobre nossa amada mãe Obá é motivo de satisfação, pois, nas lendas, resumem sua existência ao papel de esposa repudiada por Xangô. Mas, justiça lhe seja feita, as lendas vêm sendo repetidas há tanto tempo e às vezes de forma tão empobrecida pelas transmissões orais que, até como lendas, deixam a desejar e mostram como é deficiente o conhecimento sobre o campo de ação dos orixás.

Saibam que a orixá Obá que nós conhecemos e aprendemos a amar e reverenciar é uma divindade regida pelos elementos terra e vegetal e forma com Oxóssi a terceira linha de Umbanda Sagrada, que rege sobre o Conhecimento. Oxóssi está assentado no pólo positivo e irradiante dessa linha e Obá está assentada em seu pólo negativo ou cósmico, que é absorvente.

Saibam que Obá é uma orixá cósmica cujo elemento original é a terra, pois ela é orixá telúrica por excelência e atua nos seres pelo terceiro sentido da vida, que é o Conhecimento, que desenvolve o raciocínio e a nossa capacidade de assimilação mental da realidade visível, ou somente perceptível, que influencia nossa vida e evolução contínua. Já o seu segundo elemento é o vegetal. Enquanto o orixá Oxóssi, o mitológico caçador, estimula a busca do conhecimento (evolução), Obá atrai e paralisa o ser que está se desvirtuando justamente porque assimilou de forma viciada os conhecimentos puros.

A própria disseminação de uma lenda sobre nossa amada mãe Obá foi nociva ao seu culto, pois suas filhas começaram a rarear e suas manifestações, por meio de suas encantadas, limitaram-se à preservação de sua humanização, ocorrida na mesma época em que surgiu a “deusa” Minerva. E isso aconteceu há uns 4.000 anos, quando muitas orixás intermediárias encarnaram para recepcionar no plano material asavas de encantadas que estavam entrando no estágio humano da evolução e para semear cultos

afins com as qualidades, atributos e atribuições dos orixás regentes dos pólos magnéticos das irradiações divinas, sustentadoras e estimuladoras da evolução dos seres.

O culto à orixá Obá iniciou-se quatro milênios atrás, com a irradiação simultânea de uma de suas qualidades ou aspectos a várias partes do mundo, quando, então, ela se humanizou.

E se nossa amada mãe Obá já recolheu boa parte de seus filhos encantados que se espiritualizaram, muitos ainda estão evoluindo nos dois lados da dimensão humana.

Muitos dos seus filhos são, hoje e na Umbanda, alguns dos mais silenciosos Exus e discretas Pombagiras ou aguerridos caboclos e caboclas, resolutos nas suas ações, precisos nos seus conselhos, e não são de muita conversa quando sentem que o conhecimento que trazem não é assimilado por seus médiuns ou pelas pessoas que os consultam.

A linha de lei de Umbanda que se manifesta, raramente, nas tendas de Umbanda e responde pelo nome de “Treme-Terra” é regida por uma orixá Obá intermediária, que forma seu triângulo de forças com nosso amado pai Obaluaê e nossa amada mãe Nanã Buruquê.

Sua natureza telúrica e vegetal, mais a aquática, que absorvem, tornam esses guias espirituais em entidades um tanto “rompantes”, mas em nada inferiores a todos os outros, já que atuam em vastíssimos campos, que são o telúrico e o vegetal.

E por causa de uma lenda que descaracterizou uma mãe cósmica e só difundiu um de seus aspectos negativos, o seu culto ficou limitado à preservação de seu nome humano e de sua humanização negativa.

É muito comum seus filhos serem identificados como filhos do orixá Omolu, pois ele é o outro orixá regido pelo elemento puro terra, já que tanto Obaluaê quanto Nanã Buruquê são terra e água ou o barro (terra úmida) com que são “modelados” os seres.

Agora, deixando os aspectos individuais ou comentários de apoio, o fato é que nossa amada mãe Obá é uma divindade planetária, regente do pólo negativo da linha do Conhecimento, que é a terceira linha de forças de Umbanda Sagrada.

Ela e Oxóssi formam essa linha e atuam em pólos opostos: enquanto ele estimula a busca do conhecimento, ela paralisa os seres que se desvirtuaram justamente porque adquiriram conhecimentos viciados, distorcidos ou falsos.

Obá, atuando na linha da Fé, paralisa as pessoas que estão ensinando falsas verdades religiosas ou induzindo outros a dar mal uso ao que aprenderam sobre magias.

A atuação de Obá é discreta, pois ela é tão silenciosa quanto a terra, seu elemento, e quem está sendo paralisado nem percebe que está passando por uma descarga emocional muito intensa. Mas algum tempo depois já

começa a mudar alguns de seus “conceitos” errôneos ou abandona a linha de raciocínio desvirtuado e viciado que o estava direcionando.

O campo no qual Obá mais atua é o religioso. Como divindade cósmica responsável por paralisar os excessos cometidos pelas pessoas que dominam o conhecimento religioso, uma de suas funções é paralisar os conhecimentos viciados e aquietar os seres antes que cometam erros irreparáveis.

O ser que está sendo atuado por Obá começa a desinteressar-se pelo assunto que tanto o atraía e torna-se meio apático, alguns até perdendo sua desvirtuada capacidade de raciocinar.

Então, quando o ser já foi paralisado e teve seu emocional descarregado dos conceitos falsos, aí ela o conduz ao campo de ação de Oxóssi, que começará a atuar no sentido de redirecioná-lo na linha reta do conhecimento.

É certo que essa atuação que descrevemos é a que Obá realiza pelo seu aspecto positivo ou luminoso, por onde fluem suas qualidades, atributos e atribuições positivas.

Mas como todo orixá cósmico, ela também possui seus aspectos negativos, que ativa sempre que é preciso acelerar a paralisação de um ser que, com seus conhecimentos, está prejudicando muitas pessoas e atrapalhando suas evoluções, pois está induzindo-as a seguir em uma direção contrária à que a Lei Maior reservou-lhes.

Como dissemos, Obá atua preferencialmente no campo religioso e prefere deixar os outros campos para Ogum, Xangô e Iansã. Mas como o campo do conhecimento é vastíssimo, então sua atuação cósmica, que acontece a partir de suas irradiações mentais planetárias, alcança todos os seres que recorrem ao conhecimento e estão se guiando por conceitos errôneos.

Aqui não abordaremos todos os tipos de atuação de nossa amada mãe Obá, já que o nosso objetivo é sanar a enorme falta de conhecimento acerca dos orixás dentro da Umbanda e mostrar que todos os orixás possuem aspectos positivos ou luminosos e aspectos negativos ou punidores.

Obá tem uma cor só sua, que é o magenta ou terroso, e rege toda uma dimensão formada a partir dos elementos terra, vegetal, água e ar. É uma dimensão tetraelemental na qual predomina a cor magenta, inclusive vegetais que lá existem.

Os seres naturais que lá evoluem possuem uma cor terrosa parecida com a da argila e são de pouca conversa, pois são mentalistas, reflexivos, meditativos e racionalistas, muito racionalistas!

Eles nos olham como os professores das escolas do plano material. Vêm-nos como seus alunos, meros aprendizes e ainda desconhecedores do verdadeiro conhecimento que só com uma rigorosa educação evoluiremos rapidamente.

Saibam que todas as doutrinas religiosas rígidas e rigorosas com seus adeptos têm a sustentá-las a silenciosa atuação de nossa amada mãe Obá.

Eu mesmo, Benedito de Aruanda, M. L., quando recebi a incumbência de ditar ao plano material alguns livros que abordam o mistério “Orixás”, projetei-me até a dimensão regida por nossa amada mãe Obá e fui ao encontro de um orixá intermediador que a mim o senhor Ogum Beira-mar havia indicado, pois ele me diria o que deveria transmitir ao plano material e o que não deveria quando eu comentasse sobre o mistério Obá. E recebi dele todo o conhecimento que poderia abrir ao plano material dentro do Ritual de Umbanda Sagrada. E entre as recomendações que dele recebi, uma transcreverei aqui:

“Mestre Benedito, transmita aos espíritos regidos pelo mistério Umbanda que se as divindades só são entendidas por eles depois que as humanizam, dotando-as de qualidades, atributos e atribuições humanas, no entanto, a humanização excessiva a que têm se dedicado muitos doutrinadores religiosos tem sido contrária à evolução humana, pois tem paralisado todos em um nível vibratório quase impossível de ser superado, já que o mesmo sacerdote que ensina o amor e a fé também abençoa guerras ‘santas’, estimula discórdias religiosas, prega doutrinas egoístas ou egocêntricas e esquece-se que Olorum não cobra nada de ninguém pelo muito que concede a todos os seres, indistintamente!”

Outra recomendação que esse irmão orixá intermediador da nossa amada mãe Obá recomendou-me foi para que, por meio do conhecimento verdadeiro, livrasse a nascente doutrina de Umbanda dos aspectos negativos das lendas dos orixás, que são uma fonte de depreciação das divindades reverenciadas pelos próprios adeptos do culto aos orixás.

E ele ainda me perguntou:

— Você já viu sacerdotes cristãos fazerem pilhérias sobre o divino Jesus Cristo? Já viu os religiosos cristãos produzirem escritos que denigram os aspectos positivos e luminosos do divino Jesus Cristo? Já viu os monges budistas denegrirem o divino Buda? Já viu os irmãos islâmicos admitirem infâmias contra a pessoa do profeta ou contra o Divino Criador que eles denominam de Allah? Já viu os seus irmãos espíritas fazerem pilhérias jocosas sobre o divino Jesus Cristo dentro de seus centros espíritas, ou mesmo fora dele?

Bem, eu só respondia que não e que se tais afrontas eram cometidas contra as religiões que ele citou, elas partiam de ateus, humoristas ou falsos fiéis. Ao que ele me respondeu:

— É isso, irmão Benedito! Este é o campo de atuação dos aspectos negativos de nossa amada mãe Obá. Ela pune com rigor os sarcásticos, os sátiros que brincam com as coisas sagradas e é implacável com os que colocam as divindades no mesmo nível chulo em que eles perderam suas consciências, bom senso e evolução. Os nossos pais e mães divinos revelam muitas de nossas falhas ou deficiências, mas nunca perdoam os filhos que desrespeitam seus pais ou fazem gracejos acintosos sobre suas quali-

dades humanas, pois se eles (os orixás) se humanizaram em alguns de seus aspectos, que são suas qualidades, atributos e atribuições, foi para acelerarem a evolução humana em todos os seus aspectos humanistas, humanitários, humanizadores.

— Eu entendo, irmão intermediador de nossa amada mãe Obá.

— Você ainda não me entende, irmão intermediador de nosso amado pai Ogum Beira-mar.

— Eu entendi o que disse, irmão.

— Eu sei que entendeu o que eu lhe disse. Mas não entendeu minha recomendação no seu todo.

— Eu não entendi, irmão?

— Não. Siga-me que daqui a pouco tereis entendido.

Bem, eu o segui até o lado escuro do Orixá Cósmico Obá, e... entendi! Ele me conduziu até onde estavam “paralisados” alguns espíritos muito conhecidos no plano material. Depois me conduziu até onde estavam paralisados muitos sacerdotes que desvirtuaram os conhecimentos religiosos da época em que viveram.

Entre os que vi, dois eu conhecera pessoalmente no plano material. Eles me imploraram que os libertasse daquela paralisia terrível e medonha naquele lugar “dantesco” (já que no plano material só usam o meu nome em seu aspecto negativo para descrever situações ou cenários tenebrosos e assustadores, eu que, enquanto Dante Alighieri, também escrevi sobre o paraíso).

Bem, o fato é que as qualidades, atributos e atribuições negativas de nossa amada mãe Obá atuam sobre a vida de todos os que dão mau uso ao dom do raciocínio e aos conhecimentos que vão adquirindo e procedem como quem aprende a manusear um revólver e depois o usa para assaltar ou matar um irmão seu em Deus.

Vasto é o campo de atuação de nossa amada mãe Obá e aqui não dá para mostrá-lo todo, mas acreditamos que os filhos de Umbanda já entenderam onde e quando ela atua.

E porque ela atua de forma silenciosa e vai paralisando os seres que dão mau uso ao dom do raciocínio e aos conhecimentos adquiridos, e atua preferencialmente no campo religioso, então está na hora de resgatarmos os aspectos luminosos dessa amada mãe orixá.

O fato é que se nosso pai Oxóssi é o pólo irradiante que rege a linha vegetal ou linha do Conhecimento, nossa mãe Obá rege o pólo negativo dessa mesma linha. Ela é o elemento terra que dá sustentação e germina em seu ventre terroso todas as sementes do conhecimento.

Obá, com seu poderoso magnetismo negativo, absorve as energias irradiadas pelos pensamentos dos seres que estão dando mau uso aos seus conhecimentos e os acumula em seu aspecto negativo escuro para descarregá-los em si mesmos, assim que desencarnarem, quando recebe-

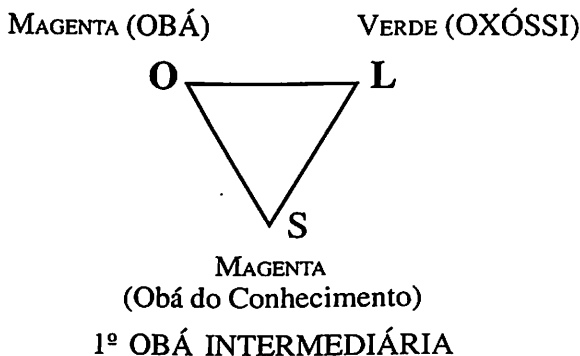
rão terríveis choques mentais que chegam a levar alguns ao estado de demência, tornando-se irreconhecíveis.

Seu pólo magnético é tão atrativo quanto a gravidade do planeta Terra. E por isso ela não irradia cores e se nos mostra de cor magenta ou terrosa. Mas Obá é bicolor, pois ela é terra-vegetal, ou a seiva viva onde as sementes germinam. E entre essas sementes estão as do conhecimento.

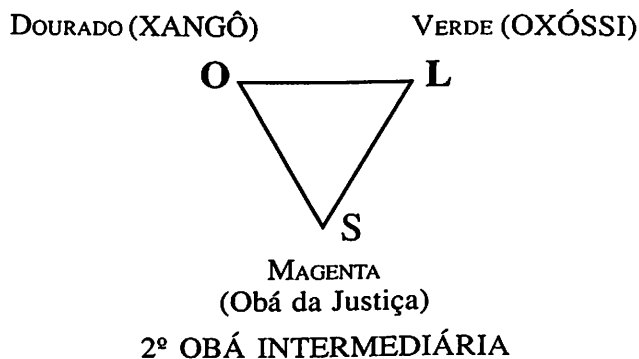
Suas cores são o terroso e o verde-escuro, e todas as suas sete intermediárias de níveis possuem três cores. Duas são estas de Obá, e a terceira é a do orixá regente da linha na qual atuam.

Vamos dar seus triângulos de forças e suas respectivas cores e orixás.

1º Obá Intermediária



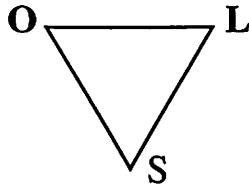
2º Obá da Justiça



3º Obá da Lei

VERMELHO (XANGÔ)

VERDE (OXÓSSI)

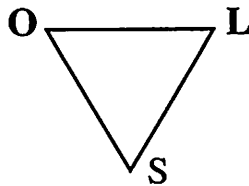
MAGENTA
(Obá da Lei)

3º OBÁ INTERMEDIÁRIA

4º Obá da Evolução

ROSA (OBALUAÊ)

VERDE (OXÓSSI)

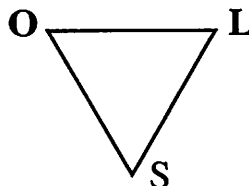
MAGENTA
(Obá da Evolução)

4º OBÁ INTERMEDIÁRIA

5º Obá da Geração

AZUL (IEMANJÁ)

VERDE (OXÓSSI)

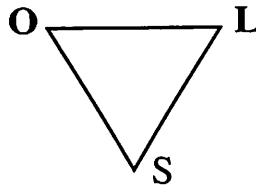
MAGENTA
(Obá da Geração)

5º OBÁ INTERMEDIÁRIA

6º *Obá da Fé*

BRANCA (OXALÁ)

VERDE (OXÓSSI)

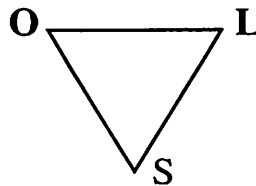
MAGENTA
(Obá da Fé)

6º OBÁ INTERMEDIÁRIA

7º *Obá da Concepção*

ROSA (OXUM)

VERDE (OXÓSSI)

MAGENTA
(Obá do Amor)

7º OBÁ INTERMEDIÁRIA

Essas são as sete orixás Obás intermediárias que, regidas pelos pólos positivos das sete linhas de forças de Umbanda, realizam um trabalho silencioso de esgotamento dos conhecimentos desvirtuados e viciados e remodelam o raciocínio dos seres.

Oferenda

Obá, em sua oferenda luminosa ou positiva, quando solicitamos seu amparo, sua guia, sua proteção e sua ajuda justa, recebe coco verde, vinho licoroso tinto, água com hortelã macerada, mel ou açúcar, flores do campo, velas brancas, verde-escuras e magentas, terrosas ou marrom.

Sua oferenda deve ser depositada sobre um tecido de cor magenta ou terrosa. O vinho e a água com hortelã macerada podem ser servidos em taças ou copos de plástico.

O coco verde deve ser aberto em uma de suas pontas e o mel deve ser derramado dentro da água em seu interior, assim como deve-se abrir um furo no tecido e um buraco no solo para que pelo menos metade do coco fique dentro da terra.

Portanto, deve-se levar uma ferramenta para abrir um pequeno buraco na terra, assim como uma “toalha de mesa” já com um corte redondo no meio, que se encaixe justo ao redor do coco verde.

Sempre que se for oferendar Obá, deve-se levar um pedaço de carne bovina para colocá-la dentro de um pequeno buraco e cercá-lo com sete velas pretas e sete velas vermelhas, saudando o senhor “Exu da Terra”. Ele pode receber sua oferenda simbólica próximo da de Obá, mas à esquerda dela, considerando que ele está de frente para nós.

Esse senhor “Exu da Terra”, cujo nome não podemos revelar, em verdade é um guardião cósmico do aspecto negativo da orixá Obá e guarda toda uma faixa escura na qual são recolhidos os seres que deram um mau uso aos seus conhecimentos. Só que ele não é um Exu verdadeiro, pois Exu, na Umbanda, é apenas um grau coletivo ou comum a todos os guardiões das faixas escuras dos pólos negativos dos orixás. Em outros livros já comentamos sobre o mistério “Exu”, que na Umbanda engloba toda a esquerda.

Mas esse senhor “Exu da Terra” não atua a partir da esquerda. Ele é planetário e age a partir de baixo, ou pólo negativo, da linha do Conhecimento, que é a terceira linha de Umbanda.

Logo, entendam que só o estão oferendendo simbolicamente e em sinal de respeito ao aspecto negativo e escuro de nossa amada mãe Obá.

A ele não devem pedir nada mais além de força e proteção nos trabalhos espirituais justos e retos, pois nos injustos e tortos saibam que o magnetismo cósmico dele já começa a atuar e a desestabilizar a terra sob os pés de quem recorre a eles, assim que se iniciam.

O fato é que se deve realizar uma oferenda à orixá Obá e se apresentar a ela, solicitando seu amparo e proteção nos trabalhos espirituais... que será concedido, mas de forma silenciosa e discreta, pois assim é a natureza cósmica dessa nossa amada mãe divina da terra.

Sempre que desejar saudá-la nos trabalhos, deve-se derramar três vezes um pouco de água na frente do congá e três vezes na frente do templo pronunciando mentalmente, ou vocalizando, esta saudação mantrâmica: *A-ki-ro-obá-yé* ou *Akirôobá-yé!*

Água de Obá para Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água de rio com pétalas de rosa branca e folhas de alecrim maceradas e curtidas por 24 horas.

Saravá Obá! Akiroobá yé!

Nota do médium psicógrafo:

A = dele, dela

Ki = saudar

Ro = pingar

Yé = saber o significado de conhecimento

Procurei saber o significado desse mantra e o encontrei em yorubá no dicionário de Eduardo Fonseca Júnior, que recomendo aos umbandistas juntamente com as traduções descritas anteriormente. Logo, deduzo que o ato de derramar três pingos de água na terra e localizar o mantra *A-ki-ro-obá-yé*, significa:

“Eu saúdo o seu conhecimento, Senhora da Terra!”, ou

“Eu saúdo a terra, Senhora do Conhecimento!”.

Mas se alguém versado na língua yorubá traduzir e sintetizar melhor esse mantra de saudação à nossa amada mãe Obá, por favor, nos comunique que o adotaremos numa próxima edição.

4ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação da Justiça Divina

Irradiação Bipolarizada pelos Elementos Fogo e Ar (Xangô e Xansã)

Olorum gera tudo em Si e uma de suas gerações é a Justiça Divina, que dá o devido equilíbrio a tudo o que gera.

Essa Sua qualidade equilibradora está em tudo e em todos e mantém toda a criação divina em equilíbrio e harmonia, dando a tudo seu ponto de equilíbrio.

Olorum gerou, nessa Sua qualidade equilibradora de tudo e de todos, uma Sua divindade que é em si mesma o equilíbrio divino que dá sustentação a tudo que existe, tanto animado quanto inanimado, surgindo o Orixá da Justiça Divina, divindade unigênita porque é o Orixá do equilíbrio, da razão e do juízo divino.

Deus é justo e tudo o que gera o faz com equilíbrio, pois tudo atende a uma vontade Sua, às suas criaturas, espécies e seres. E Xangô, o orixá da Justiça, independe de nossa vontade para atuar sobre nós porque é em si mesmo essa qualidade equilibradora do nosso Divino Criador.

Xangô, por ser unigênito e ter sido gerado em Deus, é em si mesmo a Justiça Divina que purifica nossos sentimentos com sua irradiação incandescente, abrasadora e consumidora das emotividades.

Mas Xangô, como qualidade divina, está na própria gênese das coisas como a força coesiva que dá sustentação à forma que cada agregado assume, ou seja, Ele está na própria natureza das coisas como o próprio equilí-

brio, pois só assim ela não deixa de ser como é. Ele tanto é o ponto de equilíbrio que dá sustentação à estrutura atômica de um átomo como é a força equilibradora do Universo e de tudo o que nele existe, seja animado ou inanimado.

Xangô, por ser uma divindade gerada em Deus, também gera em si a qualidade na qual foi gerado. Mas ele também gera de si essa sua qualidade equilibradora e a transmite a tudo e a todos.

Quem absorvê-la torna-se racional, ajuizado e ótimo equilibrador, tanto dos que vivem à sua volta como do próprio meio em que vive. Um juiz é um exemplo bem característico dessa qualidade equilibradora irradiada por Xangô, e não importa que o juiz seja um “filho” de outro Orixá, pois a manifestará naturalmente, já que a justiça humana é a concretização da Justiça Divina no plano material.

“Um juiz não consegue dissociar-se da qualidade da justiça, à qual serve com toda a sua capacidade mental e intelectual, mas nunca emotivamente, pois é um racionalista nato.”

Saibam que essa qualidade equilibradora está presente em todos os processos divinos (criação e geração). Por isso, assim que algo alcança seu ponto de equilíbrio, o processo criador ou gerador é paralisado e o que foi criado ou gerado estabiliza-se e adquire uma definição só sua, que o qualificará dali em diante.

Com isso explicado, então entendemos a importância que tem essa qualidade divina, que na Umbanda a vemos nos procedimentos retos, justos e ajuizados dos caboclos de Xangô, orixá da Justiça Divina, da razão e do equilíbrio. Por isso, quando evocamos a presença dele, só o fazemos se for para devolver o equilíbrio e a razão aos seres e procedimentos desequilibrados e emocionados, ou para clamar pela Justiça Divina, que atuará em nossa vida anulando demandas cármicas, magias negras, etc., devolvendonos a paz, harmonia e equilíbrio mental, emocional, racional e até nossa saúde, pois para estarmos saudáveis devemos ficar em equilíbrio vibratório também no corpo físico.

Observem que o equilíbrio proporcionado por Xangô não se limita só a um aspecto de nossa vida, já que ele, enquanto qualidade equilibradora, está em todos.

Xangô é o Orixá de Deus gerador e irradiador do fator equilibrador, mas o limitamos quando deixamos de recorrer a ele para ajudar em todos os aspectos e só o fazemos para anular demanda ou impor a Justiça Divina na vida dos seres desequilibrados.

Mas sempre que a Justiça Divina é ativada, tanto seu pólo positivo quanto o negativo são ativados, e aí surge Iansã, regente da Lei nos campos da Justiça.

Iansã é a divindade da lei cuja natureza eólica expande o fogo de Xangô, e assim que o ser é purificado de seus vícios ela entra em sua

vida, redirecionando-o e conduzindo-o a outro campo no qual retomará sua evolução.

Saibam que uma das qualidades de Deus é o direcionamento que está presente e ativo em tudo o que ele gera e cria.

É nessa sua qualidade direcionadora de tudo o que existe, tanto animado quanto inanimado, que ele gerou Iansã.

Então Iansã é unigênita porque é em si mesma essa qualidade do Divino Criador, que a gerou em Si e a tomou essa sua qualidade divina.

Iansã, como qualidade de Deus, está em tudo e todos e é o poder que direciona a fé (Oxalá), a justiça (Xangô), a evolução (Obaluaê), a geração (Iemanjá), a agregação (Oxum), a lei (Ogum).

Ogum é a Lei, a via reta, mas Iansã é o próprio sentido de direção da Lei, pois ela é um mistério que só entra na vida de um ser caso a direção que este esteja dando à sua evolução e à sua religiosidade não siga a linha reta traçada pela Lei Maior (Ogum).

Por isso ela não depende de nós para atuar em nossa vida. Basta “errarmos” para que sua qualidade divina nos envolva numa de suas espirais, impondo-nos um giro completo e transformador dos nossos sentimentos viciados. Com isso ela nos coloca novamente no caminho reto da vida ou nos lança no Tempo, onde nossa religiosidade desvirtuada será paralisada e esgotada em pouco tempo.

Sua atuação é cósmica, ativa, mobilizadora e direcionadora. Mas não é inconseqüente ou emotiva porque ela é o sentido da lei, que não é apenas punidora, mas também direcionadora.

Xangô paralisa e purifica; Iansã movimenta e direciona.

São orixás que formam a quarta irradiação divina porque suas qualidades e elementos se complementam.

Resumidamente, podemos definir Xangô e Iansã da seguinte forma:

— Xangô é o fogo que nos purifica de nossos próprios vícios emocionais, reequilibrando-nos.

— Iansã é o ar que areja nosso emocional e nos proporciona um novo sentido da vida e uma nova direção ou meio de vida.

Xangô

Xangô é o orixá da Justiça e seu campo preferencial de atuação é a razão, despertando nos seres o senso de equilíbrio e equidade, já que só conscientizado e despertado para os reais valores da vida a evolução se processa num fluir contínuo.

Comentar sobre o orixá Xangô é dispensável, pois é muito conhecido dos praticantes de Umbanda. Logo, nos limitamos a comentar alguns de seus aspectos (qualidades, atributos e atribuições).

O Orixá Regente Planetário individualiza-se nos sete Orixás Essenciais, que se projetam energética, magnética e vibratoriamente, e criam sete linhas de forças ou irradiações bipolarizadas, pois surgem dois pólos diferenciados em positivo e negativo, irradiante e absorvente, ativo e passivo, masculino e feminino, universal e cósmico.

Uma dessas projeções é a do Orixá da Justiça Divina que, ao irradiar-se, cria a linha de forças da Justiça, pontificada por Xangô e Egunitá (divindade natural cósmica do Fogo Divino).

Na linha elemental da Justiça, ígnea por excelência, Xangô e Egunitá são os pólos magnéticos opostos. Por isso eles se polarizam com a linha da Lei, que é eólica por excelência.

Logo, Xangô polariza-se com a eólica Iansã e Egunitá polariza-se com o eólico Ogum, criando duas linhas mistas ou linhas regentes do Ritual de Umbanda Sagrada.

O orixá Xangô é o orixá natural da Justiça e está assentado no pólo positivo da linha do Fogo Divino, de onde se projeta e faz surgir sete hierarquias naturais de nível intermediário, pontificadas pelos Xangôs regentes dos pólos e níveis vibratórios intermediários da linha de forças da Justiça Divina.

Esses sete Xangôs são orixás naturais; são regentes de níveis vibratórios; são multidimensionais e irradiadores das qualidades, dos atributos e das atribuições do orixá maior Xangô.

Eles aplicam os aspectos positivos da Justiça Divina nos níveis vibratórios positivos e polarizam-se com os Xangôs cósmicos, que são os aplicadores dos aspectos negativos da Justiça Divina. Como na Umbanda quem lida com os regentes dos aspectos são os Exus e as Pombagiras, então não vamos comentá-los e nos limitaremos aos regentes dos pólos positivos intermediários, que formam suas hierarquias de Orixás Intermediadores, que pontificam, na Umbanda, as linhas de trabalhos espirituais.

Esses Xangôs intermediários, tal como todos os Orixás Intermediários, possuem nomes mantras que não podem ser abertos ao plano material. Muitos os chamam de Xangô da Pedra Branca, Xangô Sete Pedreiras, Xangô dos Raios, Xangô do Tempo, Xangô da Lei, etc. Enfim, são nomes simbólicos para os mistérios regidos pelos orixás Xangôs intermediários. Só que quem usa esses nomes simbólicos não são os regentes dos pólos magnéticos da linha da Justiça, e sim os seus intermediadores, que foram “humanizados” e regem linhas de caboclos que se manifestam no Ritual de Umbanda Sagrada, comandando as linhas de trabalhos de ação e de reação. Eles são os aplicadores “humanos” dos aspectos positivos da justiça divina.

Os sete Xangôs intermediários, regentes dos pólos magnéticos dos níveis vibratórios intermediários, são:

- 1º Xangô: é o Xangô da Chama da Fé ou Xangô da Justiça Cristalina. Ele surge a partir do 1º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética cristalina, regida pelo orixá Oxalá (orixá da Fé).
- 2º Xangô: é o Xangô da Chama do Amor ou Xangô da Justiça Mineral. Ele surge a partir do 2º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética mineral, regida pelo orixá Oxum (orixá do Amor).
- 3º Xangô: é o Xangô da Chama do Conhecimento ou Xangô da Justiça Vegetal. Ele surge a partir do 3º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética vegetal, regida pelo orixá Oxóssi (orixá do Conhecimento).
- 4º Xangô: é o Xangô da Chama da Justiça ou Xangô da Justiça Ígnea. Ele surge a partir do 4º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética ígnea, regida pelo orixá Xangô (orixá da Justiça).
- 5º Xangô: é o Xangô da Chama Flamejante ou Xangô da Justiça Eólica. Ele surge a partir do 5º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética eólica, regida pelo orixá Ogum (orixá da Lei).

- 6º Xangô: é o Xangô da Chama da Evolução ou Xangô da Terra. Ele surge a partir do 6º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética telúrica, regida pelo orixá Obaluaê (orixá da Evolução).
- 7º Xangô: é o Xangô da Chama da Geração ou Xangô da Justiça Aquática. Ele surge a partir do 7º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética aquática, regida pelo orixá Iemanjá (orixá da Geração).

Esses sete Xangôs naturais são regentes de pólos magnéticos de níveis vibratórios multidimensionais e aplicadores dos aspectos positivos da Justiça Divina. Eles não incorporam, pois são divindades regentes de níveis vibratórios e orixás multidimensionais.

Logo, se alguém disser “eu incorporo o Xangô tal”, com certeza está incorporando o seu Xangô individual, que é um ser natural de 6º grau vibratório ou um espírito reintegrado às hierarquias naturais regidas por esses Xangôs. Ninguém incorpora um Xangô de nível intermediário ou qualquer outro orixá dessa magnitude. O máximo que se alcança na incorporação é um orixá de grau intermediador. Mas, no geral, todos incorporam seu orixá individual natural ou um espírito reintegrado às hierarquias naturais e, portanto, um irradiador de um dos aspectos do seu orixá maior.

Temos, na Umbanda:

Xangôs da pedra preta

Xangôs dos raios

Xangôs das pedreiras

Xangôs das cachoeiras

Xangô das sete montanhas, etc.,

que são, todos eles, Orixás Intermediadores e regentes de subníveis vibratórios ou regentes de pólos energético-magnéticos cruzados por muitas correntes eletromagnéticas, nas quais atuam como aplicadores dos mistérios maiores, mas já em pólos localizados em subníveis vibratórios. E todos esses Xangôs intermediadores são regentes de imensas linhas de trabalhos, ação e reação ou não é verdade que temos caboclos da Pedra Branca, da Pedra Preta, das Pedreiras, das Sete Montanhas, do Fogo, dos Raios, etc.?

Meditem muito sobre o que aqui estamos comentando, pois em se tratando de orixás é preciso conhecê-los a partir da ciência divina ou nos perdemos no abstracionismo e na imaginação humana. Reflitam bastante e depois consultem vossos mentores espirituais acerca do que aqui estamos ensinando, irmãos em Oxalá.

Oferenda

Velas brancas, vermelhas e marrons; cerveja escura, vinho tinto doce e licor de ambrosia; flores diversas, tudo depositado em uma cachoeira, montanha ou pedreira.

Água de Xangô para Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água de cachoeira com hortelã macerada e curtida por três dias.

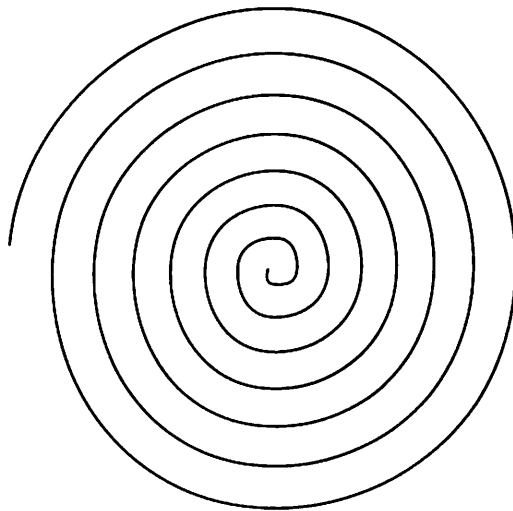
Iansã

Iansã é a aplicadora da Lei na vida dos seres emocionados pelos vícios. Seu campo preferencial de atuação é o emocional dos seres: ela os esgota e os redireciona, abrindo-lhes novos campos por onde evoluirão de forma menos “emocional”.

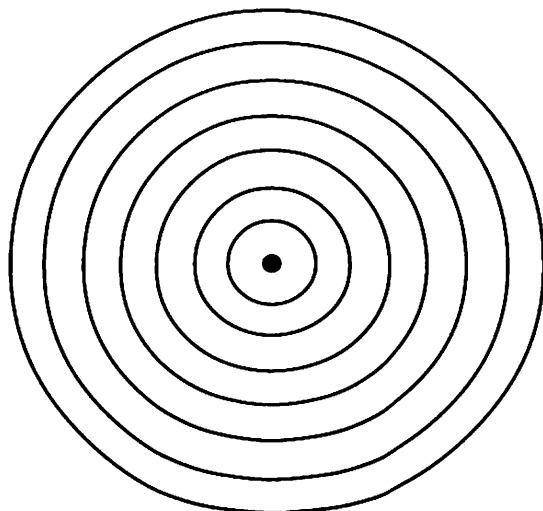
No nosso comentário sobre o orixá Egunitá abordamos nossa amada mãe Iansã. Logo, aqui seremos breves em nosso comentário sobre ela, que também foi analisada no capítulo reservado ao orixá Ogum.

Como dissemos antes, Iansã em seu primeiro elemento é ar e forma com Ogum um par energético no qual ele rege o pólo positivo e é passivo, pois suas irradiações magnéticas são retas. Iansã é negativa e ativa, e suas irradiações magnéticas são circulares ou espiraladas.

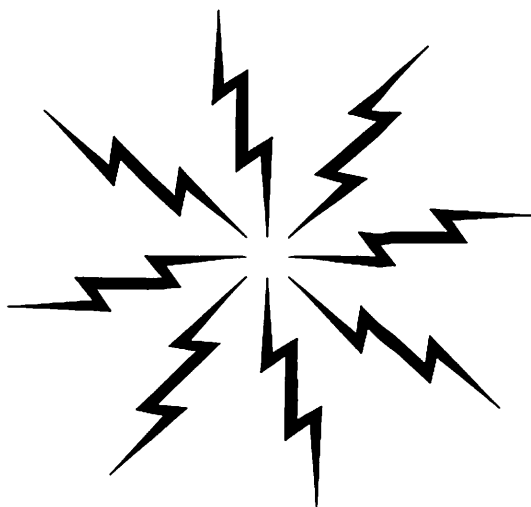
As irradiações espiraladas são assim:



As irradiações circulares são assim:



As irradiações raiadas são assim:



Observem que Iansã se irradia de formas diferentes: é cósmica (ativa) e é o orixá que ocupa o pólo magnético negativo da linha elemental pura do ar, na qual polariza com Ogum. Já em seu segundo elemento ela polariza com Xangô e atua como o pólo ativo da linha da Justiça Divina, que é uma das sete irradiações divinas.

Na linha da Justiça, Iansã é seu aspecto móvel e Xangô é o assentado ou imutável, pois ela atua na transformação dos seres por meio de seus magnetismos negativos.

Iansã aplica a Lei nos campos da Justiça e é extremamente ativa. Uma de suas atribuições é colher os seres fora-da-lei e, com um de seus magnetismos, alterar todo o seu emocional, mental e consciência para só então redirecioná-los em outra linha de evolução que os aquietará e facilitará sua caminhada pela linha reta da evolução.

As energias irradiadas por Iansã densificam o mental, diminuindo seu magnetismo, e estimulam o emocional acelerando suas vibrações.

Com isso, o ser se torna mais emotivo e mais facilmente é redirecionado. Mas quando não é possível reconduzi-lo à linha reta da evolução, então uma de suas sete intermediárias “cósmicas”, que atuam em seus aspectos negativos, paralisa o ser e o retém em um dos campos de esgotamento mental, emocional e energético até que ele tenha sido esgotado de seu negativismo e tenha descarregado todo o seu emocional desvirtuado e viciado.

Nossa amada mãe Iansã possui vinte e uma Iansãs intermediárias, que são assim distribuídas:

- Sete atuam junto dos pólos magnéticos irradiantes e auxiliam os orixás regentes dos pólos positivos, os quais entram como aplicadores da Lei segundo os princípios da Justiça Divina, recorrendo aos aspectos positivos da orixá planetária Iansã.
- Sete atuam junto dos pólos magnéticos absorventes e auxiliam os orixás regentes dos pólos negativos, os quais entram como aplicadores da Lei segundo seus princípios, recorrendo aos aspectos negativos da orixá planetária Iansã.
- Sete atuam nas faixas neutras das dimensões planetárias, as quais, regidas pelos princípios da Lei, ou direcionam os seres para as faixas vibratórias positivas ou às negativas.

Enfim, são vinte e uma orixás Iansãs intermediárias aplicadoras da Lei nas sete linhas de Umbanda.

Como seus campos preferenciais de atuação são os religiosos, não é de se estranhar que nossa amada mãe Iansã intermediária para a linha da Fé nos campos do Tempo seja descrita como a própria Oyá Tempo, já que é ela quem envia ao tempo os eguns fora-da-lei no campo da religiosidade.

Iansã do Tempo, não tenham dúvida, tem um vasto campo de ação e colhe os espíritos desvirtuados nas coisas da Fé, enviando-os ao Tempo onde serão esgotados. Mas antes ela tentou reequilibrá-los e redirecioná-los, só optando por enviá-los a um campo no qual o magnetismo os esvazia quando vê que um esgotamento total em todos os sete sentidos é necessário. E isso o Tempo faz muito bem!

Já Iansã Balê, do Balê ou das Almas é outra intermediária de nossa mãe maior Iansã, muito solicitada e conhecida porque atua preferencialmente sobre os espíritos que desvirtuam os princípios da Lei que dão sustentação à vida e, como vida é geração e Omolu atua no pólo negativo da linha da Geração, então ela envia aos domínios dele todos os espíritos que atentaram contra a vida de seus semelhantes ao desvirtuarem os princípios da Lei e da Justiça Divina.

Logo, seu campo de ação localiza-se nos domínios do orixá Omolu, que rege o lado de “baixo” do campo santo.

Mas são muito conhecidas as Iansãs intermediárias Sete Pedreiras, dos Raios, do Mar, das Cachoeiras e dos Ventos (Iansã pura). As outras assumem os nomes dos elementos que lhes chegam pelas irradiações inclinadas dos outros orixás, quando surgem as Iansãs irradiantes e multicoloridas. Temos:

- uma Iansã do Ar
- uma Iansã Cristalina
- uma Iansã Mineral
- uma Iansã Vegetal
- uma Iansã Ígnea
- uma Iansã Telúrica
- uma Iansã Aquática

Bom, só por essa amostra dos múltiplos aspectos de nossa amada regente feminina do ar já deu para ter uma idéia do imenso campo de ação do mistério “Iansã”.

O fato é que ela aplica a Lei nos campos da Justiça Divina e transforma os seres desequilibrados com suas irradiações espiraladas, que os giram até que tenham descarregado seus emocionais desvirtuados e suas consciências desordenadas.

Não vamos nos alongar mais, pois muito já foi dito e escrito sobre a “Senhora dos Ventos”.

Oferenda

Velas brancas, amarelas e vermelhas; champanhe branca, licor de menta e de anis ou de cereja; rosas e palmas amarelas, tudo depositado no campo aberto, pedreiras, beira-mar, cachoeiras, etc.

Água de Iansã para Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água de cachoeira, rio, fonte ou chuva com rosas brancas, guiné e alecrim maceradas e curtidas por sete dias.

5ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação da Lei

Irradiação Bipolarizada pelos Elementos Ar e Fogo (Ogum e Egunitá)

Olorum gera em Si mesmo uma qualidade ordenadora de tudo e de todos, inclusive de Sua geração divina.

Nessa sua qualidade ordenadora Ele gerou Ogum, que é em si mesmo essa qualidade divina de Olorum.

Ogum é sinônimo de Lei Maior, ordenação divina e retidão em todos os sentidos, porque é unigênito e gerado na qualidade ordenadora do Divino Criador.

Ogum não pode ser dissociado da Lei Maior, pois ele é a divindade que a aplica em tudo e em todos. Ele é a ordenação divina em si mesmo: ele ordena a fé, o amor, o conhecimento, a justiça, a evolução e a geração, por isso está em todas as outras qualidades divinas.

Ogum, por ser unigênito e ser em si mesmo a ordenação divina, gera em si e de si.

Na sua geração em si ele gera suas hierarquias. Na sua geração de si ele gera sua qualidade, a qual transmite aos seus filhos.

Já comentamos antes, mas vale a pena repetir:

— Ogum é a força que ordena tudo e todos, e tanto está presente na estrutura de um átomo, ordenadíssima, como na estrutura divina do Universo, divinamente ordenado.

Sua qualidade ordena a evolução e por isso ele é tido como o senhor dos caminhos (das vias evolutivas).

Seu outro aspecto divino é o de aplicador “religioso” da Lei Maior, que independe de nós para aplicá-la e atuar em nossa vida, pois basta sairmos do caminho reto para ser tolhidos pelas suas irradiações retas e cortantes.

Suas irradiações retas são simbolizadas por suas sete lanças, e as cortantes são simbolizadas pelas suas sete espadas.

Sua proteção “legal” é simbolizada pelos seus sete escudos, etc.

Ogum é em si mesmo a qualidade ordenadora e a divindade aplicadora dos princípios da Lei Maior.

Ele é eólico e polariza com Egunitá, orixá do fogo e consumidor dos vícios e dos desequilíbrios.

Egunitá é muito mais conhecida como uma das qualidades de Iansã que como uma divindade do fogo cósmico, porque as lendas a definiram como uma Iansã. Mas isso não é tudo porque ela é fogo em seu primeiro elemento e o expande no “ar” de Ogum, que é ordenador. Nele ela é o raio que, onde cair, consumirá tudo à sua volta.

Uma das dificuldades de interpretarmos os orixás só a partir do legado mitológico africano é por causa dessa indefinição do orixá ocupado por cada um. Então, juntaram vários orixás ao redor de um para facilitar o entendimento. Mas nós não nos guiamos só pelas lendas e recorreremos à ciência divina, que nos ensina que Egunitá é uma divindade ígnea, consumidora dos vícios dos desequilibrados.

Saibam que, quando evocamos Ogum para atuar em nosso favor e nos defender das investidas dos seres desequilibrados — poucos sabem disso — suas hierarquias luminosas ativam seus pares opostos assentados nos pólos magnéticos negativos, ativos e cósmicos da irradiação da Justiça Divina, cujos magnetismos são esgotadores dos desequilíbrios, das injustiças e do irracionalismo.

Como a Justiça Divina é o fogo que purifica os sentimentos desvirtuados, então surge uma divindade cósmica ígnea, que é em si mesma o fogo da purificação dos viciados e dos desequilibrados: Egunitá!

Esta divindade cósmica da Justiça Divina é em si mesma o fogo da purificação. Ela é unigênita porque foi gerada nessa qualidade cósmica do Divino Criador Olorum, e tanto a gera em si como gera de si.

Então temos, na Umbanda, Egunitá, orixá cósmica consumidora dos vícios e dos desequilíbrios; purificadora dos meios ambientes religiosos (templos), das casas (moradas) e do íntimo dos seres (sentimentos).

Egunitá é orixá ígnea, de magnetismo negativo, seu fogo é cósmico e consumidor, enquanto o de Xangô é universal e abrasador.

— O fogo de Xangô aquece os seres e os torna calorosos, ajuizados e sensatos.

— O fogo de Egunitá consome as energias dos seres apaixonados, emocionados, fanatizados ou desequilibrados, reduzindo a chama interior

de cada um (sua energia ígnea) a níveis baixíssimos, apatizando-os, paralisando-os e anulando seus vícios emocionais e desequilíbrios mentais, sufocando-os.

Olorum gera em Si o fogo consumidor, que é uma de Suas qualidades, pois é cósmico, está espalhado por toda a sua criação, e onde surgir um desequilíbrio, o próprio magnetismo negativo do ser desequilibrado já começa a atrair, condensar e acumular esse fogo consumidor que, quando atingir seu ponto de incandescência consumista, o esgotará e o anulará.

Saibam que Egunitá é em si esse fogo cósmico que está em tudo o que existe, mas diluído. E para ela atuar em nossa vida não depende de nós, mas tão-somente que nos tornemos “irracionais” apaixonados e desequilibrados.

Na Umbanda, ela deve ser evocada para purificar os seres viciados, as magias negras, as injustiças, etc.

Resumimos Ogum e Egunitá assim:

- Ogum é a ordenação divina e a lei que rege a vida dos seres.
- Egunitá é a divindade cósmica da justiça que polariza com Ogum e é, em si mesma, o aspecto punitivo da Lei Maior regida por ele.

Ogum

Ogum é o orixá da Lei e seu campo de atuação é a linha divisória entre a razão e a emoção. É o Orixá Regente das milícias celestes, guardiões dos procedimentos dos seres em todos os sentidos.

Ogum é sinônimo de lei e ordem e seu campo de atuação é a ordenação dos processos e dos procedimentos.

O orixá da Lei é eólico e, ao irradiar-se, cria a linha pura do ar elemental, já com dois pólos magnéticos ocupados por orixás diferenciados em todos os aspectos. O pólo magnético positivo é ocupado por Ogum e no negativo está Iansã.

Esta linha eólica pura dá sustentação a milhões de seres elementais do ar até que eles estejam aptos a entrar em contato com seu segundo elemento. Uns têm como segundo elemento o fogo, outros têm a água, etc.

Portanto, na linha pura do “ar elemental” só temos Ogum e Iansã como regentes.

Mas se esses dois orixás são aplicadores da Lei (porque sua natureza é ordenadora), então eles se projetam e dão início às suas hierarquias naturais, que são as que nos chegam pela Umbanda.

Os orixás regentes dessas hierarquias de Ogum e Iansã são orixás intermediários ou regentes dos níveis vibratórios da linha de forças da Lei.

Saibam que Oxalá tem sete orixás intermediários positivos, outros sete negativos, que são seus opostos, e sete orixás neutros; Oxum tem sete orixás intermediárias positivas e tem outras sete negativas, que são suas opostas, Oxóssi tem sete orixás intermediários positivos, sete negativos, que são seus opostos e sete outros que formam uma hierarquia vegetal neutra e fechada ao conhecimento humano material; Xangô tem sete orixás intermediários positivos e sete negativos, que são seus opostos. E o mesmo acontece com Obaluaê e Iemanjá.

Agora, Ogum e Iansã são os regentes do Mistério Guardião e suas hierarquias não são formadas por orixás opostos em níveis vibratórios e pólos magnéticos opostos, como acontece com os outros. Não, senhores!

Ogum e Iansã formam hierarquias verticais retas ou seqüenciais, sem quebra de “estilo”, pois todos os Oguns, sejam os regentes dos pólos positivos, dos neutros ou tripolares ou dos negativos, atuam da mesma forma e movidos por um único sentido: aplicadores da Lei!

Todo Ogum é um aplicador natural da Lei e age com a mesma inflexibilidade, rigidez e firmeza, pois não se permite uma conduta alternativa.

Onde estiver um Ogum, lá haverá os olhos da Lei, mesmo que seja um “caboclo” de Ogum, avesso às condutas liberais dos freqüentadores das tendas de Umbanda, sempre atento ao desenrolar dos trabalhos realizados, tanto pelos médiuns quanto pelos espíritos incorporadores.

Dizemos que Ogum é, em si mesmo, os atentos olhos da Lei, sempre vigilante, marcial e pronto para agir onde lhe for ordenado.

A hierarquia reta de Ogum, dentro da Umbanda, é composta de vinte e um Oguns intermediários regentes de pólos magnéticos.

- Sete pólos são positivos.
- Sete pólos são negativos, mas não são opostos aos positivos.
- Sete são tripolares e assentados na faixa neutra, que é horizontal.

Cada um desses sete Oguns tripolares assentados na faixa neutra, cada pólo está em sintonia vibratória com uma das sete linhas de forças verticais e são eles que direcionam os seres elementais, encantados, naturais e mesmo os espíritos da dimensão humana da evolução.

São multidimensionais e estão (projetam-se) em todas as faixas neutras, sejam elas puras, bi, tri, tetra ou pentaelementais.

As hierarquias desses sete Oguns naturais intermediários tripolares são gigantescas e impossíveis de ser quantificadas por causa do imenso número de seres incorporados a elas.

Só para que tenham uma idéia do que estamos comentando, saibam que o tripolar Ogum da “Água” projeta-se em Ogum Marinho, Ogum Sete Ondas e Ogum Beira-mar. O Ogum da Terra projeta-se em Ogum Megê, Ogum das Passagens e Ogum de Ronda. O Ogum dos Minerais projeta-se em Ogum das Pedras, Ogum do Ferro e Ogum Sete Correntes (minerais).

Vamos parar por aqui, pois já viram como se desdobram estes sete Oguns tripolares.

Saibam que eles se projetam na horizontal (direita e esquerda) e na vertical (para cima e para baixo), e encaminham os seres que têm que ser direcionados para uma dessas direções a partir das faixas neutras.

Dizemos que Ogum é sinônimo de lei e de ordem porque ele tanto aplica a Lei quanto ordena a evolução dos seres, não permitindo que alguém tome uma direção errada. Por isso ele é chamado de “O Senhor dos Caminhos” (das direções).

E o mesmo acontece com Iansã, pois ela também é aplicadora da Lei e ordenadora dos seres. Só que ela é maleável e também atua pelo emocional dos seres.

Bem, já comentamos que Ogum forma uma hierarquia reta ou seqüencial, pois a Lei é reta e rígida onde quer que seja. Ogum não julga nada nem ninguém, pois essa atribuição é de Xangô. Ele apenas aplica os princípios da Lei e ordena (direciona) os seres, e ponto final! Iansã é Lei e é mãe, portanto é maleável até certo ponto e atua no emocional dos seus “filhos”. Já Ogum, bem, ele é pai e é rigoroso ao extremo com seus “filhos”. É sua natureza reta, e assim ele é.

Vamos mostrar os Oguns dos pólos positivos, os Oguns da faixa neutra e os Oguns das faixas negativas, pois as hierarquias do orixá maior Ogum não são formadas de pólos magnéticos opostos, mas sim seqüenciais.

Saibam que a Lei é reta e tudo o que for “oposto” a ela deve ser anulado por Ogum, pois a Lei é ordem em todos os sentidos.

Vamos às hierarquias intermediárias retas do orixá Ogum:

- 1º Ogum: é o Ogum Cristalino ou Ogum da Lei e da Fé. Ele surge no 1º pólo magnético positivo, formado pela corrente eletromagnética cristalina regida pelo orixá Oxalá (orixá da Fé).
- 2º Ogum: é o Ogum Mineral ou Ogum da Conceção e do Amor. Ele surge no 2º pólo magnético positivo, formado pela corrente eletromagnética mineral regida pelo orixá Oxum (orixá do Amor e da Conceção).
- 3º Ogum: é o Ogum Vegetal ou Ogum do Conhecimento. Ele surge no 3º pólo magnético positivo, formado pela corrente eletromagnética vegetal, regida pelo orixá Oxóssi (orixá do Conhecimento).
- 4º Ogum: é o Ogum do Fogo ou Ogum da Justiça. Ele surge no 4º pólo magnético formado pela corrente eletromagnética ígnea regida por Xangô (orixá da Justiça).
- 5º Ogum: é o Ogum Eólico ou Ogum do Ar. Ele surge a partir do 5º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética eólica regida pelo orixá Ogum (orixá da Lei).
- 6º Ogum: é o Ogum Telúrico ou Ogum da Evolução. Ele surge no 6º pólo magnético positivo, formado pela corrente eletromagnética telúrica regida pelo orixá Obaluaê (orixá da Evolução).
- 7º Ogum: é o Ogum Aquático ou Ogum da Geração. Ele surge a partir do 7º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética aquática regida pelo orixá Iemanjá (orixá da Geração).

Os sete Oguns tripolares atuam nas faixas neutras nas quais se iniciam ou se processam os estágios da evolução.

Todas as dimensões possuem uma faixa vibratória chamada de neutra porque é ali que os seres estacionam por muito tempo e a partir dela desenvolvem uma natureza positiva, negativa ou neutra.

- Positiva = passiva
- Negativa = ativa
- Neutra = pode se direcionar para onde desejar

Lembrem-se de que natureza não é energia ou magnetismo.

Bem, o fato é que esses sete Oguns estão assentados em Orixás Energéticos tripolares e formam a hierarquia horizontal do Divino Guardião da Lei, o orixá Ogum, e se multiplicam por três, formando a hierarquia divina denominada de “Vinte e Um Guardiões da Lei”.

Os Oguns intermediários que atuam no Ritual de Umbanda Sagrada saem dessa hierarquia, pois os espíritos ou seres humanos são tripolares, ou seja, trazem em seu mental um pólo magnético positivo, um negativo e um neutro. Por isso somos vistos pelos orixás como seres muito especiais. Afinal, trazemos em nosso mental a capacidade de reagir às situações mais adversas possíveis, desde que nos mantenhamos em equilíbrio emocional, magnético, energético e vibratório.

Os seres que mais se aproximam de nós são os naturais tripolares (Oguns e Iansãs naturais) e os Exus e Pombagiras naturais, que são neutros e negativos.

Os Exus e Pombagiras naturais, caso não saibam, são seres que não desenvolveram o magnetismo positivo e passivo e por isso são direcionados para dimensões distintas da dimensão humana, uma vez que já lhes falta esse nosso magnetismo positivo passivo e “racional”.

- O magnetismo mental negativo é emocional.
- O magnetismo mental positivo é racional.
- O magnetismo neutro é equilibrador dos dois outros pólos magnéticos.

Esses sete Oguns intermediários junto com as sete Iansãs intermediárias tripolares formam a mais numerosa hierarquia divina que existe em nosso multidimensional planeta Terra.

Vamos denominá-los só com o nome dos elementos nos quais atuam. Mais que isso não nos é permitido revelar.

- 1º Ogum tripolar → Ogum do Cristal (Ogum Matinata)
- 2º Ogum tripolar → Ogum do Mineral (Ogum das Cachoeiras)
- 3º Ogum tripolar → Ogum do Vegetal (Ogum Rompe-Matas)
- 4º Ogum tripolar → Ogum do Fogo (Ogum de Lei)
- 5º Ogum tripolar → Ogum do Ar (Ogum Ventania)
- 6º Ogum tripolar → Ogum da Terra (Ogum Megê)
- 7º Ogum tripolar → Ogum da Água (Ogum Marinho)

Agora vamos dar os sete Oguns cósmicos ou que atuam nos pólos magnéticos que surgem do entrecruzamento das linhas de forças verticais (irradiações) com as correntes eletromagnéticas (vibrações).

- 1º Ogum cósmico: é o Ogum do Tempo e surge no 1º nível vibratório negativo, onde surge o 1º pólo magnético negativo, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética cristalina negativa, regida pela orixá Oyá Tempo (orixá do Tempo e da Religiosidade).
- 2º Ogum cósmico: é o Ogum Sete Cobras ou Sete Caminhos. Ele surge no 2º pólo magnético negativo, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética mineral negativa, regida pelo orixá Oxumaré (orixá da Renovação ou Sexualidade).
- 3º Ogum cósmico: é o Ogum Rompe-Solo. Ele surge no 3º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética telúrica negativa, regida pela orixá Obá (orixá do Conhecimento).
- 4º Ogum cósmico: é o Ogum Rompe-Nuvens. Ele surge no 4º pólo magnético negativo, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética negativa, regida por Iansã (orixá da Lei).
- 5º Ogum cósmico: é o Ogum Corta-Fogo. Ele surge no 5º pólo magnético negativo, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética ígnea negativa, regida pela orixá Egunitá (orixá da Justiça).
- 6º Ogum cósmico: é o Ogum Sete Lagoas. Ele surge no 6º pólo magnético negativo, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética negativa, regida por Nanã Buruquê, que é uma orixá mista (terra e água) e é a regente do pólo negativo da linha da Evolução.
- 7º Ogum cósmico: é o Ogum Naruê. Ele surge a partir do 7º pólo magnético negativo, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética telúrica negativa, regido pelo orixá Omolu, orixá regente do pólo negativo da linha da Geração.

Esses sete Oguns cósmicos atuam nas faixas vibratórias negativas como ordenadores dos seres que optaram pela evolução cósmica, absorvente, concentradora e monocromática. Esses seres não são irradiadores de luzes coloridas, mas têm uma cor concentrada e seus densos magnetismos os tornam retos nos procedimentos e eles só se desenvolvem em um dos sete sentidos capitais.

Esses Oguns assumiram, na Umbanda, a missão de formar linhas de “Exus de Lei”, compostas por espíritos humanos caídos nas trevas humanas ou faixas vibratórias negativas da dimensão humana.

Agregados a essas linhas de “Exus de Lei”, milhões de espíritos humanos, afastados da faixa neutra e paralisados nos níveis vibratórios negativos, puderam retornar, ordenadamente e jungidos aos mistérios cósmicos da divindade “X”, que lhes dá sustentação enquanto se mantiverem nos limites reservados a eles pela lei (Ogum).

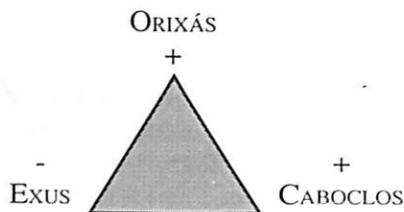
A divindade X (inominada) é um orixá cósmico que rege a dimensão negativo-neutra onde vivem os Exus naturais. O divino guardião cósmico dessa

dimensão natural e guardião dos mistérios da divindade X é *Me-hór-iim-yê* ou *Mehór yê*, o guardião cósmico que polariza com o divino Ogum nos pólos masculinos da linha de forças que forma o mistério “Guardião da Lei”.

Em livros anteriores já abordamos o mistério *Mehór yê*, assim como o seu pólo correspondente feminino, que é a divina *Ma-hór-iim-yê*, ou *Mahór yê*, que é a divindade cósmica que polariza com a orixá Oxum. *Mahór yê* rege sobre os desejos e o mistério “Pombagira de Lei”, fundamentado nos seres femininos que só desenvolveram o magnetismo mental neutro e o negativo.

Mais que isso não podemos revelar sobre os orixás cósmicos, sejam os Oguns ou qualquer outro. Saibam que as linhas de Lei mistas, cujos caboclos e Exus respondem pelos mesmos nomes simbólicos que demos aos orixás Oguns intermediários regentes dos pólos magnéticos negativos, são regidas por orixás Oguns intermediadores cósmicos, que respondem pelos mesmos nomes e são bipolares, e atuam tanto na direita (caboclos) quanto na esquerda (Exus). Mas esses Oguns cósmicos intermediadores só atuam nas linhas horizontais (direita e esquerda) e nunca nas linhas verticais (alto e embaixo).

Saibam que esses Oguns bipolares (positivos e negativos) serviram como modelo para o Ritual de Umbanda Sagrada quando ele foi idealizado, para acelerar a evolução espiritual por meio de um processo religioso que desembocou no surgimento da Umbanda no plano material. No triângulo da Umbanda, em uma de suas interpretações (já há outras), no alto está o orixá, à direita estão os(as) caboclos(as) e à esquerda estão os Exus (Pombagiras).



Já comentamos tudo o que foi permitido sobre o orixá Ogum. Logo, leiam e releiam com atenção tudo o que aqui está colocado e temos certeza de que muitos mistérios fechados, até agora, começarão a abrir-se para vocês, os estudiosos dos mistérios “Orixás”, os Orixás Regentes da evolução dos seres, das criaturas e das espécies.

Oferenda

Velas brancas, azuis e vermelhas; cerveja, vinho tinto licoroso; flores diversas e cravos, depositados nos campos, caminhos, encruzilhadas, etc.

Água de Ogum para Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água de rio com folhas de pinheiro maceradas e curtidas por sete dias.

Egunitá

Egunitá é o orixá aplicador da Justiça Divina na vida dos seres racionalmente desequilibrados.

Fogo, eis o mistério de nossa amada mãe Egunitá, regente cósmica do Fogo e da Justiça Divina que purifica os excessos emocionais dos seres desequilibrados, desvirtuados e viciados.

Em princípio, devemos alertar que não encontramos um orixá feminino que seja puro fogo e que tenha chegado até nós por uma causa muito simples: as divindades só humanizam os seus aspectos (qualidades, atributos e atribuições) que nos são úteis, dando amparo e estimulando nossa fé.

Egunitá é tida como um dos aspectos de Iansã e está correta essa interpretação... mas com uma observação: Iansã é o ar que alimenta o fogo de Xangô ou o apaga. E Egunitá é o fogo que aquece o ar de Ogum, ou o consome.

Sim, o primeiro elemento de Iansã e Ogum é o ar e o primeiro elemento de Egunitá e Xangô é o fogo. Logo, Egunitá só é um dos aspectos de Iansã quando atua em seu pólo negativo, aéreo e cósmico, para consumir os excessos emocionais dos seres atraídos por ela porque estavam agindo em desacordo com os ditames da Lei.

Nós comentamos que Oyá Tempo é a regente do aspecto negativo que esgota os eguns e os transforma em espectros assustadores. Mas Oyá Tempo pune os religiosos, já que este é seu campo preferencial de atuação. Com Iansã, que atua nos domínios da Lei, o campo e o sentido da vida em que age são outros.

Oyá Tempo atua até no vazio, ou campo atemporal; Iansã atua somente onde existe o ar.

As irradiações de Oyá Tempo obedecem ao seu magnetismo, e mesmo no vazio elas penetram, pois preenchem-no antes com sua energia cristalina.

Afinal, ou entendemos as divindades a partir da ciência ou até o ano 3000 d.C. ainda estaremos adorando-as somente por meio dos fenômenos da natureza. E não é isso que elas desejam de nós e não foi para isso que deram início à sua renovação pela Umbanda, certo?

Portanto, voltamos a insistir: Egunitá só é uma “Iansã” a partir do seu segundo elemento, que é o ar que alimenta seu fogo cósmico, consumista e anulador dos vícios e consumidor das paixões abrasadoras.

O mesmo recurso dos antigos ordenadores das hierarquias dos orixás foi usado por alguns ordenadores da Umbanda. E se aqueles colocaram Egunitá como uma Iansã porque ela atua no ar, que é o seu segundo elemento, o mesmo os daqui fizeram com a linha de caboclos “Rompe-Matas” ao colocá-los como caboclos de Oxóssi.

Mas o correto é que um caboclo Rompe-Matas tem nas matas seu segundo elemento (vegetal) e seu campo preferencial de atuação, mas o elemento original é o ar, ou o vento, que verga as árvores; rompe as matas fechadas para que o ar penetre nelas com muita facilidade. Logo, ele é um caboclo de Ogum (ar), que atua na irradiação de Oxóssi (vegetal). Portanto, ele não é um caboclo de Oxóssi, mas sim de Ogum, e atua nos campos de Oxóssi abrindo caminhos (Ogum).

Com Egunitá acontece a mesma coisa: ela é o fogo que atua na irradiação do ar (Iansã). Mas ela não é do ar, e sim do fogo.

Bem, com isso explicado, vamos comentar nossa amada mãe Egunitá já a partir do conhecimento superior sobre os orixás e seus campos de ação.

Egunitá é fogo puro e suas irradiações cósmicas absorvem o ar, pois seu magnetismo é negativo e atrai o elemento com o qual se energiza e se irradia até onde houver ar para dar-lhe essa sustentação energética e elemental.

Como Egunitá (fogo) é feminina, então ela se polariza com Ogum (ar), que é masculino e lhe dá a sustentação do elemento que precisa, mas de forma passiva e ordenada. Só assim suas irradiações acontecem de forma ordenada e alcançam apenas o objetivo que ela identificou.

Se ela polarizasse com Iansã, suas energias não seriam irradiadas porque aconteceria uma propagação delas na forma de labaredas, já que as duas são de magnetismo e elemento feminino. Eis aí a chave das polarizações, que obedecem a uma ordenação das irradiações por magnetismos.

Até nisso nós vemos a perfeição do Criador, pois o fogo feminino de Egunitá se espalharia pelo elemento eólico de Iansã e assumiria proporções alarmantes. Mas ao se polarizar com Ogum, e se ela, enquanto divindade natural, absorver muito das irradiações eólicas dele, irá se resfriar e será anulada em seu próprio elemento.

O inverso acontece com Ogum, que é passivo e só se torna ativo em seu segundo elemento, o que o alimenta, aquecendo-o e energizando suas irradiações. Ogum, como guardião da Lei, atua nos campos da justiça como aplicador das sentenças.

Logo, se Ogum absorver o fogo de Xangô, que também é passivo em seu magnetismo, esse fogo só irá consumir o ar de Ogum e não irá gerar a

energia ígnea que fluiria como calor pelas irradiações retas do seu magnetismo, que é passivo.

Ogum é passivo no magnetismo eólico e ativo em seu segundo elemento, que é o fogo que energiza (aquece) o ar.

Ogum irradia em linha reta (irradiação contínua).

Xangô irradia em linha reta (irradiação contínua).

Iansã irradia em espirais (irradiação circular).

Egunitá irradia por propagação (irradiação propagada).

Xangô polariza com Iansã e suas irradiações passivas se tornam ativas no ar (raios); Egunitá polariza com Ogum e suas irradiações por propagação magnética assumem a forma de fachos flamejantes.

Observem que Lei e Justiça são inseparáveis e para comentarmos Egunitá temos que envolver Ogum, Xangô e Iansã, que são os outros três orixás que também se polarizam e criam campos específicos de duas das sete linhas de Umbanda. Ela é cósmica (negativa) e seu primeiro elemento é o fogo, que se polariza com seu segundo elemento, que é o ar. Portanto, como o fogo é o elemento da linha da Justiça, ela é uma divindade que aplica a Justiça Divina na vida dos seres.

E porque o ar é o seu segundo elemento, que a alimenta e energiza e é o elemento da linha da Lei, ela é uma divindade que aplica a justiça como agente ativa da Lei e consome os vícios emocionais e os desequilíbrios mentais dos seres. Os vícios emocionais tornam os seres insensíveis à dor alheia. Os desequilíbrios mentais os transformam em tormentos para seus semelhantes.

A orixá Egunitá, como irradiadora da chama cósmica e purificadora da Justiça Divina, atua sobre os seres movidos por paixões avassaladoras e os incandesce até um ponto em que começam a consumir a si próprios. Quanto aos desequilibrados mentais, Egunitá retira todo o calor (energia ígnea) do corpo energético do ser e ele se resfria de imediato, tornando-se frio e escuro (egun).

Mas os eguns paralisados por Egunitá não são os do Tempo, pois transformam-se em espíritos sofredores sem chegar ao grau de espectros totalmente vazios. Egunitá retira deles apenas calor e os deixa com um frio paralisante, enquanto Oyá Tempo retira deles todas as energias e os deixa vazios.

Enfim, cada orixá atua de uma forma e é responsável por um dos aspectos da vida dos seres. Uns atuam nos aspectos da Fé, outros nos do Conhecimento, outros nos da Lei e outros da Justiça, etc.

Mas, aqui, estamos descrevendo os aspectos mais internos ou ocultos dos sagrados orixás. E não o fazemos a partir das lendas sobre eles, transmitidas oralmente de pai para filho, naquilo que constitui o saber mítico possível de ser conservado no decorrer do tempo.

Pesquisando livros de vários autores, importantíssimos para o entendimento dos orixás, só encontramos Egunitá sendo descrita como uma das qualidades de Iansã.

Aqui, não vamos questionar algo que tem sido útil durante milênios, mas sim separar uma Divindade do Fogo (Egunitá) de uma Divindade do Ar (Iansã) e descrevê-la segundo a Ciência Divina dos orixás, que nos revela ela ígnea e se expandindo (irradiando sua energia) pelo elemento ar (energia eólica).

Egunitá tem toda uma forma de ser cultuada, oferendada e firmada.

- Deve ser cultuada a partir da sua natureza justiceira (ígnea).
- Deve ser oferendada individualmente.
- Deve ser firmada em elementos da natureza associados ao fogo, inclusive a cor da sua vela votiva é laranja (em substituição à sua cor dourada).

Suas frutas são: laranja, abacaxi, uva, caqui, tamarindo, etc., e todas as frutas ácidas, sempre depositadas sobre um pano dourado ou alaranjado, que deve ser circulado com velas de cor laranja e vermelha ou como descreveremos no final deste capítulo.

Eu mesmo recorro muito à minha amada mãe do fogo divino, a nossa orixá Egunitá, quando preciso cortar magias negras, consumir energias negativas em lares ou com as pessoas que atendo e mesmo para cortar atuações de eguns. E sempre ela responde imediatamente e de forma fulminante.

Seu fogo consumidor dos vícios e dos negativismos é temidíssimo pelos seres que habitam nas faixas vibratórias negativas, pois ele se alimenta das energias negativas que eles geram e irradiam.

As pessoas que desejarem ativá-la religiosamente em seus templos devem fazer uma oferenda votiva a ela e consagrar nela uma hematita, um jaspe vermelho, um olho-de-tigre, um quartzo rutilado transparente e uma ágata tingida de vermelho. Todas essas pedras devem ser lavadas em água de cachoeira dentro de sua oferenda.

Após consagrá-las, envolvam-nas num pano vermelho e as levem para o templo, onde as “assentarão” sobre uma chapa de cobre ou de ferro.

Devem-se colocar as pedras em círculo e firmar uma vela laranja (ou vermelha) de sete dias e assentar ali sua força (seu axé). Após isto feito, toda vez que for abrir um trabalho deve-se firmar uma vela laranja comum, evocá-la e saudá-la, pedindo sua proteção.

Façam isso com confiança e, com absoluta certeza, terão seu amparo divino durante as sessões e mesmo após elas, pois nossa mãe Egunitá dispensa excessos ritualísticos e aprecia a concentração mental e religiosa dos seus adoradores.

Já seu culto coletivo deve ser feito em campo aberto com os médiuns dispostos em círculo ao redor de uma fogueira, simbolizadora do seu ele-

mento, e que deve ser alimentada com madeira para formar um braseiro, pois, no fogo, a brasa é sua, inclusive a linha dos Exus brasa são de Egunitá, a nossa amada mãe do fogo!

Bem, retomando nosso capítulo, continuamos a comentá-la teologicamente.

Por isso vocês devem ordenar o universo dos orixás em suas práticas e conhecimentos de Umbanda. Entendam que se em uma linha ar e fogo se polarizam para aplicar a Lei (Ogum-Egunitá) e em outra fogo e ar (Xangô-Iansã) se polarizam para aplicar a Justiça, é porque tanto o fogo e o ar quanto a Justiça e a Lei não são antagônicos e sim complementares. O fogo, em verdade, não consome ou anula o ar, mas tão-somente o energiza com seu calor. E o ar não apaga o fogo, mas tão-somente o expande ou o faz refluir.

A Justiça não anula a Lei, mas sim dota-a de recursos legais (jurídicos) para que possa agir com mais desenvoltura. E a Lei não anula a Justiça, mas sim dota-a com recursos para que possa se impor onde injustiças estejam sendo cometidas.

Fogo e Ar — Justiça e Lei, eis aí dois elementos que se complementam e duas linhas de Umbanda que são indissociáveis.

No elemento fogo puro ou elemental, Egunitá está assentada em seu pólo negativo, não irradiante, atraente e devorador dos vícios e desequilíbrios energéticos.

Já na linha de forças da Lei, regida por Ogum, ela se mostra como o fogo misto (areado). E, assentada em seu pólo negativo, consome os vícios emocionais e os desequilíbrios mentais surgidos após o ser desvirtuar os princípios da Lei, que são de natureza aérea. E se o ar que anima os princípios puros na vida do ser (Lei) tornou-se viciado (distorcido), então será Egunitá (o fogo que devora) que irá consumir todos os vícios e paralisá-lo (ar) até que novo ar puro (novos princípios) volte a arejar sua vida.

As divindades têm uma função a realizar e nós sempre seremos beneficiários de sua atuação. Quando nos paralisam, também estão nos ajudando, pois evitam que continuemos trilhando um caminho que nos conduzirá a um ponto sem retorno.

Quando comentamos que existe um triângulo de forças regendo a encarnação de um ser, nem sempre somos entendidos porque há dificuldade em interpretar.

A verdade é que um ser foi gerado em um elemento e tem nele sua ancestralidade, ou seu orixá ancestral, que não muda nunca.

Este é o vértice do alto do triângulo de forças de um ser.

Já os vértices de base, o da direita (nossa direita) é o orixá de frente, que regerá nossa encarnação quando estaremos nos desenvolvendo, aperfeiçoando e evoluindo sob sua irradiação “inclinada”, e um orixá de nível intermediário atuará intensamente em nossa vida, impondo o ritmo de nossa

- um copo com água;
- uma pomba vermelha e outra branca.

Sempre que se oferecer à orixá Egunitá, deve-se oferecer à senhora Pombagira do Fogo com rosas vermelhas, velas vermelhas e champanhe rosé.

Água de Egunitá para Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água de fonte com pétalas de rosa cor-de-rosa, folhas de alecrim e de arruda maceradas e curtidas por três dias.

6ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação da Evolução

Olorum tudo cria e tudo gera. Na Sua criação está sua estabilidade e nos seres está Sua mobilidade ou evolução incessante.

Estabilidade e evolução, eis a sexta irradiação divina, que está em tudo e todos porque é uma qualidade do Divino Criador.

Essa Sua qualidade, Sua estabilidade, proporciona o meio ideal para os seres viverem, e na Sua mobilidade gera os recursos para que eles evoluam.

Sem estabilidade um ser não evolui, pois tem que tê-la em todos os aspectos de sua vida.

Então, Olorum gerou nessa Sua qualidade uma divindade dual ou de dupla qualidade, tornando-a em si mesma essa Sua qualidade estabilizadora e evolutiva.

E surge Obaluaê, Orixá que, por suas duas qualidades divinas, rege a evolução dos seres.

Mas essa dupla qualidade está na própria gênese, pois sem estabilidade nada se sustenta e sem transmutação tudo fica paralisado.

Obaluaê é a dupla qualidade que tanto sustenta cada coisa no seu lugar como conduz cada uma a ele.

Ele está no próprio Universo, pois é a estabilidade que sustenta cada corpo celeste no seu devido lugar, como é o movimento da mecânica celeste, que mantém todos os corpos em movimento contínuo.

Por isso Obaluaê é passivo na sua qualidade estabilizadora e ativo na sua qualidade mobilizadora e transmutadora.

Obaluaê não é Omolu, pois este orixá paralisa os processos genéticos ou a vida dos seres desequilibrados.

É nesse ponto que surge uma dificuldade interpretativa, pois descreve essas duas divindades como uma só. E não são poucos os que entendem “Omolu-Obaluaê” como sendo um só orixá, sendo Obaluaê o velho e Omolu o novo.

Bem, retomando nosso comentário, o fato é que evoluir é crescer mentalmente, é passar de um estágio para outro, é ascender numa linha de vida de forma contínua e estável. E tudo isso Deus proporciona aos processos genéticos e aos seres.

Então surge Obaluaê, divindade unigênita gerada nessa qualidade do Divino Criador, que o torna em si mesmo a estabilidade e a mobilidade de tudo o que existe, seja animado ou inanimado.

Então vemos surgir o divino Orixá da Evolução, que é essa qualidade dupla de Deus.

— Por que ela é dupla?

Porque ela proporciona tanto a estabilidade quanto o movimento, condições imprescindíveis à evolução da vida.

Obaluaê está em todas as outras qualidades divinas como a estabilidade ou eternidade de cada uma delas e como a mobilidade ou atuação delas em tudo o que existe.

Ele, por ter sido gerado nessa qualidade dual e por sê-la em si mesmo, também a gera de si, fazendo surgir a hierarquia dos Orixás da Evolução, como gera de si, irradiando sua qualidade a tudo e todos, despertando em cada um essa vontade irresistível de seguir adiante, de alcançar um nível de vida superior, de chegar mais perto de Deus.

Sim, Obaluaê, na sua irradiação aceleradora da vida, da evolução e dos processos genéticos, desperta tudo isso nos seres.

Então ele não é só o orixá da cura, mas também do bem-estar, da busca de dias melhores, de melhores condições de vida, etc.

Na Umbanda, Obaluaê é evocado como senhor das almas, dos meios aceleradores da sua evolução, e todos sentem uma calma e um bem-estar incrível quando um ser natural de Obaluaê baixa num médium e gira no templo, pois ele traz em si a estabilidade, a calma, além da vontade de avançar, de seguir adiante e de ir para mais perto de Deus.

É certo que, por ser uma divindade, nos auxilia em todos os sentidos. E se um povo da África o cultuou como o “Deus” da varíola é porque ele cura, mesmo, os enfermos.

Essa natureza medicinal de Obaluaê tem sido evocada na Umbanda e muitos têm sido curados após clamarem por sua intervenção em favor dos enfermos.

Obaluaê é, também, um orixá curador. E a linha das almas ou corrente dos pretos-velhos é regida por ele, que podemos vislumbrar quando conversamos com espíritos dessa corrente: Eles nos transmitem paz, confiança e esperança, e quando os deixamos, após consultá-los, temos a impressão de que tudo se transformou e nos sentimos bem.

Obaluaê gera de si, e os pretos-velhos são os espíritos que captam dele suas irradiações, tornando-se, também, irradiadores dessa qualidade divina que estabiliza e transmuta a vida de quem os consultar.

A própria forma de os pretos-velhos incorporarem já é um reflexo dessa qualidade de Obaluaê, diante da qual todos se curvam, se aquietam e evoluem calmamente.

Todo ser natural de Obaluaê incorpora curvado, e o mesmo acontece com os espíritos que atuam sob sua irradiação divina. O peso que parecem carregar não é fruto da idade avançada ou velhice, mas sim é a ação da qualidade estabilizadora desse orixá, telúrica na estabilidade e aquática na mobilidade.

Sim, Obaluaê é um orixá terra-água.

— Terra = estabilidade

— Água = mobilidade

Então vemos os pretos-velhos caminharem curvados e parecendo cansados. Mas quando se assentam em seus banquinhos para dar consultas, aí são vivazes, observadores e sábios sem deixar de ser simples.

Saibam que o modo peculiar que cada linha de Umbanda tem ao incorporar e ao se comunicar com os encarnados tem relação com a irradiação do orixá que a rege. E não tem nada que ver com a raça dos espíritos que se manifestam na Umbanda.

Tantas coisas já foram escritas como sendo conhecimentos acerca dos orixás e das linhas de Umbanda que o melhor a fazer é decantar tudo para absorver o que temos transmitido aqui.

E quem melhor para decantá-los senão Nanã Buruquê?

Sim, se Obaluaê é a estabilidade e movimento, Nanã Buruquê é a maleabilidade e a decantação, pois ela é um orixá água-terra, que polariza com ele, dando origem à irradiação da evolução.

Nanã é cósmica, dual e atua por atração magnética sobre os seres, cuja evolução está paralisada e o emocional está desequilibrado.

Então ela desparalisa a evolução do ser, o decanta de todo negativismo, o afixa no seu “barro” e o deixa pronto para a atuação de Obaluaê, que o remodelará, o estabilizará e o colocará novamente em movimento ou numa nova senda evolutiva.

Nanã é unigênita, pois foi gerada nessa qualidade dual do Divino Criador, que a tornou Sua qualidade que desfaz os excessos e decanta, ou enterra, os vícios.

Nanã, por ser essa qualidade em si, também a gera em si, multiplicando-se nos seus orixás intermediários e repetindo-se na qualidade divina que lhes transmite pela sua hereditariedade divina.

Ela forma com Obaluaê um par natural e são os orixás responsáveis pela evolução dos seres.

Nanã é dual porque manifesta duas qualidades ao mesmo tempo. Uma vai dando maleabilidade, desfazendo o que está paralisado ou petrificado, e decantando tudo e todos dos seus vícios, desequilíbrios ou negativismos.

Por essa sua qualidade ela é a divindade ou o mistério de Deus que atua sobre todos os espíritos que vão reencarnar, pois decanta todos os

seus sentimentos, mágoas e conceitos, e os adormece para que Obaluaê reduza-os ao tamanho de feto no útero da mãe que os reconduzira à luz da carne.

Observem que tudo isso acontece com a maioria dos espíritos sem consciência disso, pois, como qualidades de Deus, Nanã e Obaluaê realizam sem que saibamos que, ou como, estão atuando sobre nós, sempre visando nosso bem-estar e nossa evolução contínua.

Resumidamente, definimos Obaluaê e Nanã Buruquê assim:

- Obaluaê, orixá que rege a evolução dos seres e é o senhor das passagens dos estágios e dos planos da vida.
- Nanã Buruquê, orixá que rege sobre a evolução, decanta os seres de seus vícios e desequilíbrios e os adormece, preparando-os para a reencarnação.

Obaluaê

Obaluaê é o orixá que atua na Evolução e seu campo preferencial é aquele que sinaliza as passagens de um nível vibratório ou estágio da evolução para outro.

O orixá Obaluaê é o regente do pólo magnético masculino da linha da Evolução, que surge a partir da projeção do Orixá Essencial do Saber ou Orixá da Evolução.

O Orixá da Evolução é um dos sete Orixás Essenciais que formam a Coroa Divina regente do planeta e em sua projeção faz surgir, na Umbanda, a linha da Evolução, em cujo pólo magnético positivo, masculino e irradiante está assentado o orixá natural Obaluaê, e em cujo pólo magnético negativo, feminino e absorvente está assentada a orixá Nanã Buruquê. Ambos são orixás de magnetismo misto e cuidam das passagens dos estágios evolutivos.

Ambos são orixás terra-água (magneticamente falando). Obaluaê é ativo no magnetismo telúrico e passivo no aquático. Nanã é o contrário. Mas ambos atuam em total sintonia vibratória, energética e magnética. E onde um age passivamente, o outro atua ativamente. Nanã decanta os espíritos que irão reencarnar e Obaluaê estabelece o cordão energético que une o espírito ao corpo (feto), que será recebido no útero materno assim que alcançar o desenvolvimento celular básico (órgãos físicos).

É o mistério “Obaluaê” que reduz o corpo plasmático do espírito até que fique do tamanho do corpo carnal alojado no útero materno. Nessa redução (que é um mistério de Deus regido por Obaluaê) o espírito assume todas as características e feições do seu novo corpo carnal, já formado.

Muitos associam o divino Obaluaê apenas com o orixá curador, que ele realmente é, pois cura mesmo! Mas Obaluaê é muito mais do que já o descreveram. Ele é o “Senhor das Passagens” de um plano para outro, de uma dimensão para a outra, e mesmo do espírito para a carne e vice-versa.

Nós só vamos descrever os orixás Obaluaês intermediários assentados nos pólos positivos da linha da Evolução, que é a 6ª linha de Umbanda, pois eles aplicam os aspectos (qualidades, atributos e atribuições) positivos do orixá Obaluaê natural. Já seus pólos magnéticos negativos, que são os que aplicam seus aspectos negativos, não descreveremos, pois a Umbanda não lida com esses seus aspectos.

Vamos aos sete orixás Obaluaês intermediários, que são os Orixás Regentes dos pólos magnéticos positivos da linha da Evolução:

- 1º Obaluaê: é o Obaluaê Cristalino ou Obaluaê da Evolução Religiosa. Ele surge a partir do 1º pólo magnético da irradiação da Evolução (linha), que é formado com o entrecruzamento com a corrente eletromagnética cristalina positiva regida pela orixá Oxalá (orixá da Religiosidade).
- 2º Obaluaê: é o Obaluaê Mineral ou da Evolução da Conceção. Ele surge a partir do 2º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética mineral regida pelo orixá Oxum (orixá da Conceção).
- 3º Obaluaê: é o Obaluaê Vegetal ou Obaluaê da Evolução do Raciocínio. Ele surge a partir do 3º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética vegetal regida por Oxóssi (orixá do Conhecimento).
- 4º Obaluaê: é o Obaluaê Ígneo ou Obaluaê da Evolução da Razão. Ele surge a partir do 4º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética ígnea regida pelo orixá Xangô (orixá da Justiça).
- 5º Obaluaê: é o Obaluaê Eólico ou Obaluaê da Evolução da Consciência. Ele surge a partir do 5º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética eólica, regida por Ogum (orixá da Lei).
- 6º Obaluaê: é o Obaluaê Telúrico ou Obaluaê das Passagens. Ele surge a partir do 6º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética telúrica, regida por Obaluaê (orixá da Evolução).
- 7º Obaluaê: é o Obaluaê Aquático ou da Evolução da Criação. Ele surge a partir do 7º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética aquática, regida por Iemanjá (orixá da Geração).

Aí temos os sete orixás Obaluaês intermediários regentes dos níveis vibratórios da linha da Evolução. Eles pontificam as hierarquias intermediárias surgidas com a projeção de Obaluaê, o orixá natural masculino da Evolução.

Esperamos que os umbandistas deixem de temê-lo e passem a amá-lo a adorá-lo pelo que ele realmente é: um Orixá Divino que cuida da evolução dos seres, das criaturas e das espécies e esqueçam as abstrações dos que se apegaram a alguns de seus aspectos negativos e os usam para assustar seus semelhantes.

Esses manipuladores dos aspectos negativos do orixá Obaluaê certamente conhecerão os orixás cósmicos que lidam com o negativo dele. Ao contrário dos tolerantes Exus da Umbanda, esses Obaluaês cósmicos são intolerantes com quem invoca os aspectos negativos do orixá maior Obaluaê para atingir seus semelhantes. E o que tem de supostos “pais-de-santo” apodrecendo nos pólos magnéticos negativos só porque deram mau uso aos aspectos negativos de Obaluaê... Bem, deixemos que eles cuidem de suas lepras emocionais.

Oferenda

Velas brancas; vinho rosé licoroso, água potável; coco fatiado coberto com mel e pipocas; rosas, margaridas e crisântemos, tudo depositado no cruzeiro do cemitério, à beira-mar ou à beira de um lago.

Água de Obaluaê para a Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água de fonte, rio ou lago, com folhas de louro e manjerição maceradas e curtidas por três dias.

Nanã

A orixá Nanã rege sobre a maturidade e seu campo preferencial de atuação é o racional dos seres. Atua decantando os seres emocionados e preparando-os para uma nova “vida”, já mais equilibrada.

A orixá Nanã Buruquê rege uma dimensão formada por dois elementos, que são terra e água. Ela é de natureza cósmica, pois seu campo preferencial de atuação é no emocional dos seres que, quando recebem suas irradiações, aquietam-se, chegando até a ter suas evoluções paralisadas. E assim permanecem até que tenham passado por uma decantação completa de seus vícios e desequilíbrios mentais.

Nanã forma com Obaluaê a sexta linha de Umbanda, a da Evolução. E enquanto ele atua na passagem do plano espiritual para o material (encarnação), ela age na decantação emocional e no adormecimento do espírito que irá encarnar. Saibam que os orixás Obá e Omolu são regidos por magnetismos “terra-pura”, enquanto Nanã e Obaluaê são regidos por magnetismos mistos “terra-água”. Obaluaê absorve essência telúrica e irradia energia elemental telúrica, mas também absorve energia elemental aquática, fraciona-a em essência aquática e a mistura à sua irradiação elemental telúrica, que se torna “úmida”.

Já Nanã atua de forma inversa: seu magnetismo absorve essência aquática e a irradia como energia elemental aquática: absorve o elemento terra e, após fracioná-lo em essência, irradia-o junto com sua energia aquática.

Esses dois orixás são únicos, pois atuam em pólos opostos de uma mesma linha de forças e, com processos inversos, regem a evolução dos seres. Enquanto Nanã decanta e adormece o espírito que irá reencarnar, Obaluaê o envolve em uma irradiação especial, que reduz o corpo energético do espírito, já adormecido até o tamanho do feto já formado dentro do útero materno onde está sendo gerado.

Esse mistério divino, que reduz o espírito até o tamanho do corpo carnal, ao qual já está ligado desde que ocorreu a fecundação do óvulo pelo sêmen, é regido por nosso amado pai Obaluaê, “Senhor das Passagens” de

um plano para outro.

Já nossa amada mãe Nanã envolve o espírito, que irá reencarnar, em uma irradiação única, que dilui todos os acúmulos energéticos, assim como adormece sua memória, preparando-o para uma nova vida na carne, onde não se lembrará de nada do que já vivenciou. É por isso que Nanã é associada à anciência, à velhice, que é quando a pessoa começa a se esquecer de muitas coisas que vivenciou na sua vida carnal.

Portanto, um dos campos de atuação de Nanã é a “memória” dos seres. E se Oxóssi aguça o raciocínio, ela adormece os conhecimentos do espírito para que eles não interfiram com o destino traçado para toda uma encarnação.

Em outra linha da vida, ela é encontrada na menopausa. No início dessa linha está Oxum estimulando a sexualidade feminina; no meio está Iemanjá, estimulando a maternidade; e no fim está Nanã, paralisando tanto a sexualidade quanto a geração de filhos.

Nas “linhas da vida”, encontramos os orixás atuando por meio dos sentidos e das energias, e cada um rege uma etapa da vida dos seres. Logo, quem quiser ser categórico sobre um orixá, tome cuidado com o que afirmar, porque onde um de seus aspectos se nos mostra, outros estão ocultos. E o que está visível nem sempre é o principal em uma linha da vida. Saibam que Nanã, em seus aspectos positivos, forma pares com todos os outros treze orixás, mas sem nunca perder suas qualidades “água-terra”.

Já em seus aspectos negativos, bem, como a Umbanda não lida com eles, que os comente quem lidar.

Oferenda

Velas brancas, roxas e rosa; champanhe rosé, calda de ameixa ou de figo; melancia, uva, figo, ameixa e melão, tudo depositado à beira de um lago ou mangue.

Água de Nanã para Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água de rio ou lago com crisântemos e guiné macerados e curtidos por 72 horas.

7ª Linha de Forças Divinas ou Irradiação da Geração Divina

Olorum cria e gera em Si mesmo tudo o que existe. E tem nessa faculdade criativa e geradora uma de suas qualidades, pela qual sua gênese divina vai surgindo e concretizando-se, já como o meio e como os seres que nele vivem.

A qualidade genésica do Divino Criador é a fonte da vida e das coisas que dão sustentação a ela.

Olorum cria e gera em Si mesmo, e criou e gerou nessa Sua qualidade uma divindade Criativa e Geradora, que é essa Sua qualidade em si mesma.

Então surgiu Iemanjá, divindade unigênita gerada na qualidade criativa e geradora de Olorum, que a tornou em si mesma a sua qualidade criativa e geradora.

Ela é unigênita, e por isso tanto gera em si quanto gera de si.

Quando gera em si, dá origem à sua hierarquia de Orixás da Criação e Orixás da Geração, que são divindades que manifestam uma dessas duas naturezas de Iemanjá.

Quando gera de si, ela irradia essa sua dupla faculdade e quem a absorve torna-se criativo e gerador no aspecto da vida a que se dedicar.

A lenda nos diz que Iemanjá é tida como a mãe de todos os orixás, e está relativamente certa, pois se algo existe é porque foi gerado. E porque Iemanjá é em si mesma essa qualidade geradora do Divino Criador, então ela está na origem de todas as divindades.

Mas as coisas de Deus não acontecem assim, e Ele, quando começou a gerar, já havia ordenado sua geração. Então Ogum já existia e ordenava a geração de Iemanjá. Oxum já existia e agregava o que ela estava gerando, etc.

Bem, o caso é que Iemanjá é a Mãe da Vida e como tudo só existe porque foi gerado, então ela está na geração de tudo o que há.

Ela tem nessa sua qualidade genésica um de seus aspectos mais marcantes, pois atua com intensidade na geração dos seres, das criaturas e das

espécies, despertando em cada um, e em todos, um amor único pela sua hereditariedade.

O amor maternal é uma característica marcante dessa divindade da geração e quem se coloca de forma reta sob sua irradiação logo começa a vibrar esse amor maternal, que aflora e se manifesta com intensidade.

Iemanjá, por ser em si a geração, está na gênese de tudo como os próprios processos genéticos. E se a qualidade Oxum agrega, ou funde o sêmen e o óvulo, Iemanjá é o processo genético que inicia a multiplicação celular, ordenada por Ogum, comandada por Oxóssi, direcionada por Iansã, equilibrada por Xangô, estabilizada por Obaluaê e cristalizada num novo ser por Oxalá.

Viram como um orixá não dispensa a atuação dos outros porque todos são fundamentais e indispensáveis a tudo o que existe?

Bem, Iemanjá, a nossa Mãe da Vida, é por demais conhecida em alguns de seus aspectos. Mas em outros é totalmente desconhecida.

Ela, por ser em si mesma a qualidade criativa e geradora de Olorum, então gera de si duas hierarquias divinas: uma é regida pelo Orixá da Criatividade, que gera em si mesmo essa qualidade e a irradia de forma neutra a tudo o que vive, tornando todos os seres, criaturas e espécies muito criativos e capazes de se adaptar às condições e meios mais adversos à vida. A outra é regida pelo Orixá da Geração, que é em si mesmo a qualidade genésica do Divino Criador e gera e irradia essa qualidade a tudo e todos, concedendo a tudo e todos a condição de se fundir com coisas ou seres afins para multiplicar-se e repetir-se.

- Átomos afins fundem-se e dão origem aos minérios.
- Elementos afins fundem-se e dão origem a novos elementos.
- Energias afins fundem-se e dão origem a novas energias.
- Cores afins fundem-se e dão origem a novas cores.
- Seres afins (machos e fêmeas de uma mesma espécie) fundem-se e dão origem a novos seres.

Os Orixás da Geração regem sobre esse aspecto da gênese e não só sobre o sexo em si mesmo. O campo desses orixás é tão vasto na vida dos seres e na criação divina que os definimos melhor se simplesmente dissermos: os Orixás da Geração estão na gênese de tudo e de todos porque são uma das características de Iemanjá, que é em si mesma a geração divina.

Portanto, criatividade e geração são os dois lados de uma mesma coisa: gênese divina!

E Iemanjá as manifesta em suas duas hierarquias de orixás: os da criatividade e os da geração.

Por ser a divindade da criatividade e da geração, Iemanjá está em todas as outras qualidades divinas, mas polariza com o orixá Omolu e faz

surgir a Irradiação da Geração, que tem nele o recurso de paralisar todo processo criativo ou gerativo que se desvirtuar, se degenerar, se desequilibrar, se emocionar ou se negatizar.

Deus tanto gera quanto paralisa a criação que não mais atende aos seus desígnios e paralisa a geração que não atende às suas vontades.

Essa Sua qualidade é um recurso para paralisar tudo e todos que estiverem criando ou gerando em sentido contrário (desvirtuado) ao que Ele estabeleceu como correto (virtuoso).

E aí surge Omolu, divindade unigênita gerada nessa qualidade de Olorum, que o tornou em si mesmo esse Seu recurso paralisador de toda a criação ou geração desvirtuada.

Omolu, divindade unigênita, tanto gera em si como gera de si.

Quando gera em si, faz surgir sua hierarquia de orixás cósmicos, ativos, negativos, secos, implacáveis e rigorosíssimos com toda criatividade e geração desvirtuada, desequilibrada, emocionada ou contrária aos sete sentidos da vida.

- Religiosidade contrária ao sentido da fé, lá está Omolu cristalino para paralisá-la e esgotá-la.
- Amor apaixonado, lá esta Omolu mineral para desapassioná-lo e esgotá-lo.
- Conhecimento desvirtuador das verdades, lá está Omolu vegetal para anulá-lo e esgotar quem o está difundindo.

Enfim, Omolu, como qualidade paralisante, também está em todas as outras qualidades e será ativado assim que seus irradiadores ou os beneficiários delas se excederem ou se omitirem.

O mistério Omolu transcende a tudo o que possamos imaginar e as lendas o limitaram a alguns de seus aspectos, na maioria negativos, tornando-o temido e evitado por muitos adoradores dos orixás.

Se Omolu rege sobre o “cemitério” e sobre os espíritos dos “mortos” é porque esses espíritos atentaram contra a vida ou algum dos seus sentidos. Logo, só deve temê-lo quem assim proceder, pois aí, queira ou não, será alcançado por sua irradiação paralisadora que atuará sobre seu magnetismo e o enviará a um meio onde só seus afins desequilibrados vivem.

A cada um segundo seu merecimento é o que diz a Lei. Já o mistério Omolu aplica esse princípio em seu aspecto negativo e o define assim: a cada um segundo seus atos. Se positivos, que sejam conduzidos à luz da vida, mas, se negativos, que sejam arrastados para os sombrios domínios da morte dos sentidos e sentimentos desvirtuadores da vida.

Nós definimos, resumidamente, Iemanjá e Omolu, assim:

— Iemanjá é a Mãe da Vida, pois gera vida em si mesma.

— Omolu é o Guardião da Vida, pois paralisa todos que atentarem contra ela e os pune com um rigor único.

Iemanjá

Iemanjá é o orixá feminino da Geração e seu campo preferencial de atuação é no amparo à vida, em todas as suas formas.

Iemanjá é por demais conhecida e não nos alongaremos ao comentá-la.

O fato é que o Orixá Essencial da Geração assentado na Coroa Divina projeta-se e faz surgir, na Umbanda, a linha da Geração, em cujo pólo magnético positivo está assentado o orixá natural Iemanjá e no negativo está o orixá Omolu.

Iemanjá, a nossa amada Mãe da Vida, é a água que vivifica e o nosso amado pai Omolu é a terra que amolda os viventes. Como dedicamos um comentário extenso ao orixá Omolu, vamos nos concentrar em Iemanjá.

Iemanjá rege sobre a geração e simboliza a maternidade, o amparo materno, a mãe propriamente. Ela se projeta e faz surgir sete pólos magnéticos ocupados por sete Iemanjás intermediárias, regentes dos níveis vibratórios positivos e são as aplicadoras de seus aspectos, todos positivos, pois Iemanjá não possui aspectos negativos.

Essas sete Iemanjás são intermediárias e comandam incontáveis linhas de trabalho dentro da Umbanda. Suas orixás intermediadoras estão espalhadas por todos os níveis vibratórios positivos, nos quais atuam como mães da “criação”, sempre estimulando nos seres os sentimentos maternos ou paternais. Vamos às sete Iemanjás regentes dos níveis vibratórios positivos:

- 1ª Iemanjá: é a orixá Iemanjá Cristalina ou da Geração da Fé. Ela surge no 1º nível vibratório e no 1º pólo magnético formado pelo entrecruzamento da irradiação da Geração com a corrente eletromagnética cristalina, regida por Oxalá (orixá da Fé).
- 2ª Iemanjá: é a orixá Iemanjá Mineral ou Iemanjá do Arco-Íris, do Amor e da Concepção. Ela surge no 2º pólo magnético formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética mineral, regida por Oxum (orixá do Amor e da Concepção).

- 3ª Iemanjá: é a orixá Iemanjá Vegetal ou Iemanjá da Seiva do Conhecimento. Ela surge no 3º pólo magnético formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética vegetal, regida por Oxóssi (orixá do Conhecimento).
- 4ª Iemanjá: é a orixá Iemanjá Ígnea ou Iemanjá do Calor da Geração. Ela surge no 4º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética ígnea, regida por Xangô (orixá da Justiça).
- 5ª Iemanjá: é a orixá Iemanjá do Ar ou Iemanjá da Geração da Ordem. Ela surge no 5º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética eólica, regida por Ogum (orixá da Lei e da Ordem).
- 6ª Iemanjá: é a orixá Iemanjá da Evolução ou Iemanjá da Geração do Saber. Ela surge no 6º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento da corrente eletromagnética telúrica, regida por Obaluaê (orixá da Evolução).
- 7ª Iemanjá: é a orixá Iemanjá da Criação ou Iemanjá da Geração. Ela surge a partir do 7º pólo magnético, formado pelo entrecruzamento com a corrente eletromagnética aquática, regida por Iemanjá (orixá da Geração).

Aí temos a classificação e descrição correta das sete orixás Iemanjás naturais intermediárias, que são as regentes dos sete níveis vibratórios da linha da Geração. Todas atuam em nível multidimensional e projetam-se até para a dimensão humana, onde têm muitas de suas filhas estagiando. Todas têm suas hierarquias de orixás Iemanjás intermediadoras, que regem hierarquias de espíritos religados às hierarquias naturais.

Oferenda

Velas brancas, azuis e cor-de-rosa; champanhe, calda de ameixa ou de pêssego, manjar, arroz-doce e melão; rosas e palmas brancas, tudo depositado à beira-mar.

Água de Iemanjá para Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água de fonte com pétalas de rosas brancas e erva cidreira maceradas e curtidas por sete dias.

Omolu

Omolu é o orixá que rege a morte ou o instante da passagem do plano material para o espiritual (desencarne).

É com tristeza que temos visto o temor dos irmãos umbandistas quando é mencionado o nome do nosso amado Omolu. E no entanto descobrimos que esse medo é um dos frutos amargos que nos foram legados por alguns semeadores dos orixás em solo brasileiro, pois difundiram só os dois extremos do mais caridoso dos orixás, já que Omolu é o guardião divino dos espíritos caídos.

O orixá Omolu guarda para Olorum todos os espíritos que fraquejaram durante sua jornada carnal e entregaram-se à vivenciação de seus vícios emocionais.

Mas ele não pune ou castiga, pois essas ações são atributos da Lei Divina, que também não pune ou castiga. Ela apenas conduz cada um ao seu devido lugar logo após o desencarne. E se alguém semeou ventos, que colha sua tempestade pessoal, mas amparado pela própria Lei, que o recolhe a um dos sete domínios negativos, todos regidos pelos orixás cósmicos ou que são magneticamente negativos. E Omolu é um desses guardiões divinos que consagraram a si e à sua existência, como divindade, ao amparo dos espíritos caídos perante as leis que dão sustentação a todas as manifestações da vida.

Essa qualidade divina do nosso amado pai foi interpretada de forma incorreta ou incompleta e o que definiram no decorrer dos séculos é que Omolu é um dos orixás mais “perigosos” de se lidar, ou um dos mais intolerantes, e isso quando não o descrevem como implacável nas suas punições.

Mas o que encontrei nele não condiz com a forma como o “humanizaram” e, ano após ano, fui conhecendo uma divindade ímpar. Descobri-o como sendo a própria caridade divina para com os espíritos caídos nos campos da morte porque atentaram contra os princípios da vida.

Ele, na linha da Geração, que é a sétima linha de Umbanda, forma um par energético, magnético e vibratório com nossa amada mãe Iemanjá, no

qual ela gera a vida e ele paralisa os seres que atentam contra os princípios que dão sustentação às manifestações da vida.

Em Omolu descobri o amor de Olorum, pois é por puro amor divino que uma divindade consagra-se por inteiro ao amparo dos espíritos caídos. E foi por amor que ele assumiu a incumbência de nos paralisar em seus domínios sempre que começamos a atentar contra os princípios da vida.

Enquanto a nossa mãe Iemanjá estimula em nós a geração, o nosso pai Omolu nos paralisa sempre que desvirtuamos os atos geradores. Mas essa “geração” não se restringe só à hereditariedade, já que temos muitas faculdades além dessa, de fundo sexual. Afinal geramos idéias, projetos, empresas, conhecimentos, inventos, doutrinas, religiosidades, anseios, desejos, angústias, depressões, fobias, leis, preceitos, princípios, templos, etc.

Temos a capacidade de gerar muitas coisas, e se elas estiverem em acordo com os princípios sustentados pela irradiação divina que na Umbanda recebe o nome de “linha da Geração” ou sua “sétima linha de Umbanda”, então estamos sob a irradiação da divina mãe Iemanjá, que nos estimula.

Mas se nas nossas “gerações” atentarmos contra os princípios da vida codificados como os únicos responsáveis pela multiplicação da vida, então já estaremos sob a irradiação do divino pai Omolu, que nos paralisará e começará a atuar em nossas vidas, pois deseja nos preservar e defender de nós mesmos, já que sempre que uma ação nossa possa prejudicar alguém ela já nos atingiu, feriu e nos escureceu, colocando-nos em um de seus sombrios domínios.

Omolu só foi humanizado em seus dois pólos, ou nos seus extremos. E se em seu pólo negativo e escuro ele é punidor, em seu pólo positivo ele é o orixá curador por excelência divina, pois cura as “almas” feridas... por si próprias.

Ele é o excelso curador divino, pois acolhe em seus domínios todos os espíritos que se feriram quando pensaram que, por egoísmo, estavam atingindo seus semelhantes. E, por amor, ele nos dá seu amparo divino até que, sob sua irradiação, nós mesmos tenhamos nos curado ao retornar ao caminho reto trilhado por todos os espíritos amantes da vida e multiplicadores de suas benesses. Todos somos dotados dessa faculdade, já que multiplicamos a da vida, seja em nós mesmos, pela sexualidade, seja nas idéias, por meio de nosso raciocínio, assim como geramos muitas outras coisas que tornam a vida verdadeira dádiva divina.

Omolu, em seu pólo positivo, é o curador divino e tanto cura nossa alma ferida quanto nosso corpo doente. Se orarmos a ele quando estivermos enfermos ele atuará no corpo energético, nosso magnetismo, nosso campo vibratório e sobre nosso corpo carnal, que tanto poderá curá-lo quanto nos conduzir a um médico que detectará de imediato a doença e receitará a medicação correta.

Então, pergunto: “Se Omolu é curador, ele não é a própria caridade para com os enfermos? E se ele é curador, como podem descrevê-lo como um orixá temido?”.

O orixá Omolu atua em todos os seres humanos, independentemente de religião. Mas essa atuação geral e planetária processa-se por uma faixa vibratória específica e exclusiva, pois é por ela que fluem as irradiações divinas de um dos mistérios de Deus, que denominamos de “Mistério da Morte”.

Mas entendam esse mistério como ele deve ser, e não como o têm ensinado.

Omolu, como força cósmica e mistério divino, é a energia que se condensa em torno do fio de prata que une o espírito e o seu corpo físico, e o dissolve no momento do desencarne ou passagem de um plano para o outro. Nesse caso ele não se apresenta como o espectro da morte, coberto com um manto e capuz negro, empunhando o alfanje da morte que corta o fio da vida. Essa descrição é apenas uma forma simbólica ou estilizada de descreverem a força divina que ceifa a vida na carne.

Na verdade a energia que rompe o fio da vida na carne é de cor escura e tanto pode parti-lo num piscar de olhos quando a morte é natural e fulminante, como ela pode ir se condensando em torno dele, envolvendo-o todo até alcançar o perispírito, que já entrou em desarmonia vibratória porque a passagem deve ser lenta, induzindo o ser a aceitar seu desencarne de forma passiva.

Esse mistério regido por Omolu é um dos recursos de Deus e atua num momento de muita dificuldade para os seres, pois não é fácil, para alguém não preparado, essa viagem rumo ao desconhecido mundo dos espíritos ou dos mortos.

O orixá Omolu atua em todas as religiões, sendo em algumas denominado de “Anjo da Morte” e em outras de divindade ou “Senhor dos Mortos”.

No antigo Egito ele foi muito cultuado e ensinado e foi dali que partiram sacerdotes que o divulgaram em muitas culturas de então. Mas com o advento do Cristianismo seu culto foi desestimulado, já que a religião cristã recorre aos termos “anjo” e “arcanjo” para designar as divindades. Logo, nada mais lógico que recorrer ao arquétipo tão temido do “Anjo da Morte”, todo coberto de preto e portando o alfanje da morte, para preencher a lacuna surgida com o ostracismo do orixá ou divindade responsável por esse momento tão delicado na vida dos seres.

Sábios foram os egípcios, pois criaram todo um ritual de passagem e encomenda do espírito que retornava ao mundo dos mortos ou dos espíritos.

“Humanizar-se” significa o orixá ou a divindade assumir feições humanas, compreensíveis por nós e de mais fácil assimilação e interpretação.

Vamos denominar os sete Omolus a partir de seu segundo elemento, energias, irradiações e linhas de Umbanda nas quais atuam. Não vamos

denominá-los senão com o nome da linha na qual formam pares ou linhas cruzadas. De que nos adianta escrevermos aqui seus nomes em uma língua incompreensível aos milhões de umbandistas, que só falam e entendem o português?

Logo, as atribuições dos sete Omolus são acolher todos os espíritos que, no momento em que o mistério Omolu os desligou do corpo material, em vez de serem atraídos para os pólos magnéticos positivos da linha da Geração, foram para o lado negativo, monocromático e se mostra aos olhos dos espíritos de luz como de um azul profundo e muito denso, aos caídos se mostra com uma cor preta impenetrável para suas visões espirituais, distorcidas pelos seus vícios desumanos, semeadores da dor em seus semelhantes.

- 1º Omolu ou Omolu Cristalino. É um orixá intermediário, que atua intensamente na vida dos seres que desvirtuaram os princípios geradores de religiosidade e enfraquecem (matam) a fé na vida de seus semelhantes. Na horizontal ele recebe a irradiação cósmica da corrente eletromagnética cristalina regida por Oyá Tempo (orixá da Religiosidade).
- 2º Omolu ou Omolu Mineral. É um orixá intermediário, que atua intensamente na vida dos seres que desvirtuam os princípios geradores da concepção e enfraquecem (matam) o amor na vida de seus semelhantes. Na horizontal ele recebe a irradiação cósmica da corrente eletromagnética mineral regida por Oxumaré (orixá da Sexualidade).
- 3º Omolu ou Omolu do Conhecimento. É um orixá intermediário, que atua intensamente na vida dos seres que desvirtuam os princípios geradores do raciocínio e enfraquecem (matam) o conhecimento na vida de seus semelhantes. Na horizontal ele recebe a irradiação cósmica da corrente eletromagnética telúrica regida por Obá (orixá do Conhecimento).
- 4º Omolu ou Omolu Eólico. É um orixá intermediário, que atua intensamente na vida dos seres que desvirtuam os princípios geradores da ordem e enfraquecem (matam) a lei na vida de seus semelhantes. Na horizontal é regido pela corrente eletromagnética eólica regida por Iansã (orixá da Lei).
- 5º Omolu ou Omolu Ígneo. É um orixá intermediário, que atua intensamente na vida dos seres que desvirtuam os princípios geradores da razão e enfraquecem (matam) a justiça na vida de seus semelhantes. Na horizontal é regido pela corrente eletromagnética ígnea regida por Egunitá (orixá da Justiça).
- 6º Omolu ou Omolu da Água. É um orixá intermediário, que atua intensamente na vida dos seres que desvirtuam os princípios do saber e enfraquecem (matam) a evolução na vida de seus semelhantes. Na

horizontal é regido pela corrente eletromagnética aquático-telúrica regida por Nanã (orixá da Evolução).

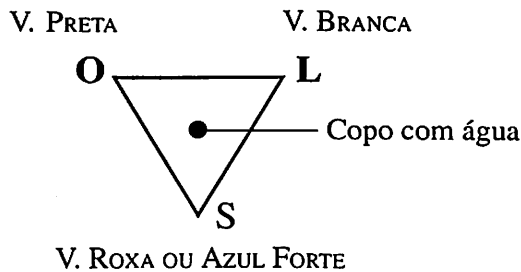
- 7º Omolu ou Omolu da Terra. É um orixá intermediário, que atua intensamente na vida dos seres que desvirtuam os princípios da criação e enfraquecem (matam) a vida de seus semelhantes. Na horizontal é regido pela corrente eletromagnética telúrica regida pelo orixá Omolu (orixá da Geração).

Bem, com esses rápidos comentários vocês já têm uma noção limitada do campo de ação dos sete Orixás Intermediários Omolus.

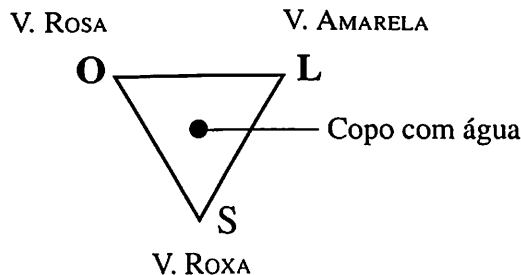
Agora vamos dar as cores das velas de cada um deles. Assim, quando sentir que alguma coisa imponderável está desequilibrando sua vida, saúde ou evolução natural, poderá invocá-los para atuar em seu favor.

As cores dos sete Omolus dentro dos seus triângulos de forças ativas e seus pontos cardeais são estas:

1º Omolu da Fé:



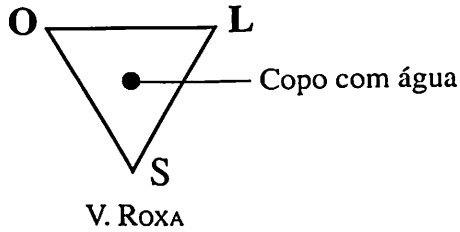
2º Omolu da Conceição:



3º Omolu do Conhecimento:

V. MARROM

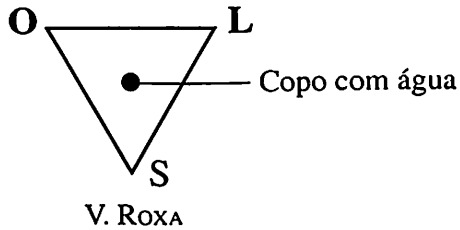
V. VERDE



4º Omolu da Justiça:

V. DOURADA

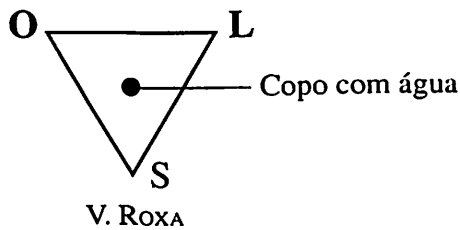
V. VERMELHA



5º Omolu da Lei:

V. VERMELHA

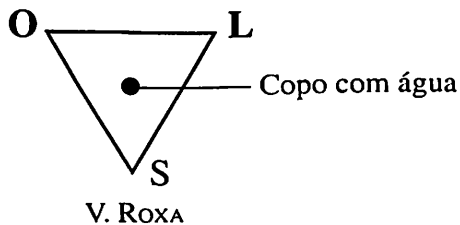
V. AZUL FORTE



6º Omolu da Evolução:

V. BRANCA

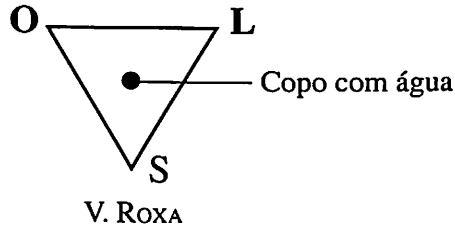
V. LILÁS



7º Omolu da Geração:

V. AZUL-CLARO

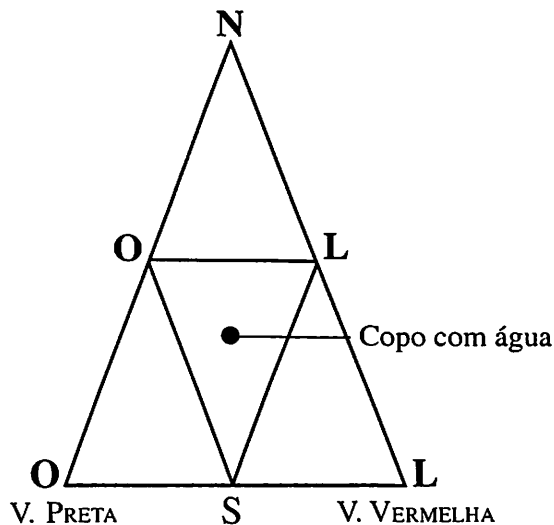
V. PRETA



Aí estão as cores das velas que se deve usar quando forem invocá-los. Lembrem-se de que não devem invocá-los por motivos fúteis. Os sete são orixás guardiões dos princípios da geração e suas atuações são poderosíssimas, caso a causa em questão lhes for favorável ou justa.

Lembrem-se também de que, quer os invoquem ou não, eles atuarão na vida de quem está desvirtuando os princípios da geração. Mas essa será uma atuação inconsciente, pois o ser que age não a entenderá como uma vontade da Lei Maior. Já quando são invocados, a atuação inconsciente torna-se uma atuação consciente, e o processo será acelerado assim que a invocação terminar. Deve-se também, após a firmeza do triângulo de forças de um dos sete Omolus, firmar um outro oposto que fecha em seu interior o que for firmado. As cores desse triângulo maior são estas:

V. BRANCA



Após formar o triângulo maior, deve-se saudar o senhor Omolu e solicitar-lhe que, dentro de seu triângulo da justiça divina, injustiças não sejam feitas durante o desenrolar da causa que ali foi acelerada.

Lembrem-se de que só justiça será feita, e nenhuma força contrária anulará o processo colocado em ação.

Mas se quem formular uma ação dessa natureza ao nosso amado Omolu por acaso estiver sendo movido por princípios mórbidos, sofrerá as transformações íntimas que logo começarão a acontecer, já que ninguém deve desejar a “morte” de um seu semelhante e muito menos deve pedi-la justamente ao orixá responsável pela paralisação dos seres que atentam contra a vida.

Agora, se deseja firmar o mistério Omolu do lado de fora do templo ou mesmo de sua casa, deve firmar o triângulo com o vértice voltado para o norte e colocar um copo de água no centro dele, solicitando que ele tome conta do templo ou da casa e afaste dela todos os espíritos desvirtuados que a estejam perturbando.

A água é uma reverência à orixá Iemanjá, que é deste elemento e é o pólo positivo da linha da Geração, e deve ser colocada dentro do triângulo de forças do nosso amado Omolu, que tem nela a mãe divina geradora de “vidas”.

Muitos colocam água sem saber o motivo na oferenda a Omolu, regido pelo elemento terra. A água fica em “cima” da terra porque Iemanjá é o pólo positivo ou o pólo de cima.

Reflitam um pouco e logo descobrirão que os próprios filhos de Omolu não sabem disso. Ou melhor, não sabiam, pois assim que lerem nossa revelação dirão que já sabiam só que não podiam revelar, pois isso é um “eró”. É claro que é um eró. Só que é aberto, e fechado era o conhecimento deles, se é que...

Bem, o fato é que todo dirigente espiritual de um templo de Umbanda deve realizar uma oferenda ao senhor Omolu dentro do campo santo (cemitério) ou à beira-mar, oferecendo velas, água, coco, vinho doce licoroso, mel, pipoca e um pouco de sal grosso dentro de um pires.

As velas podem ser acesas em triângulo com a vela branca ao norte, a vermelha a leste e a preta a oeste. Ou podem ser acesas em círculos, com as brancas no interior, as vermelhas no círculo do meio e as pretas no círculo mais externo. Só depois de acendê-las é que se coloca dentro do círculo, e diretamente sobre a terra, os alimentos e bebidas que recomendamos.

Bem, após este alerta, encerraremos este comentário sobre nosso amado Omolu, dizendo:

— Médiuns de Umbanda, sigam corretamente o que aqui ensinamos sobre este orixá e encontrarão nele a força e o poder cósmico capaz de anular as magias negras. Sempre que firmarem um triângulo ou um círculo mágico como aqui ensinamos, estarão ativando as qualidades, atributos e atribuições positivas e luminosas do orixá Omolu e acelerarão os processos da Lei que, com sua poderosa luz, anula as mais terríveis magias negativas ativadas pelos seres viciados, desvirtuados e desequilibrados por sua religiosidade e conhecimentos pervertidos e devastadores da vida. Confie

nas qualidades, atributos e atribuições positivas de nosso amado Omolu, pois eles são superiores, mais fortes e mais poderosos que as magias negras. Apresentem-se a ele e estabeleçam uma ligação mental luminosa. Depois recorram aos seus mistérios para melhor desempenhar suas missões de médiuns de Umbanda. Enquanto muitos ainda apenas dançam para os sagrados orixás, vocês já trabalham e atuam intensamente na vida dos seus semelhantes. E será no trabalho consciente com os mistérios regidos pelos sagrados orixás que, no futuro, se assentarão à direita dos sagrados pais e mães do Ritual de Umbanda Sagrada, entre os quais está nosso amado Omolu.

Atotô, meu pai!

Oferenda

Sete velas brancas acesas em um círculo; 1 garrafa de vinho branco licoroso; crisântemos brancos; 1 prato de pipoca estourada regada com mel; coco fatiado regado com mel e 1 bife de carne de porco regado com azeite de dendê.

Água de Omolu para Lavagem de Cabeça (Amaci)

Água de fonte com pétalas de crisântemo branco maceradas e curtidas por sete dias.

Para receber catálogos, lista de preços
e outras informações escreva para:

MADRAS®
Editora

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana
02403-020 — São Paulo — SP

Tel.: (0__11) 6959.1127 — Fax: (0__11) 6959.3090
www.madras.com.br